ANO 33.º QUINTA-FEIRA, 24 DE DEZEMBRO DE 1953 N.º 11.157

Diario de Lisbôa

DIRECTOR — JOAQUIM MANSO
DIRECTOR-ADJUNTO — NORBERTO LOPES

TELEFONES: 2 0271, 2 0272 e 2 0273
ENDEREÇO TELEGRAFICO: *DIBOA*
REDACÇÃO, COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
RUA LUZ SORIANO, 44 a 48 — LISBOA
PROPRIEDADE DA RENASCENÇA GRÁFICA
ADMINISTRAÇÃO — RUA DA ROSA, 57, 2.º
EDITOR — J. CHRISOSTOMO DE SA
NUMERO AVULSO: 80 CENTAVOS

NATAL

Nem só de pão vive o homem, mas também da palavra de Deus. Isto é verdadeiro, na Escritura, e também na vida de todos e de cada um de nós.

Que seria de nós, neste Mundo, onde os sonhos são belos e as almas ansiosas de perfeição, se vivessemos entregues exclusivamente á matéria e ás satisfações que nela se geram?

Poderiamos nós realizar a mais alta e perfeita das nossas aspirações—sujeitar o nosso corpo ao dominio do Espírito?

O Natal, que o calendário agora nos traz e nos oferece, representa a mais significativa comunhão—do humano no divino. É o próprio Filho de Deus que desce do Ceu á Terra para nos valer e ajudar, apresentando-se como o autor e a vítima da nossa redenção.

A revolução que promoveu e suportou nada deve ás forças terrenas, pois é inteiramente de inspiração divina: o mais sábio entre os mestres, o mais valente entre os herois, o mais puro entre os ascetas, não podiam conceber Cristo, antes de ele se revelar, apresentando-se na sua plena verdade—a humanidade, redimindo-se da escravidão, pelo sacrifício puríssimo de uma dedicação jámais vista.

Todas as nossas dividas—as dividas da criatura, em face do seu Criador—ficaram saldadas, inaugurando-se uma nova época, tão duradoura como a sêde de Infinito.

O Deus-Menino, sob a forma humana, lançou as bases da sabedoria eterna, pondo assim termo a uma angustia que atingia, ao mesmo tempo, servos e senhores. O Natal marca, imortalmente, o maior facto da Vida e da História—a unica fonte cuja corrente puríssima sacia todas as ansiedades e todas as inquietações.

Porque não buscamos nele, precisamente aquilo que nos pode dar—a paz no coração, o amor na vontade e a fé nas conquistas da humanidade?

Jesus, no absoluto da sua Obra sem par e na dádiva generosa da sua presença ás folhas do canavial que o temporal açoutava, tomou posição para todos os séculos, opondo á Morte e ao Nada a duração intermina do seu Verbo, renovador de tudo que é velho, fatigado e imperfeito.

Porque procedem os Povos de hoje como o avarento que, dominado pela cegueira das suas riquezas, vive fora da humanidade como uma pedra no deserto?

Acaso a celebração do Natal não encerra um aviso salutar a quantos se esquecem de aprender com Jesus a lição redentora, travando a marcha do ódio e erguendo altares á Fraternidade universal?

Estamos na hora própria em que cada um de nós deve rasgar a própria carne e proclamar-se servo e obreiro da Redenção.

Que importa ser poderoso, invencível e dominador, na extensão dos orbes e das gentes, se o Natal passar por ti como uma data festiva, correntia com os nossos hábitos, mas despojada da claridade divina que o aquece e ilumina?

É tempo de abrirmos os olhos e de sacudirmos as negras sombras que se interpõem, entre a nossa triste e mísera pobreza e o nascer do grande Sol da humanidade. O Natal não é como os banquetes de Lucullus em que os convivas comiam, comiam, comiam ricas iguarias, mas ficavam sempre com fome.

Um novo presépio

em barro policromado de Jorge Barradas

Eis o mais moderno Presépio português, saido das mãos inspiradas do notável artista e ceramista que é Jorge Barradas. Pela primeira vez se reproduz esta linda peça—peça unica, de ceramica colorida, que vai dar entrada na colecção do sr. marquês de Sabugosa.

Jorge Barradas, com o seu alto sentido decorativo e não se afastando do estilo dos nossos famosos presepistas, deu-nos uma obra de imortal beleza.

Junta da Sagrada Familia, como que ungida de emoção, entre os pastores enternecidos, que parece terem descido das neves das montanhas e vários animais, em que se destaca o cordeirinho simbólico—o berço nu, onde o Redentor brilha como a luz do Sol e o humano esplendor da verdade, que a mais dolorosa paixão devia eternizar. Uma graça angelical, uma atmosfera mistica, um lirismo lusiada palpitam nesta admirável «Adoração», de Jorge Barradas, que se pode considerar uma peça capital da escultura religiosa portuguesa.

(Foto Mário Novais)

O NÚMERO DE HOJE DO Diario de Lisbôa É DE 40 PÁGINAS

divididas em dois corpos que não podem ser vendidos separadamente

*

Amanhã, feriado nacional, estão encerrados todos os nossos serviços, não se publicando, por isso, o nosso jornal

RENE' COTY

O Papa dirigiu ao Mundo um apêlo a favor da paz

CIDADE DO VATICANO, 24.—O Papa Pio XII transmitiu hoje pela rádio ao Mundo um apelo a favor da paz. Pediu, especialmente, ás nações da Europa que se unissem contra o perigo comum, criado pelas «forças do materialismo». «É um erro de principio, declarou, confiar o estabelecimento de paz ao materialismo moderno que corrompe o homem nas suas raizes e sufoca a sua vida pessoal e espiritual». Disse que o materialismo só poderia

(Continua na 12.ª página)

René Coty instalou-se hoje no palácio do Eliseu onde chegou acompanhado de vistoso cortejo

PARIS, 24.—O presidente da Republica recem-eleito, René Coty, chegou ao palácio do Eliseu ás 10 e 40.

Ao findar a recepção intima de ontem á noite, na prefeitura do departamento do Sena e Oise, logo depois da eleição, René Coty foi descansar para os mesmos aposentos reservados a Thiers, em 1871.

Contrariamente ao que se pensava, o novo presidente da Republica só passou uma parte da noite em Versalhes e, em vez de seguir o protocolo, que previa para ele um quarto na prefeitura do Sena e Oise, cerca da 1 hora da manhã, regressou á sua residência parisiense, no Quai des Fleurs.

Acompanhava-o a esposa e uma das filhas, a sr.ª Georges. O novo presidente tentou iludir a vigilancia de alguns fotógrafos: «Os senhores estão enganados.—disse-lhes—Sou, apenas, o irmão do novo presidente. Este ficou em Versalhes». Mas, passados momentos, não teve outro remédio senão receber os parabens da porteira, comovidissima com a categoria do inquilino.

Esta manhã, ás 8 e 45, Coty estava de regresso a Versalhes para a partida do cortejo presidencial.

Logo que amanheceu, hoje, via-se em Versalhes um serviço de ordem importante. No pátio da prefeitura, dentro do gradeamento de flechas douradas, a cavalaria da Guarda Republicana, de grande uniforme, forma a barreira de honra. Ás 9 e 15, a cavalaria desembainha os sabres. Logo a seguir, a escolta motociclista, composta de 28 homens com fardamento de gala, posta-se em frente da prefeitura. Os fotógrafos da Imprensa, em

(Continua na 12.ª página)

FUZILANDO BERIA

o Exército soviético vingou-se da depuração de um grupo de generais levada a efeito pela Polícia

LONDRES, 24.—*(De Don Dallas, antigo correspondente da Reuter em Moscovo)*.—Lavrenti Béria, chefe da Policia secreta da Russia nos dias de Estaline, foi executado por traição. Parece que o Exército soviético conseguiu vingar-se da depuração de 1937 de um grupo de generais de grande destaque pela organização da Policia secreta—a O. G. P. U., como então era conhecida.

Um marechal do Exército, Ivan S. Koniev, presidiu á sessão especial do Tribunal Supremo que condenou Béria e mais seis ex-funcionários da Polícia a serem fuzilados por traição. Um general, K. S. Moskalenkov, era um dos outros sete membros do tribunal.

O tribunal esteve reunido secretamente, de 18 a 23 de Dezembro, e o seu veridicto foi anunciado oficialmente ontem, depois de os sete réus terem sido executados.

Entre os seis homens executados juntamente com Béria, contava-se Vsevolod N. Merkulov, chefe superior da segurança do Estado durante a guerra, que foi nomeado ministro do Controle do Estado—responsável pela disciplina no interior da União Soviética—em Março de 1950.

O ultimo julgamento soviético importante realizado em segredo foi o de um marechal do Exército Vermelho, Mikhail Tukhachevsky, e sete generais, acusados, em 1937, de conspiração para derrubar o regime de Estaline. Foram todos executados.

O homem que leu as sentenças de morte contra Béria e seus co-réus foi, provavelmente, o marechal Koniev, presidente do tribunal. Célebre coman-

(Continua na ultima página)

Este numero foi visado pela Comissão de Censura

Escreva a Francine Dupré,
Apartado 34 - Lisboa Norte.
e peça-lhe as suas receitas.
Ela lhas enviará gratuitamente.

VAQUEIRO

FAZ O BOM COZINHEIRO

FIMA-FÁBRICA IMPERIAL DE MARGARINA LDA - SACAVÉM 53-VA 09 605

DESPORTOS

FUTEBOL

As equipas argentinas num verdadeiro campeonato

O Benfica e o Sporting trazem até nós o Independiente e o Boca e vão disputar com eles um Torneio Quadrangular Internacional—outro motivo valorizador, pois teremos assim verdadeiro futebol de competição, com o «clou» das duas equipas argentinas, no fim, se defrontarem uma á outra.

O programa de amanhã é o seguinte: Benfica-Independiente e Sporting-Boca Juniors.

Dia 27 — Sporting-Independiente e Benfica-Boca Juniors.

Dia 1—Benfica-Sporting e Boca-Independiente.

Disputam-se as taças «Cidade de Buenos Ayres» e «Cidade de Lisboa», e todos os desafios se efectuam no Estádio Nacional.

Jogadores punidos pela Federação

Na sua habitual reunião de quarta-feira, a C. E. da direcção da F. P. F. resolveu castigar os seguintes jogadores: Teodomiro dos Santos Aparicio, do Sporting, com 2 jogos oficiais de suspensão, e Joaquim Fernandes Nogueira, da Naval 1.º de Maio, com 1 jogo oficial de suspensão. Estes castigos contam-se a partir de 14 do corrente, porque as respectivas faltas se verificaram no jogos de 13; Francisco dos Santos Medeiros, do Luso do Barreiro; Francisco Baptista dos Santos, do Portalegrense; Fernando Sepulveda Oliveira Simões, da Naval 1.º de Maio; e António Fragata Vicente, do Académico de Viseu, todos com 2 jogos de suspensão.

Deliberação da Comissão Central dos Arbitros

A C. C. A. resolveu: suspender o árbitro Domingos Miranda (Porto) até conclusão do inquérito ao incidente que se verificou entre o referido árbitro e um fotógrafo, no intervalo do jogo Lusitano-Atlético; suspender o árbitro Clemente Henriques (Porto) e os seus auxiliares, Augusto César Jesus e José Cunha Guimarães em consequencia da sua actuação no encontro Atlético-Sporting, até conclusão do inquérito; suspender por 15 dias o árbitro Libretino Domingues (Setubal); sancionar as suspensões propostas pelas respectivas Comissões Distritais, de 90 dias a Alberto Engénio Gomes, do Funchal e de um ano a Francisco Ribeiro, do Porto; suspender por 30 dias o árbitro José Proença (Porto); punir com 30 dias, o filiado Manuel Olival (Funchal); advertir os árbitros: Manuel Lousada (Santarém); Mário Garcia (Aveiro); António Rodrigues dos Santos (Lisboa); Mateus Pinto Soares (Porto); e João Alvares Vale (Braga). Indicar á F. P. F., com vista ao próximo Campeonato do Mundo, os filiados José Vieira da Costa (Porto) e Paulo de Oliveira (Santarém).

Covilhã-Belenenses

O Clube de Futebol «Os Belenenses» tem em organização para o próximo dia 3 de Janeiro um combolo especial á Covilhã, com esplendido horário que permitirá assistir ao jogo e ainda visitar os pontos turisticos daquela cidade.

O horário em principio está elaborada da forma seguinte: partida de Lisboa ás 0,50, chegada á Covilhã ás 7, partida Covilhã, ás 18; chegada a Lisboa ás 0,5. Preço 90$00, ida e volta. As inscrições podem ser feitas na Sede e Secretaria do Clube até ao dia 29 do corrente.

Independiente-Atletico de Madrid

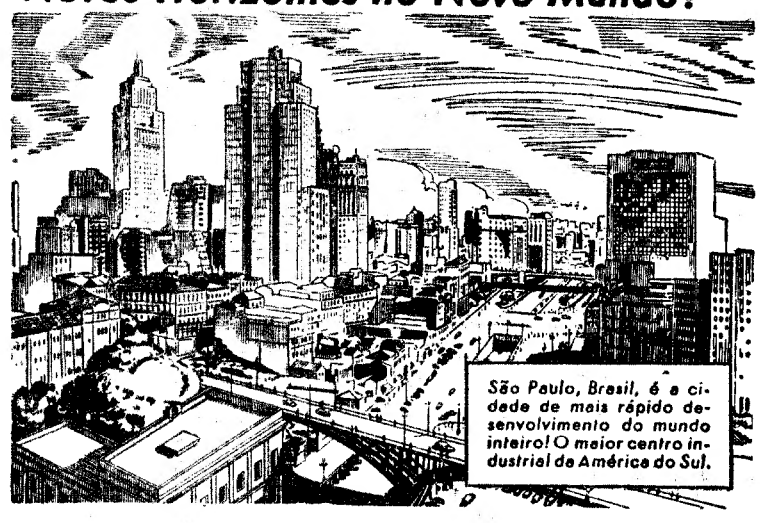
MADRID, 24—O Independiente venceu o Atlético de Madrid por 5-3, terminando a 1.ª parte por 5-2. Os golos argentinos foram metidos por Cruz, Bonelli (2), Grillo e Ceconato. O Independiente venceu assim todas as equipas com as quais jogou em Espanha, excepto a do Sevilha, com a qual empatou—(Efe).

TAUROMAQUIA

O que foi a temporada de 1953

MADRID. — «El Ruedo» publicou o seu numero especial com o resumo do que foi a temporada tauromáquica de 1953, e diz que em Espanha se deram 218 corridas de touros e 333 novilhadas com picadores, menos 60 corridas e 17 novilhadas que em 1952, e que em França e Portugal acusaram aumento os espectáculos. A temporada em Espanha era aguardada com interesse em virtude das disposições da Direcção Geral de Segurança em relação ao touro integro, mas, económicamente, os prejuizos foram de vários milhões de pesetas. Causas? O numero de colhidas excede o de todas as épocas anteriores. Acerca dos toureiros estrangeiros que se apresentaram em Espanha diz que foram 31 mexicanos, 10 colombianos, 19 veenzuelanos, 2 equatorianos e 2 portugueses (Joaquim Marques e Francisco Mendes). Como solução alvitra «El Ruedo» o reajuste de preços dos bilhetes, começando pelo dos honorários dos toureiros, e redução de impostos, que passam de 40 por cento. «A crise que atravessa a festa de touros assim o aconselha»—conclui.—(Efe.).

Novos Horizontes no Novo Mundo!



VÔE NA PANAIR

O caminho mais rápido e seguro para a América do Sul!

Tempo é dinheiro... economise ambos voando directamente nos seguros e poderosos Constellations da Panair para o Brasil, Uruguay, Argentina, Paraguay ou Chile. Voará com todo o conforto, soberba alimentação fornecida pelo Maxim de Paris, finissimos vinhos e champagne... e a experiência que dão mais de 2000 travessias do Atlântico Sul — mais do que qualquer outra linha aérea.

A Panair do Brasil serve mais cidades da América do Sul do que qualquer outra linha aérea. Utilize estes serviços directos para sua maior conveniência.

Em breve a frota da Panair possuirá aviões de jacto.

PANAIR DO BRASIL

Consulte o seu AGENTE DE VIAGENS ou a Pan American World Airways, Agente Geral da Panair, na Praça dos Restauradores, 46 — Lisboa
Telefones 31928, 31929, 21181, 21182 e 27737

Reflexos de Lisboa

As «Vénus» descalças

Recomeçou a ofensiva contra o pé descalço. As mais rebeldes em usar tamancos, musica que há muito se perdeu nas ruas de Lisboa, por essas madrugadas á Cesário, ou a sandália que se usa agora, de salto raso, mas cómodo, são as varinas.

Varinas? A bem dizer a figura, com a sua característica indumentária, recolheu aos museus do trajo popular. Hoje, quase todas são vendedeiras de peixe, mais ou menos airosas e frescais, corpo de onda, de ritmo quebrado nos rins, com a canastra ao alto, com pescada a trinta escudos—mesmo que seja marmota, ou de barriga negra, pescada lá para o Cabo Branco.

No entanto, o seu pregão claro, cristalino, ainda continua a subir, em oitavas de luz e de alegria, se não de azul da cor do mar, até aos terceiros andares, e pelas vielas humildes desta velha Lisboa.

E' claro que, para elas, é mais fácil calcurriar essas ruas e betesgas, com uma carga á cabeça, descalças, do que com coturnos, palavra que, através dos tempos, semanticamente, foi evoluindo.

As razões que aduzem as varinas para mostrar as «raízes» dos seus corpos magníficos, (alguns é claro) são variadissimas. Umas, afirmam que não têm dinheiro para comprar sapatos, á Luis XV ou mesmo á Cendrillon, talhado num diamante, por motivos de ordem económica. Outras, porque lhes incham os pés; outras, ainda, porque lhes rebentaram os anilhos, ou lhes caíram os botões, ou também porque feriram um dedo, nalguma cresta de basalto negro, das calçadas á antiga portuguesa.

Há também as que levam os sapatos na mão, e lobrigando qualquer agente da autoridade, logo os calçam no vão de uma escada, dizendo num desabafo:

—Ora a minha vida!? Que dinheiro tão mal empregado! Antes um cordão de oiro, de dois contos!

Seja como for, em Lisboa não se pode andar descalço. A' face da lei é uma transgressão, e dai as multas que chovem sobre as varinas mais relapsas.

Há dias, foram julgadas no Tribunal da Polícia, Clotilde Santos, Lidia Nascimento, Olinda Afonso e ainda do sexo masculino, por igual infracção, José Pereira, Joaquim Laje e Américo Rodrigues.

Cada uma e cada qual «sofisticaram» a verdade, o que é natural. O magistrado sr. dr. Julio Cabral, ouviu, pacientemente, todas as razões. A certa altura, aquilo parecia um auto vicentino As expressões embora corteses das arguidas, despertavam meios sorrisos. Tinham sal, pitoresco. O juiz que só tem uma medida: a da lei, multou todos, mas no mínimo. Questão de exemplo na capital do império. Nem Vénus se voltasse a este mundo, podia, na velha Ulisseia, mostrar os seus pés cor-de-rosa e cor de neve.

A 30 á hora

Se há muitos automóveis, ainda há muitos mais peões. E' claro que não se chega a estabelecer luta entre o bipede transeunte, e um Cadilacc (sem reclamo) potente, que se desentranha em velocidades, que está inquieto de retomar a marcha, na faixa destinada á passagem das pessoas, ou mesmo que desarticula uma familia numerosa, em que uma mulher, como uma galinha, salta de um passeio para o outro, levando atrás os pintainhos das suas fecundas ninhadas, enquanto o marido fica a protestar, da «margem esquerda» da Avenida, que não está para ser vitima (de mais a mais sem seguro de vida) de qualquer «rallye» automobilistico.

O mais perigoso parecem ser as ultrapassagens —como, infelizmente, sucedeu, há dias, numa estrada da Provincia.

A Policia de Viação e Transito recebeu severas instruções para essas corridas desenfreadas.

Os transgressores são enviados ao tribunal da Policia. Um deles, foi César de Assunção, cujos méritos de volante não se discutem, mas que, fez uma ultrapassagem a 30 quilómet os á hora, em certo sitio, onde se deve passar, com o Credo na boca e o São Cristóvão á frente.

Mostrou-se surpreendido. Não dera por tal. Mas o guarda da Policia de Viação, esclarece, reconstitui factos, cita a hora, e termina o depoimento nestes termos:

—Não apitei para ele parar, porque se fizesse, obrigava-o a uma travagem rápida, e todos os carros que seguiam atrás chocariam uns com os outros.

Seria o pandemonio! De que nos salvamos, se passassemos no tal sitio, entre os guarda-lamas, nem que fossemos como foguete, ou seguissemos, devaneadores, num «taxi»-bebé, verde, ou cor de açafrão, para o destino dos nossos amores?

O transgressor foi condenado no mínimo da multa: 25$00, mais 100, de imposto de justiça. Vá lá que não foi mau!

Toca a andar !

Não se trata, propriamente, daquele «marchand des quatre saisons», de Anatole France, mas, enfim, o caso tem similitudes de pitoresco humano. Alfredo de Figueiredo, vendedor de quinquilharias—o Natal está á porta, e os olhos das crianças deslumbram-se,—estava parado, na Rua Actor Ferreira da Silva, á espera que alguém se tentasse com a sua colorida e barata mercadoria. Não deu um passo a tempo, quando o policia surgiu, motivo por que teve de responder. Alfredo mostrou-se, no tribunal bastante contristado, e até pesaroso.

—Uma destas. Só a mim!

Alegou que o seu estado de saude e a sua idade, já não lhe permitem ganhar a vida de outro modo—e mesmo assim vende pouco. Há dias mesmo vasios. Um pente de plástico por dez tostões, uns atacadores por oito .. Uma infelicidade, uma pobreza!

O magistrado condoeu-se do pobre Alfredo. Informou-o de que os vendilhões só podem estar parados, no acto de servir os frequeses.

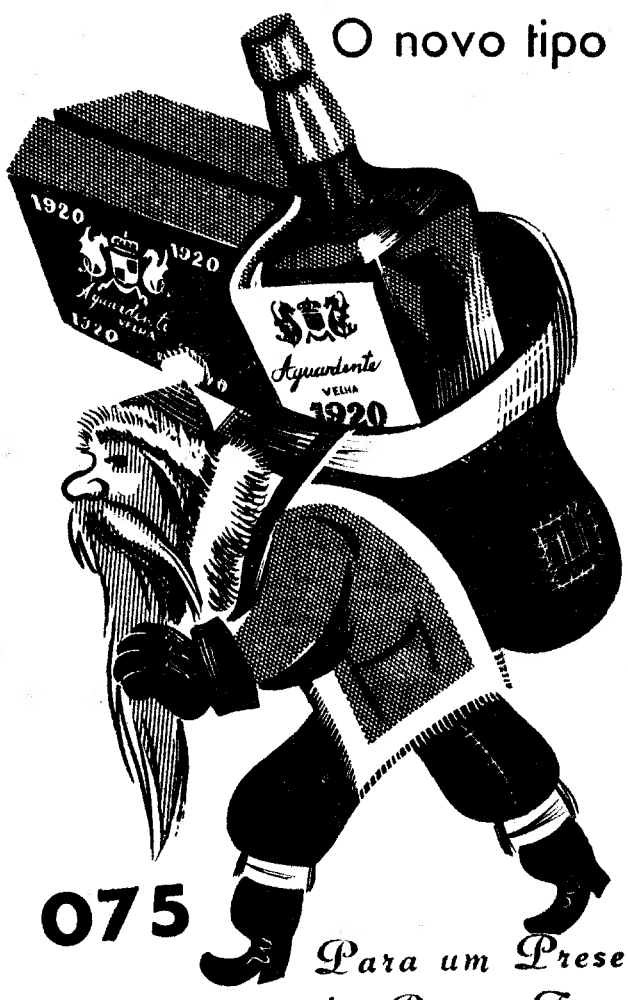
—Depois de venderem têm de andar. Percebeu?

—Sim, sr. juiz!

Foi condenado também no mínimo da multa. O pobre Alfredo, até chorou de alegria, e á saida do tribunal, murmurou:

—Vá lá que este ainda é dos bons!

AGUARDENTE VELHA 1920
APRESENTA
O novo tipo 075



075 Para um Presente de Boas Festas
AGUARDENTE VELHA Em caixas de 6 garrafas
1920

QUANTO MAIS VELHA MAIS SABOROSA

Oiça em Rádio Clube Português:

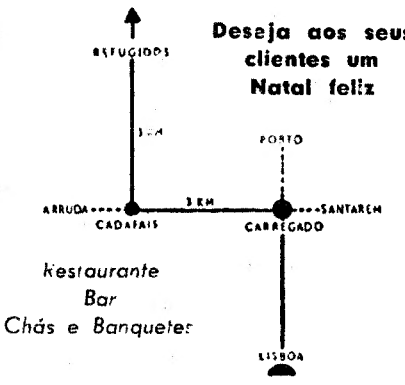
1 — **Melodias de Todo o Mundo**
Todas as sextas-feiras, ás 20,30, com Fernando Pessa ao microfone.

2 — **O Desporto em Marcha.**
Todos os sábados, ás 18,45, com Amadeu José de Freitas.

FERROS ARTISTICOS
SERRALHARIA ARTISTICA
VICENTE JOAQUIM ESTEVES
FUNDADA EM 1889
SUCESSOR FILHO
João Luís Esteves

86—R. das Amoreiras, 96—T. 42340
LISBOA PORTUGAL

SOLAR DO CONVENTO



Deseja aos seus clientes um Natal feliz

Restaurante
Bar
Chás e Banquetes

Quartos e Appartements
Telef.: Alenquer 108

Pastelaria S. João, L.da
Salão de Chá Café e Bilhares. Restaurante
Serviço á Carta
Avenida Paris 3-A — Telef. 78400

Restaurante La Gondola
Pratos Italianos
Aquecimento
Avenida de Berne, 60 Telef. 70426

Restaurante Bacalhau
R. DE ELIAS GARCIA, 6 e 8 — AS PORTAS DE BENFICA
Tel. 1025-Amadora — Aberto até ás 2 h.
HOJE: Pescada á marquesa — Linguado grelhado — Bacalhau á moda da casa — Frango á americana — Costeletas á palillote — Granadine de vitela
Serviço á lista a preços acessíveis
Aos nossos Exmos Frequeses e Amigos desejamos um NATAL FELIZ

QUINTA DE S. MIGUEL
VINHOS DE MESA
ESPUMANTES NATURAIS
AGENTES E DISTRIBUIDORES
Sociedade Comercial Reicarrera, L.da
RUA DO SALITRE, 90 • TELEFONE 43134 • LISBOA

TEATROS E CINEMAS

O «Príncipe» no Teatro Avenida

Alves da Cunha e Maria Paula numa cena da comédia

(Desenho de Fernando Bento)

Mestre Alves da Cunha, um dos poucos que nos pode ainda falar dos tempos aureos do Teatro português e dizer o que é na sua arte a ciência de representar, apresentou ontem, no Avenida, um novo espectáculo que é, por sinal, um original português. As caracteristicas que reunem, ali, aquele grupo de artistas; as circunstancias em que o Teatro se encontra, abandonado por aqueles que mais têm feito para o destruir—os seus «mentores do alto»—essa força de descrença publica; esse gosto das coisas materializantes e brutas: esse percorrer de emoções até á viciação e á saturação— tudo isso criou nas nossas plateias um cepticismo em relação ao teatro que não nos permite exigir deste o que ele já não nos pode dar. Isto é: independência, uns olhos postos na bussola orientadora, uma homogeneidade só possivel com explorações de caracter continuo, uma afinação e um estudo de figuras e textos que só um esspirito desanuviado poderá facilitar. É muito dificil, na verdade, que o nosso Teatro não leve para o palco as cicatrizes da sua própria dor. E isto que alguns podem querer ver aplicado ao Avenida, deve, em boa verdade, aplicar-se a todos os nossos palcos No que respeita ao espectáculo apresentado ontem no Avenida, perante um publico cobiçoso dos frutos proibidos segredados nos «trottoirs», pode dizer-se que ele é causa e efeito desta soma de circunstancias, sem que lhe caibam as menores responsabilidades. O publico entreteve-se e isso em teatro é mais do que fundamental—é o próprio teatro.

E o facto de se tratar de uma peça portuguesa e da estreia de um novo autor, isso revestiu a apresentação do original do dr. Alfredo Ary dos Santos de um significado muito especial, sejam quais forem as reservas que possam fazer-se a esta primeira prova em teatro, sem culpas para o autor, por ter aparecido só agora. É que só agora o veu que o podia revelar teve licença de se erguer. E isso explica o facto de nos vir falar de um caso que neste momento podia não se passar bem assim.

Não vamos, porém, explicar o que seja o caso tratado na peça, quando a guerra trouxe para Portugal tanta estrangeira de moral duvidosa, capaz de levar nas rêdes das suas brejeirices um portuguesinho valente. Aqui, felizmente, a protagonista não é a malfadada espanhola—mas uma alemã, ainda por cima ariana.

Reconheçamos que a peça e o autor têm muitos motivos de encarecimento. Pela justeza do diálogo, pelas réplicas tantas vezes desembaraçadas, pela constante presença do homem culto no texto — reprovamos, aliás, os excessos de erudição e laurismo—«O Principe», inspirado num titulo de Maquiavel, é uma peça que corresponde perfeitamente aos gostos do publico, servindo a anedota que desenvolve. Anedota sem a profundidade de conceitos que poderia esperar-se de quem, através dos 3 actos —um de comédia, outro de farsa e um terceiro de retórica, para entreter, enquanto não é tempo de dar o fecho—aborda tantos problemas da vida e da morte do homem.

O dr. Alfredo Ary dos Santos não pôde—e foi pena—libertar-se dos complexos da profissão, numa peça que não os requereria. Mas, mesmo assim, revelou-se um verdadeiro autor teatral que a experiência confirmará e queira Deus que bem cedo. E fazemos este voto, na certeza de que o publico vai corresponder ao interesse que esta anedota «fresca» contém. As senhoras, cá fora, comentavam que aquilo não tinha moral nenhuma. Mas faziam-no num tom tão malicioso que, estava mesmo a ver-se—tinham gostado ..

A carreira de «O Principe» há-de permitir que os papeis saiam um pouco mais sabidos. Mas, mesmo assim, tal como a peça ontem nos surgiu, pode sentir-se a autoridade de um grande mestre de teatro, representando com grande autoridade e impondo-a a todo o conjunto que encabeça. Alves da Cunha não teve, evidentemente, um daqueles «papeis» que ele tão humanamente sabe reincarnar. Mas, foi sempre um verdadeiro actor de alta envergadura. Maria Paula, na primeira figura feminina, foi maliciosa, ingénua, perversa e «doublée», como requeria o papel, muito ingrato pelo sotaque heroicamente mantido; Berta de Bivar, num papelinho episódico, representou uma bisavó com muito pitoresco e muita graça; Cecilia Guimarães fez uma enfermeira brejeira—ali parece que poucos se «salvam»...—; Rita Reis e Humilla de Macedo foram duas colaboradoras apreciaveis, uma como criada, a outra como dactilografa; Joaquim Miranda fez com Alves da Cunha, a «dupla» de serodios apaixonados, e fez a parte que lhe coube num estilo muito seu; Carlos José Teixeira fez o primeiro e um segundo actos com muito boa observação e um terceiro acto a denunciar a timidez dos gestos corrigiveis; Pizani

(Continua na 13.ª página)

NATAL— MAR-LINDO

Ás ordens de V. Ex.ª desde 24 a 27 de Dezembro

PREÇOS ESPECIAIS NAS DIARIAS

Magníficos aposentos. Sossego absoluto. Serviço de restaurante de completo agrado

PRAIA DE SANTA CRUZ — TEL. 6

Festas Felizes!

FESTEJE-AS COM Royal

Bavarois de Gelatina Royal

1 pacote de gelatina Royal de Morango ou Cereja; 1/2 litro de leite; 5 Ovos; 4 colheres das de sopa de açucar; 1 colher das de chá de farinha Maizena

Misture bem as gemas com o açucar, junte a maizena e a pouco e pouco o leite quente mexendo bem. Leve ao lume em banho Maria a engrossar mexendo sempre. Tire do lume, junte a gelatina Royal desfazendo com cuidado. Bata as claras em castelo, deite sobre elas a primeira mistura, envolvendo. Deite numa forma de buraco prèviamente passada por água fria. Deixe gelar. Desenforme e guarneça com chantilly.

Flan Royal de Amêndoa

1 pacote de Flan Royal; 1 dcl. de Leite de amêndoa; 3,5 dcl. de leite

Leite de amêndoa

Escalde 125 grs. de miolo de amêndoa, tire a pele e enquanto molhadas, corte-as miudas. Pise-as no almofariz, juntando a pouco e pouco água fria pisando bem. Deite num pano, esprema formando assim o leite de amêndoa que deve medir um decilitro. Deite a massa da amêndoa que ficou no leite, ferva durante 10 minutos, passe por um pano, espremendo. Meça 3,5 dcl. de leite, junte ao de amendoa e faça depois o Flan Royal seguindo as instruções gerais.

Pudim Royal Delicioso

1 pacote de pudim Royal de baunilha; 125 grs de Cerejas cristalisadas; 4,5 decilitros de leite; 1 pacote de pudim Royal de Chocolate; 4,5 decilitros de leite

Escalde as frutas, deixando-as de molho 1/2 hora. Escorra-as, limpando-as a um pano e corte-as bem miudas. Faça o pudim Royal de baunilha com 4,5 decilitros de leite conforme as instruções gerais. Tire do lume, junte as frutas misturando bem. Deite numa forma lisa de buraco, prèviamente passada por água fria. Faça o pudim Royal de chocolate com outros 4,5 decilitros de leite e segundo as instruções gerais. Deite imediatamente sobre o pudim de baunilha depois de este ester um pouco solidificado mas ainda bem quente. Deixe gelar antes de desenformar

Dentro de dias novas Receitas Royal

Casino Estoril Tel. 750

Amanhã

DIA DE NATAL

«A GRANDE FESTA DAS CRIANÇAS»

A tradicional **ARVORE** com centenas de lindos brinquedos

No **«HALL»** e no **«SALÃO DE FESTAS»**

com os engraçados palhaços **ARMINDO & NOEL**

e o *ilusionista* **HENRY TONY** *(Primeiro prémio do Certame Nacional de ilusionismo e medalha de ouro do Secretariado Nac. de Informação).*

(Para crianças desde os 3 anos)

No **«GRANDE SALÃO RESTAURANTE»**, ás 17 horas

«Chá-Dançante» com a orquestra **«WALTER»**

e o conjunto musical **MARIO SIMÕES,** *com HELDER REIS*

PREÇO — *Chá completo com entrada no Casino, 17$50.*

A's 21 horas **«Jantar do Natal»** *com menu especial seguido de* **BAILE.**

(Para maiores de 15 anos)

31 DE DEZEMBRO

«RÉVEILLON 1953-1954» com a grande artista

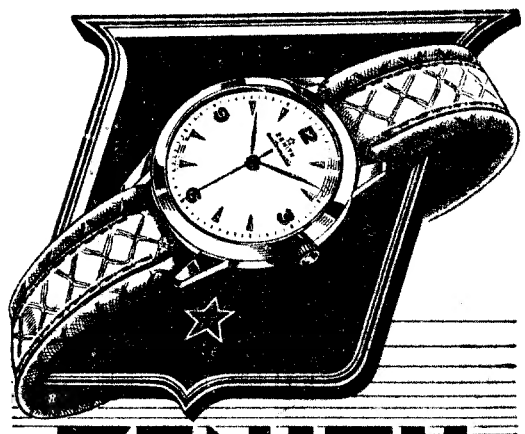
JACQUELINE FRANÇOIS

ZENITH

obteve novamente o 1.º prémio de série no Observatório de Neuchatel

*

Em relojoaria não se fabrica melhor



ZENITH Automatic

Nas Epocas Festivas

Espumantes Naturais

CONSTANTINO

Para Gosto das Pessoas de Bom Gosto

AGENTES EM LISBOA
J. A. DA COSTA PINA
Rua do Alecrim, 69

AGENTES NO PORTO E PROVINCIA
COSTA PINA & VILAVERDE
Rua Formosa, 297

Teatros e Cinemas

Atrás do reposteiro

A companhia de comédias Vasco Santana vai, nos dias 5, 6 e 7 de Janeiro, representar a farsa «O Conde-Barão», a Beja, Évora e Santarém.

—A colónia portuguesa de S. Paulo continua interessada na ida áquela cidade do grupo de bailados «Verde-Gaio», por ocasião das festas comemorativas da sua fundação.

—A actriz Alma Flora foi convidada para o elenco de uma companhia de declamação, que no próximo ano inaugura um novo teatro em S. Paulo.

—E' amanhã que, no Teatro Sá da Bandeira, do Porto, se estreia a nova peça «E' proibido suicidar-se na Primavera».

—O actor Augusto de Figueiredo foi convidado para intérprete do novo filme «A charneca».

—Amanhã, em «matinée», sobe á cena, no Teatro D. Maria II, a peça infantil «A História da Carochinha».

—O actor Miguel Orrico será o ensaiador do repertório da companhia de operetas e revistas que em Fevereiro deve seguir para África.

—A artista Juanita Cuenca, após o contrato que vai cumprir em Marrocos, volta novamente a Lisboa, falando-se no seu reaparecimento numa companhia de revistas.

—Os figurinos do guarda-roupa e os modelos de cenário da revista que o empresário Vasco Morgado pensa em apresentar no Teatro Monumental são da autoria do artista Pinto de Campos.

—Amanhã, há duas «matinées» infantis, no Coliseu, uma ás 14 e 30, outra, ás 17 e 15. Todas as crianças até aos 10 anos, quando acompanhadas, têm entrada gratuita para o espectáculo de circo.

Os Companheiros da Alegria

no Teatro da Trindade

Os Companheiros da Alegria reapareceram no Trindade, aproximando-se mais do teatro, como é propósito de Igrejas Caeiro, e refrescado agora o seu elenco com alguns novos e apreciáveis elementos, em parte seleccionados dos seus concursos, e interpretando as mais modernas canções de Paris, brindes do Natal que o seu director dali trouxe para todos, e para os espectadores, que encheram o teatro e aplaudiram com entusiasmo.

«A História da Carochinha»

amanhã no Teatro Nacional

É amanhã, ás 15 e 30, que sobe á cena do D. Maria II a deliciosa fantasia infantil de mestre Eduardo Schwalbach, «A História da Carochinha», com musica de Filipe Duarte, espectáculo deslumbrante oferecido ás crianças de Lisboa, no próprio dia de Natal. Na interpretação intervém a maioria dos artistas deste teatro, entre os quais Luz Veloso, que vai criar a figura da «Serigaita», outrora interpretada por Adelina Abranches. Muitas crianças colaboram no espectáculo, entre as quais as discípulas de Ruth Asvin, em bailados.

O genial maestro

Pierino Gamba, glória do Mundo, alma da musica, nos dias 4 e 5 de Janeiro, no Coliseu, em dois unicos concertos, com a Orquestra Sinfónica de Madrid

Esse prodígio musical, que é Pierino Gamba, unico no Mundo, que, em criança, foi uma revelação quase divina de génio, volta ao Coliseu, nos próximos dias 4 e 5 de Janeiro, para dar dois unicos concertos, com programas diferentes.

Pierino Gamba, que todo o Mundo tem aclamado em ovações extraordinárias, é hoje um extraordinário maestro, que junta á inspiração sublime, o domínio mais notável da técnica. Sob a sua batuta, dir-se-ia que as almas de Wagner, Chopin, Beethoven, Mozart, Grieg, voltam de novo á terra. De facto, Pierino Gamba, como que as sente vibrar, estremecer numa transmissão misteriosa, que nos assombra!

Pierino Gamba regerá a grande Orquestra Sinfónica de Madrid, constituida por 87 professores.

(Ler mais noticiário teatral na 13.ª página)

Frutaria Garrett

O numero do telefone da Frutaria Garrett, da Rua Ivens, 68, é o 23076 e não o que ontem, por lapso, indicamos no seu anuncio.

O EMBLEMA DE SERVIÇO QUE SE ESTENDE AO MUNDO INTEIRO

Canetas com cargas, garantidas, para Verão e Inverno, *em 6 atractivos modelos.*

Agente: ANTÓNIO CAMPOS
1. Nova de S. Domingos, 9-1.º-Tel. 27349 - LISBOA

As delícias dos netos

SÃO FEITAS COM

"Bolinhos da Avózinha"*

que lhes oferece a

Deitam-se dentro dum alguidar trezentos e oitenta gramas de farinha de trigo, duzentas gramas de assucar refinado, cento e cincoenta gramas de **Margarina Extra,** duas gemas de ovos, raspa de casca de limão e duas pitadas de canela em pó.

Começa-se a amassar com a mão, deitando as claras dos ovos, até a mesma ficar bem ligada. Faz-se uma bola e deixa-se descansar 15 minutos. Tendem-se argolas finas, polvilham-se com assúcar pilé misturado com miolo de amendoa cortado em pedacinhos, e cozem-se em forno bem quente dentro de tabuleiros polvilhados com farinha.

MARGARINA CHEFE

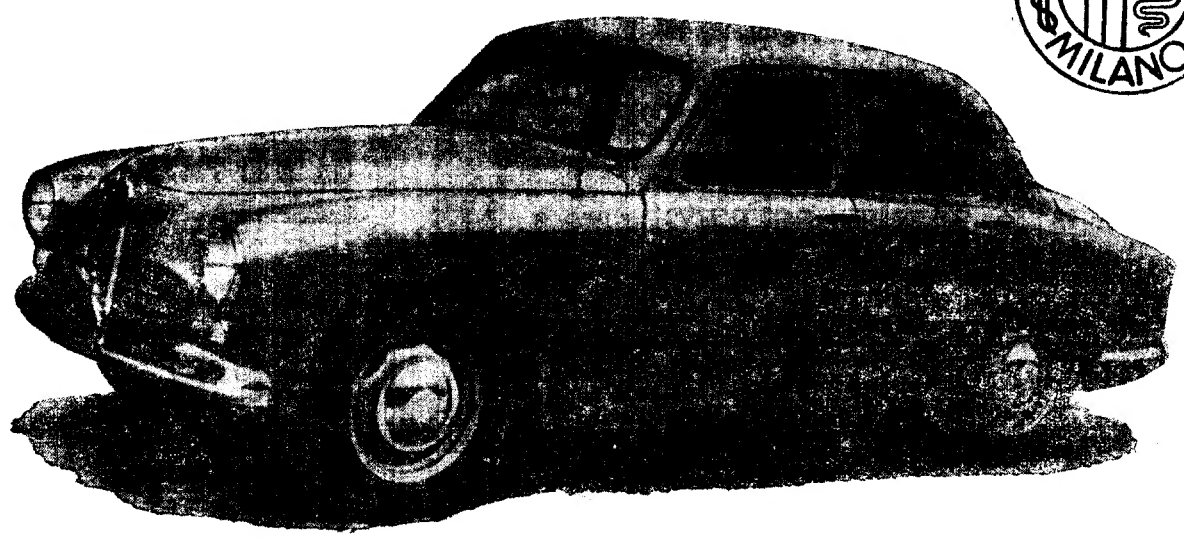
*RECEITA DE BERTA ROSA LIMPO

M-126

para bolos e cozinhados ao alcance de todas as bolsas.
EXTRA a margarina de paladar excepcional para **todos os usos** em especial para **grelhados e pão.**
PASTELARIA para **folhados.**

Alfa Romeo 1900

ALFA·ROMEO MILANO



O modelo que reune as caracteristicas do automóvel desportivo e de turismo

EXPOSIÇÃO E VENDAS
AV. ANTÓNIO AUGUSTO DE AGUIAR, 19-A
TELEF. 4 4156

AGENTES GERAIS
MOCAR, L.DA

SERVIÇOS — OFICINAS — PEÇAS
RUA D. LUIS DE NORONHA, 40
TELEF. 7 5369

BALLET SACHA GOUDINE

CLUB MIAMI

HOJE, SENSACIONAL ESTREIA
do extraordinário «SHOW» apresentado pelo popular artista

José Viana

José Viana

Maria Graciete

João Varcenc llos

ELA NÃO GOSTAVA DO MIAMI

Raul Solnado

Os artistas portugueses:
MARIA GRACIETE
e RAUL SOLNADO

UM ESPECTÁCULO QUE VAI CAUSAR SENSAÇÃO NUM ARRANJO MUSICAL DO MAESTRO **JOÃO DE VASCONCELOS** E COREOGRAFIA DE **SACHA GOUDINE** COM A COLABORAÇÃO DA ORQUESTRA **CARAVANA** E OS ARTISTAS: ROSINA GRACIA, MARISAY NEIVA, LAS MALENAS, ISABELITA GUERRA, PILAR BERNAL E O FAMOSO BALLET DE:

SACHA GOUDINE

Marque a sua mesa para o melhor «reVEILLON» de Lisboa, SURPRESA! LUZ! ANIMAÇÃO!!!

2.ª SEMANA

PROSSEGUE NO POLITEAMA

A CARREIRA TRIUNFAL DO MAIS BELO FILME DE TODOS OS TEMPOS

Christian Andersen

COM O FANTÁSTICO **DANNY KAYE**

FARLEY GRANGER E JEAN MAIRE

A crítica aplaudiu com entusiasmo invulgar! o público aplaude todas as noites, com verdadeiro delírio!

A vida maravilhosa de um homem que só um filme verdadeiramente maravilhoso poderia contar.

Uma produção de SAMUEL GOLDWYN para a
UM EXCLUSIVO DO POLITEAMA

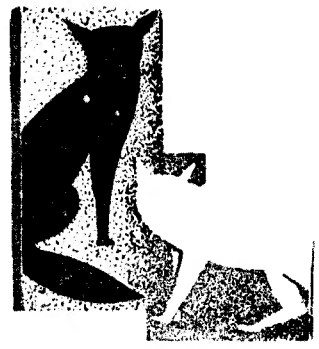
RKO RADIO PICTURES

CASA UNIVERSAL

— DE —

S. MADUREIRA, LDA.

PELES E ARTIGOS DE VIAGEM



Deseja aos Ex.mos Clientes um Natal Feliz e Novo Ano próspero.

45, RUA DO CARMO, 47
Telef. 26484 **LISBOA**

Não deixe de ver a partir de **HOJE** (Para adultos)

NO **CINEMA LYS**

O MAIOR EXITO DA TEMPORADA

PARIS é sempre PARIS

As mais divertidas e fascinantes aventuras vividas na cidade do sonho e do prazer!

Com **ALDO FABRIZI**, a insinuante **LUCIA BOSÉ** e o cantor **YVES MONTAND**

A GERENCIA DO

RITZ CLUB

e todos os artistas do seu elenco de ouro desejam as Boas Festas a todos os clientes e pessoas amigas

NATAL DE 1953

Pão de Açúcar

Pastelaria — Salão de Chá

*

NATAL E ANO NOVO
1/2 LIBRAS OURO
BRINDE NO BOLO REI

*

Al. D. Afonso Henriques, 70-A
Tel. 845260-849847

HOJE : GRANDIOSA NOITE DE NATAL

A PEDIDO DA EMPRESA CONTINUA EM ÊXITO **DINDA y SANTA CRUZ** EM RITMOS CUBANOS

O ADMIRAVEL E FASCINANTE FRIZO COREOGRAFICO

LIMPIA Clube TELEFONE 20919

(Só para adultos)

BALLET PASTOR
em aplaudidas criações

ANA MARIA
Paquita Herrador - Marisa de Cuba e Maru y Encarnita
com o CONJUNTO VILAÇA

CEIAS ATE DE MADRUGADO

NOITE DE 31 FIM DO ANO MUITAS SURPRESAS : **Grande Reveillon** MARQUE A SUA MESA

SALÃO DE FESTAS DO RIALTO

R. Conde Redondo, 6
Sexta-feira, 25 a partir das 19 horas

FESTA DO NATAL

Musica e surpresas
CONJUNTO URCEIRA

REVEILLON DE 1953-54

Reservam se mesas — Telef. 48178
Para adultos

No MONUMENTAL

HOJE, Duas sessões às 20,45 e 22,45

Amanhã, 4 grandiosos espectáculos

Laura Alves

A's 16, 20,45 e 22,45

A opereta popular que conquistou Lisboa, pelas ua graça, sumptuosidade e excelente desempenho

MARIA DA FONTE

com

LAURA ALVES

A' frente de um elenco excepcional
(Para maiores de 13 anos

As 18,15: Grandiosa «MATINÉE INFANTIL
com duas peças encantadoras:
...E NESSA NOITE OS ANIMAIS FALARAM
AVENTURA NA LOJA DE BRINQUEDOS

ESPECTACULOS DE **VASCO MORGADO**

MAXIME

PARA ADULTOS
TODAS AS NOITES ENCHENTES

LUXO · CONFORTO · DISTINÇÃO · ELEGANCIA · LUZ · COR

NOITE DE NATAL

A MELHOR EM ALEGRIA
EM INTENSA ANIMAÇÃO
E EM MUSIC-HALL

com a NOTAVEL PARELHA DE BAILE

PAULO e IVONNE

E AINDA TODO O ELENCO DE ATRACÇÕES EM PLENO ÊXITO

NOITE DE 31 — FIM DO ANO

REVEILLON

O MAIS SELECTO E ELEGANTE com
JANTARES-CONCERTOS DESDE AS 20,30 horas
MARQUE A SUA MESA

Cartaz dos Cinemas

ESTREIA DE HOJE: «L I L I» SÃO JORGE

São Luiz
Telef. 27172
PARA ADULTOS
As 15.15 — 18.15 — 21.30
INGRID BERGMAN
na extraordinária reconstituição de ROSSELINI
EUROPA 51
(3 Grandes Prémios Internacionais)

EDEN
Telef. 20768
A's 15.30 18.30-21.30
O luxuoso espectáculo
A Máscara Azul
com Marika Rökk e Paul Cristian
Em complemento: «ASSIM NASCEU JESUS»
ESPECTACULO PARA ADULTOS

SÃO JORGE
HOJE, às 21 h. ESTRÉIA
do encantador tecnicolor
LILI
Prémio de Cannes de 1953, com Leslie Caron e Mel Ferrer
Telef. 54153—Bal. 54154
(Para maiores de 13 anos)

ALVALADE
TEL. 73865
A's 15.30 e 21.30: O grandioso e emotivo filme
A FORÇA DO DESTINO
com Jean Marais e Roberto Benz
(Para maiores de 13 anos)

ODEON
Telef. 26283
A's 21 e 15
PALACIO
Telef. 47163
22.ª Semana do deslumbrante filme colorido indiano
PRESTIGIO REAL
Toda a beleza, fascinio e mistério do Oriente fabuloso
(Para maiores de 13 anos)

CAPITOLIO
TEL. 2749
A's 15.30 (P. maiores de 6 anos) e 21.30 (para maiores 13)
Encontro com o capitão Kidd
o maior êxito de ABBOTT e COSTELLO, com Charles Laughton e Hilary Brooke

TERRASSE O grande Caruso
Tel. 20917 — A's 21.15h. **A mulher sem nome**
(Para maiores de 13 anos)

TIVOLI
Telefone 30095
4.ª semana triunfal. Vittorio Sicca, Aldo Fabrizi e Gina Lollobrigida, em
OUTROS TEMPOS
A's 3 e 6.15 da tarde (a preços reduzidos) e 9.30 da noite
(Para maiores de 18 anos)

POLITEAMA
Tel. 26305
HOJE — A's 15.15, 18.15 e 21.15
2.ª SEMANA
da grandiosa e sensacional produção em tecnicolor
Christian Andersen
com Danny Kaye, numa criação diferente do seu estilo
(Para maiores de 13 anos)
AVISO: As crianças a partir dos seis anos de idade podem assistir à 1.ª e à 2.ª «matinée»

CONDES
Telef. 55131
A's 15.15 — 18.15 — 21.30 para adultos
Ultimas exibições e despedida de
3 HISTORIAS DE AMOR
EM TECNICOLOR
com Joan Fontaine e Louis Jourdan

MONUMENTAL
TEL. 55131
A's 21.30 (terminando às 23.50): o maior espectáculo dos últimos anos
A sumptuosa super-produção em tecnicolor
O Mundo nos seus braços
Grande criação dos artistas Gregory Peck e Ann Blyth
Para maiores de 13 anos

IMPÉRIO
Telefs.: Plateia 55134
Balcões 55135
A's 1.15 e 21.30
Grandioso filme
Uma Estrela vinda do Céu
A' tarde para maiores de 6 anos e à noite para maiores de 13

LIS
Tel. 48560
Paris é sempre Paris
As 21.15 **Viver não custa**
(Para adultos)

CASINO ESTORIL
A mulher que Deus me deu
com Judy Holiday
A's 21.30 (Espectáculo para adultos)

SALÃO DE CHÁ DO PALLADIUM

AVENIDA DA LIBERDADE, 1 e CALÇADA DA GLÓRIA, 2
HOJE, A'S 22 HORAS

CONSUELO e ADOLFO

— E —

LAURA PUCHOL

Musica de baile pela Orquestra NOVO MÉXICO

Sexta-feira, 25 — **FESTA DO NATAL**
JANTAR COM MUSICA
Reservam-se mesas — Telefone. 28677

REVEILLON DE 1953/54
RESTAURANTE—SALÃO DE CHA' e SALÃO DE CAFE'
DO PALLADIUM
Três orquestras. Uma em cada salão
VARIEDADES

As poucas mesas que restam podem ser marcadas pelos telefones 28677 e 28395 — (PARA ADULTOS)

Leiam o "SEMPRE FIXE"

Santos & Nogueira, L^da

RELOJOEIROS e OURIVES FABRICANTES
Caixas para relógios — Reparações — Vidros de forma e mostradores
PLAQUEADOS COM GARANTIA
Telefone 2 6854 RUA DOS CORREEIROS, 101, 4.º — LISBOA

Desejam aos seus estimados Clientes e Amigos Festas Felizes e um Novo Ano de prosperidades.

CASA DO ALENTEJO

SEXTA-FEIRA, 25 — «MATINÉE» INFANTIL
QUINTA-FEIRA, 31 — «REVEILLON» 1953-1954
(FATO DE NOITE)
MARCAÇÃO DE MESAS NA SECRETARIA

EM 3 LINHAS

Ao cabo de alguns meses de obras, desapareceu hoje o famoso tapume da escadaria da Politécnica: as boas festas da Camara aos moradores e aos transeuntes do local...

///

Reune-se no dia 30, ás 17 e 30, o Conselho Superior da Cruz Vermelha, para votar o orçamento e o plano de acção para 1954.

///

Foi concedida comparticipação do Estado pelo Fundo de Desemprego para electrificação do lugar da Póvoa de Pinheiro, freguesia de Antuzede, concelho de Coimbra.

///

Foi publicada uma portaria que aprova a deliberação da Camara do Porto, relativa á extinção de seis lugares de escriturário no quadro do seu pessoal.

///

Foi determinado por decreto que a Ordem dos Engenheiros seja representada no Conselho Superior da Industria pelo presidente do conselho directivo, estabelecendo-se igualmente as condições em que aquele organismo se fará representar no Conselho de Normalização.

///

Os governadores gerais das provincias ultramarinas de Angola e Moçambique, foram autorizados a elaborar os orçamentos privativos dos serviços autónomos para o ano de 1954. As receitas ordinárias são avaliadas, respectivamente, em 129.000 e 25.000 contos.

///

Um decreto hoje publicado, permite ao Governo auxiliar financeiramente o estabelecimento das linhas de transporte e de grande distribuição de energia eléctrica, com respectivas subestações, e regula a concessão dos respectivos empréstimos.

///

Foi alterado para 63 anos o limite de idade estabelecido para os brigadeiros dos serviços de saúde e de administração militares.

///

Vai prestar provas de doutoramento, na Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto, o dr. Filipe de Paiva de Castelbranco Leite Brandão.

Homenagem ao embaixador dr. Carneiro Pacheco

MADRID, 24.—O ministro espanhol da Informação fez publicar um comunicado anunciando a próxima partida do dr. Carneiro Pacheco, embaixador de Portugal em Madrid, que regressa ao seu país para ocupar o lugar de vice-presidente da Camara Corporativa. O comunicado presta homenagem á actividade desenvolvida pelo dr. Carneiro Pacheco na capital espanhola, onde chegou há quase oito anos e acentua que «o embaixador foi um dos mais activos artifices da amizade luso-espanholas». O comunicado cita o facto do embaixador ser condecorado com as grã-cruzes de «Isabel, a Católica» e de «Afonso X, o Sábio».—(France Presse).

Estas também são imagens do Natal. Será que os macacos «macaqueiam» a espécie mais evoluída? De qualquer modo, quem deixará de se comover com o sinal de ternura —e até de quase humanidade—que se surpreende na expressão do símio? Repare-se no ar enlevado do «pai» e do «filho»—e também no que isto pode comportar de lição de vida. E na outra imagem, que vem de paralelo, o bebé enternece-se com a sua boneca—admirável quadro de poesia. E dir-se-ia que as duas imagens, que o acaso fez juntar—imagens soltas, circunstancialmente imagens do Natal — trazem consigo a ilustração do sentimento comum que a própria Natureza, num comovente conjunto, oferece á nossa meditação nestes dias em que cada um se recolhe em si mesmo para extrair do fundo da emoção um sentido de amizade e de ternura pelo semelhante

Comemorações do Natal

A esposa do chefe do Estado promoveu uma distribuição de socorros a pobres de Belém

No edifício da Junta de Freguesia de Belém, a esposa do chefe do Estado, sr.ª D. Berta Craveiro Lopes, distribuiu um bodo, de sua iniciativa, aos pobres daquela freguesia, onde reside.

A esposa do chefe do Estado chegou ali, ás 11 horas, acompanhada de sua filha, sr.ª D. Maria João Craveiro Lopes Teles Grilo, e teve a recebê-la os srs. Franklim Teixeira Nazaré, José Nogueira Rocha e Mário da Silva Dias, respectivamente, secretário e tesoureiro da junta de freguesia, e o sr. coronel Cardoso dos Santos, em representação do presidente da comissão da U. N. na freguesia de Belem.

Acompanhada das esposas do presidente e do secretário da junta, a senhora de Craveiro Lopes distribuiu, depois, as suas ofertas, que englobam 50 enxovais completos, para crianças de ambos os sexos, um berço e dois enxovais para recem-nascidos, além de 100 esmolas de 50 escudos. Além disso, a esposa do chefe do Estado entregou áquela junta de freguesia a quantia de 5.000 escudos, que o referido organismo distribuirá por várias associações de beneficência, que directamente pediram auxílio, e por diversas famílias necessitadas, mas com um sentido de pudor que as impediu de participar na distribuição publica.

Conforme ia entregando os donativos, a sr.ª D. Berta Craveiro Lopes dirigia palavras de simpatia aos contemplados, alguns dos quais já haviam sido anteriormente, beneficiados pelos seus actos de caridade.

Antes, na mesma junta de freguesia, distribuiu-se um bodo a 600 pobres protegidos daquele organismo, os quais receberam 20 escudos cada um.

O Natal nos hospitais

A sempre louvável e já tradicional iniciativa do nosso prezado colega «Diário de Notícias», no sentido de levar neste dia um pouco de alegria á tristeza dos que estão separados da vida pelas paredes dos hospitais e das prisões, teve hoje, mais uma vez, a sua plena efectivação. Um total de 687 artistas teatrais, cinematográficos, da rádio e de variedades prestaram o seu concurso á feliz realização, que está a decorrer, á hora a que escrevemos, nos hospitais Militar Principal, da Marinha, de S. José, de Miguel Bombarda, de Santo António dos Capuchos, de D. Estefania, do Desterro, de Arroios, Infantil de S. Roque e da Misericórdia de Caiscais, Maternidades Magalhães Coutinho e Alfredo da Costa; Instituto Português do Oncologia; sanatórios D. Carlos I e Dr. José de Almeida; Penitenciária de Lisboa e cadeias do Limoeiro e das Mónicas.

Por toda a parte, a expectativa era igual. E, por algumas horas, a alegria viverá ali, paredes meias com a amargura da dor e do infortunio. Uma hora que se renova e que em todos deixará, por certo, uma recordação que para o ano se renovará.

Nos bairros da Pontinha e da Urmeira

Promovido pelo sr. dr. Mário Madeira, governador civil de Lisboa, os pobres que residem nos bairros da Pontinha e da Urmeira, protegidos pelo Governo Civil de Lisboa, foram, também, contemplados, esta manhã, com um bodo constituído por géneros, brinquedos e roupas.

No primeiro daqueles bairros foram distribuídos 250 brinquedos a outras tantas crianças e, no segundo, onde habitam famílias que não podem pagar renda de casa, foram entregues 250 fatos e calçado, brinquedos e 750 quilos de carne de porco. Para o baptismo de algumas crianças, recem-nascidas neste bairro, a filha do chefe do distrito, menina Maria Filomena Madeira, ofereceu enxovais completos.

A ambas as distribuições assistiu o sr. Eduardo Caldeira, secretário da Comissão Central das Juntas de Freguesia, que também esteve presente na distribuição de brinquedos ás 60 crianças internadas na Colónia Infantil de S. João de Deus, em Rio de Mouro.

Diversas comemorações

Foram numerosas as festas do Natal hoje realizadas. De entre elas destacaremos as seguintes:

No Hospital Militar Principal, distribuição de lembranças aos doentes e inauguração, nas enfermarias, dos presépios por eles construídos, com a assistência das esposas do ministro e do subsecretário de Estado do Exército e do governador militar de Lisboa.

—Na classe especial que funciona na escola oficial n.º 12, com recitativos, canto coral e distribuição de camisolas, lanches, brinquedos e guloseimas.

—Na escola n.º 33, No Campo Grande, onde

Um aspecto da distribuição

A viagem da rainha Isabel

AUCKLAND, 24—A rainha Isabel visitou hoje o hospital de Auckland, para desejar aos doentes, incluindo 150 crianças, feliz Natal.—(Reuter).

DESEQUILÍBRIO NERVOSO

O SISTEMA NERVOSO, DÉBIL OU ESGOTADO, REAGE VIOLENTAMENTE À MENOR CONTRARIEDADE. O *FÓSFORO FERRERO*, PODEROSO TÓNICO-RECONSTITUINTE, DEVIDO AO SEU ELEVADO TEOR EM FÓSFORO E VITAMINAS, EQUILIBRA E FORTALECE O CÉREBRO E OS NERVOS.
SE JULGA NECESSÁRIO, CONSULTE O SEU MÉDICO E RECORRA TAMBÉM AO *FÓSFORO FERRERO*.

EXIJA SEMPRE O LEGÍTIMO

Fósforo Ferrero

Para todas as festas...

DISTINTO

EM QUALQUER PARTE OU QUALQUER HORA

ESPUMANTE NATURAL

ASSIS BRASIL

Real Vinícola

Filiais:
LISBOA — R. Alecrim, 119 — Tel. 22556
PORTO — R. Entreparedes, 44 — Tel. 21440

A todos os Ex.mos Clientes

A Grande Ourivesaria da Moda não usa reclamos sugestionáveis que possam induzir em engano. A demonstrar a veracidade destas palavras, apresenta na época festiva que decorre, um enorme sortido em objectos de ouro, prata, brilhantes e relógios por preços tão convidativos que convencem o mais incrédulo.

Rua da Prata, 257
Grande Ourivesaria da Moda

Superius

O MELHOR CALÇADO PARA CRIANÇAS

Á venda em todos os bons estabelecimentos

GRANDE OURIVESARIA DA MODA

Os seus proprietários apresentam cumprimentos e agradecem aos Ex.mos Clientes, Amigos e Fornecedores todas as atenções dispensadas, desejando-lhes um feliz Natal, e próspero Ano Novo.

STAND de Automóveis

de António Casquilho

AVENIDA GUERRA JUNQUEIRO, 14-A-B-C

Telefones 846132 — 846133 — 847507

Apresenta cumprimentos de Boas Festas a todos os seus Amigos e Clientes.

A sr.ª D. Berta Craveiro Lopes procedendo á distribuição

recebem ensino 500 crianças, na presença do corpo docente, com uma palestra pelo director, exposição de um presépio, e distribuição de roupa e calçado a duzentas crianças.

—No Sporting Clube de Portugal, com exibição de ginástica de crianças, dos 10 aos 13 anos, exposição de árvore do Natal, exibição de palhaços e distribuição de prémios.

—Dos grupos desportivos: da Junta Autónoma de Estradas, na Casa de Trás-os-Montes e Alto Douro; da Companhia das Águas de Lisboa; da Junta Nacional dos Produtos Pecuários; da Federação Nacional dos Industriais de Moagem, no salão dos Bombeiros Voluntários Lisbonenses; do Instituto Pasteur de Lisboa e da Frígido.

—Da Fábrica de Chocolates Regina, com a colaboração artística da F. N. A. T., com distribuição de brinquedos, vestuário e guloseimas, aos filhos dos empregados e dos operários da empresa.

Hoje e amanhã, ás 22 horas, haverá bailes no Lisboa Clube Rio de Janeiro, sendo o de amanhã abrilhanatdo pelos «Diabólicos».

—A Casa de Lafões, como estava previsto, de cerca de 5 mil escudos, constituído por géneros de mercearia e dinheiro. Presidiu ao acto o vice-presidente da assembleia geral, sr. Aires Alves Lopes e estiveram presentes quase todos os membros directivos da simpática colectividade.

—O pessoal da Companhia Portuguesa de Cimentos Brancos, reuniu-se, numa festa intima com os membros do conselho de administração, durante a qual o respectivo presidente, prof. Leite Pinto, dirigiu as saudações a todos, agradecendo-lhes o esforço que têm despendido. Em nome do pessoal, falou o director da fábrica da Cibra, eng. Quintanilha Pinto, que disse da satisfação com que todos trabalham para a organização e pôs em relevo o interesse com que a Administração se tem esforçado pelo progresso da Companhia. Salientou o papel do administrador-delegado, sr. Joaquim Matias, e congratulou-se com o seu restabelecimento, o que foi sublinhado por uma prolongada salva de palmas. Por fim, proferiu palavras de agradecimento e incitamento o sr. Joa-

(Continua na 15.ª página)

le socorros na Urmeira

Dos 40 desaparecidos

durante a «Maratona do Nilo» já apareceram 4 cadáveres

CAIRO, 24—Continuam as pesquizas para encontrar as vitimas do grave acidente de ontem durante a «Maratona do Nilo». Ontem calculava-se em 40 o numero dos desaparecidos, mas só apareceram 4 cadáveres. E' possivel que haja vitimas enterradas no lodo ou que tenham sido arrastadas para as barragens do Delta. Abriu-se um inquérito para determinar as responsabilidades do acidente e a Policia assenta o nome dos estudantes que não regressaram a casa durante a noite, para identificar os mortos e determinar o numero exacto das vitimas deste drama á margem de outro drama que foi a própria «Maratona do Nilo».—(F. P.).

Esclarecimento necessário —2

Quando, em Dezembro de 1941, depois do ataque a Pearl Harbour, o primeiro-ministro da Grã-Bretanha visitou Washington, a situação militar dos aliados era difícil. A agressão japonesa impressionara vivamente a opinião publica americana que exigia uma desforra clamorosa, em nome do seu sentimento nacional ultrajado. Ficará sendo o mérito histórico do presidente Roosevelt e de alguns dos seus colaboradores não se deixarem seduzir pela miragem de uma vitória rápida no Pacifico que deixaria intactos o coração e o cérebro da coligação totalitária, centrada em Berlim.

Desses colaboradores, o chefe do Estado-Maior, Marshall, o ministro da Guerra, Stimson, e Harry Hopkins, revelaram, nessa emergência, raras faculdades de previsão e uma capacidade de acção que hoje quase nos parece inverosimil. O primeiro impôs-se, no conceito dos seus compatriotas e dos estrangeiros que com ele tiveram de tratar, como uma personalidade de excepcional relevo que aliava, á sua inegável competência profissional, um sentido exacto dos interesses da Grande Aliança. A decisão então tomada de atacar e derrotar em primeiro lugar a Alemanha, antes de lançar o peso da força militar do Ocidente sobre o Japão, está na origem da vitória alcançada, quatro anos depois.

Essa decisão serviu admiravelmente as exigências da condução da guerra e coincidiu com as exigências da segurança da Grã-Bretanha, onde a ameaça da invasão, esbatida pela campanha da Russia, não podia considerar-se definitivamente afastada. Nos conselhos de guerra anglo-americanos, Churchill tornou-se a figura predominante. Esse lugar era-lhe devido pela sua experiência, pela sua coragem e pela sua extraordinária capacidade de improvisação e decisão, nos momentos de perigo.

Passados apenas quatro meses sobre Pearl Harbour, os Americanos estavam em condições de deter a vaga nimónica no Pacifico e causavam o espanto dos seus aliados britanicos, tomando ousadamente a iniciativa das operações na Europa e apresentando-lhes um plano pormenorizado de invasão do continente. Esse plano previa a travessia da Mancha, seguida de um desembarque na Normandia. O seu autor era o general Marshall. Apresentou-o em Londres Harry Hopkins que visitou a capital inglesa na companhia do chefe do Estado-Maior americano, em Abril de 1942. Numa série de reuniões que tiveram lugar em Downing Street 10, e a uma das quais assistiu o rei Jorge VI, Hopins e Marshall expuseram, pela primeira vez, os fundamentos da estratégia americana na segunda guerra mundial: atacar a Alemanha através da Mancha e ocupar ràpidamente os seus centros industriais mais valiosos.

O plano americano fixava a Primavera de 1943 como data provável do desembarque. Quando tomaram o avião para regressar aos Estados Unidos, os Americanos tinham razões para se sentir orgulhosos. As suas ideias haviam tido a aprovação, em principio, dos generais britanicos, cuja tradição militar era superior á sua. Assim começou a arrastada história da competição anglo-americana que teve o seu epilogo em Teherão, quando o plano de invasão da Europa pelo Ocidente foi finalmente adoptado para ser posto em prática um ano depois da data inicialmente prevista: na Primavera de 1944.

Em 3 de Junho de 1942, dois meses depois da visita de Hopkins e Marshall a Londres, os Ingleses comunicaram aos Americanos a sua discordancia, a qual se seguiu á aprovação dada em Abril. Lord Mountbatten foi o arauto dessa missão delicada, seguido pelo primeiro-ministro, que chegou á capital americana em 18 daquele mês para discutir com o presidente e os seus colaboradores as razões da sua atitude.

Ao plano americano de invasão da Eurova pelo Ocidente opôs-se, desde esse momento, o plano britanico de desembarque nos Balcãs, ersatz da segunda frente pedida pela União Sovietica que suportava o peso da Wehrmacht e que, ávida de conhecer as horas dramáticas de Moscovo, estava em vésperas de conhecer as horas trágicas de Estalinegrado. Em Junho de 1942, Churchill ganhou em Washington a primeira mão, dessa batalha incruenta fazendo triunfar a ideia preconizada pelo presidente Roosevelt,

(Continua na 12.ª página)

BRINDES

LARBELO impõe-se pelo seu bom gosto e baixos preços

VISITE

LARBELO

195 — RUA DA PRATA — 197

Telefone 2 4042

PORTO SANDEMAN

Preços correntes de algumas marcas nos estabelecimentos:

«Uma estrela»	Esc. 29$00	por garrafa
«Três Estrelas»	» 34$00	» »
«Partners»	» 45$00	» »

Filial em Lisboa: Rua do Alecrim, 21. Telef. 26086

Restaurante Negresco

AMANHÃ, DIA 25, JANTAR DO NATAL

MENÚ ESPECIAL

ATENÇÃO AO «REVEILLON» DO NEGRESCO

CASQUILHO

ALFAIATES-MERCADORES — APTOFONE 4 6018

Apresentam a todos os seus amigos os mais sinceros cumprimentos e desejos de Boas Festas.

A Grande Ourivesaria Barateiro de S. Domingos

Cumprimenta e deseja Boas Festas aos seus estimados clientes e amigos, e um Novo Ano cheio de prosperidades.

RUA BARROS QUEIRÓS, 56

Loureiro & Ribeirinho

ALFAIATES-MERCADORES — AVENIDA ALMIRANTE REIS, 151, 1.º, F.

TELEFONE 4 9703

Apresentam a todos os seus amigos e clientes votos sinceros de Boas Festas.

Barbosa, Esteves & C.ª

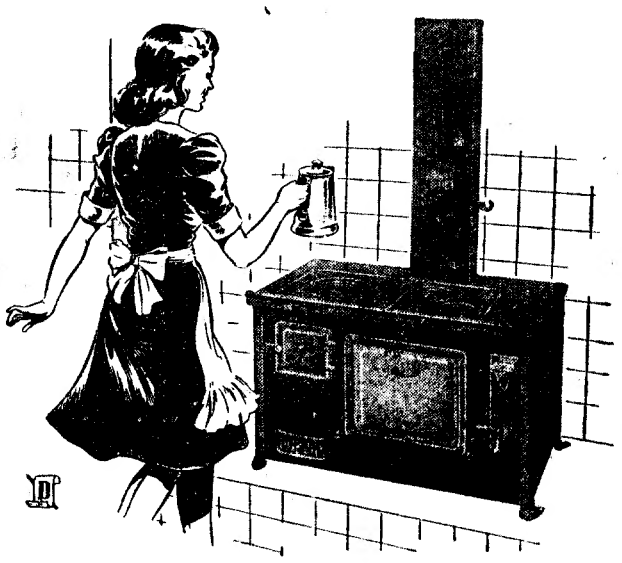
OURIVES — JOALHEIROS

293 — RUA DA PRATA — 295

Cumprimentam todos os seus Ex.mos Clientes e Amigos, desejando-lhes Boas Festas e um Ano Novo de muitas prosperidades.

ECONOMIA • RESISTÊNCIA • SOLIDEZ

SÃO AS PRINCIPAIS CARACTERISTICAS DOS NOSSOS



Fogões para carvão e lenha

FÁBRICA PORTUGAL

10% DE DESCONTO NESTE MODELO DE FOGÃO DURANTE O MÊS DE DEZEMBRO

COLARES
Adega Regional

DISTRIBUIDORES: BACCHUS, LDA. LISBOA
R. DAMASCENO MONTEIRO, 114 / TEL. 848086

Oficinas COTAL

A maior organização independente do País

60 operários especializados em:

CADILLAC, BUICK, OLDSMOBILE, CHEVROLET, OPEL e BEDFORD

Reparação e sincronismo de caixas automáticas: Hydra — Matic — Dinaflow e Powerglide

Grande Stock de Peças de Origem

R. ARTILHARIA UM, 105 **Telef. 43333-43731**

Leiam o jornal humoristico «SEMPRE FIXE»

LEMBRE-SE DO MELHOR BRINDE: UMA BICICLETA

161, RUA DOS SAPATEIROS, 163
Bicicletas para criança — todos os tamanhos

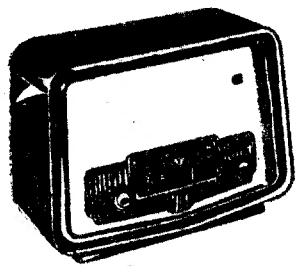
Nat. Bizarro

LUSO

T. 32889
Animador **F. Pinto**
Hoje (Até de madrugada)
Fados castiços por NATALINA BIZARRO
ISABEL SILVA, Adelaide Faria, José Pereira, José Borges e Mário Rocha. Solos por Camarinha e Pedro Leal.
(PARA ADULTOS)
NOITE DE FIM DE ANO
COM FADOS E BAILE
Marcam-se mesas

HORNYPHON

RADIOS DE NOVA TÉCNICA



Mod. 352 Esc. 1.980$00

Um valor real representa este magnifico rádio cuidadosamente estudado pelos técnicos de Viena. Grande sensibilidade Som melodioso. Apresentação luxuosa em raiz de nogueira polida.

ATÉ 2 QUILOGRAMAS

A C. P aceita, para transporte, em qualquer comboio, mesmo nos rápidos, e até 10 minutos antes da partida desse comboio, volumes de peso até 2 quilogramas.
Simples entrega, sem necessidade de qualquer documento.

A PRESTAÇÕES
AOS MELHORES PREÇOS

ESQUENTADORES, a gás ou a petróleo—FOGÕES, a gás, nacionais e da afamada marca Suiça «ESKIMO» — FOGÕES, a lenha e carvão — BANHEIRAS—Artigos de Casa de Banho—LOIÇA SANITÁRIA — LAVATÓRIOS — LUSTRES — CANDEEIROS — ASPIRADORES — ENCERADORAS — MÁQUINAS DE LAVAR ROUPA—FERROS ELÉCTRICOS, automáticos—T. S. F., das marcas mais acreditadas — ARTIGOS DE MÉNAGE—UTILIDADES — CARRINHOS para BÉBÉS, etc.

J. Costa & Silva, Lda.
Rua Arco do Bandeira, 79-1.º (só no 1.º andar)
Telef. 26713 LISBOA

EVITE A GRIPE!!! **HIP LIQUIDO**
usando
Depositários
Pestana & Fernandes, Lda.
R. dos Sapateiros 59 LISBOA

EM 10 MINUTOS

Retratos para identidades, passes, etc.
FOTO CORPO SANTO
Rua do Corpo Santo, n.º 10 (ao lado direito da igreja)
Telefone 27380

10 LÂMINAS GILLETTE AZUIS NUM

"Dispenser"
(carregador)
Gillette
de acção rápida

sem aumento de preço!

Todas estas vantagens sem aumento de preço

- Num ápice uma lâmina nova
- Laminas protegidas por lubrificante
- Compartimento para lâminas usadas
- Não necessita desembrulhar — não danifica os fios
- Os fios afiados como saem da fábrica.

CADA "DISPENSER" DE 10 LÂMINAS **ESC. 13$00**

Lâminas Gillette Azuis

BRINDES:

O maior sortido de faqueiros em cromo-niquel e aço inoxidável.

Serviços de jantar, chá e café.

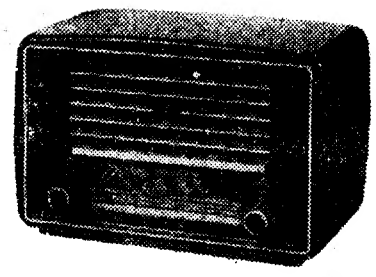
Porcelanas Alemãs, Saxe, Limoges e nacionais.

Serviços em cristal, nacionais e estrangeiros.
ARTIGOS DE MENAGE, etc.

CASA ALEMÃ
Rua da Palma, 33 — Telefone 25250

FESTAS FELIZES
SEM BOA MUSICA? QUEM TEM?

OUÇA UM
SIERA



MOD. 5—306—U

para todas as correntes

ESC. 1.850$00

RUA DO ANDALUZ, 42 Telef. 54892
AV. ALMIRANTE REIS, 59 Telef. 57906

GRANDES FACILIDADES DE PAGAMENTO
ACEITAM-SE APARELHOS EM TROCA
REPARAÇÕES GARANTIDAS ORÇAMENTOS GRATIS

DE LUTO

SUFRAGIOS

Dr. Rodolfo Xavier da Silva

Por alma do sr. dr. Rodolfo Xavier da Silva, antigo ministro, médico e escritor teatral, manda sua viuva, D. Adélia Xavier da Silva, celebrar missa, no próximo sábado, pelas 10 horas, na igreja de S. Sebastião da Pedreira.

Tenente-coronel Alberto Ribeiro da Silva Moura

Mandada rezar por sua viuva e por seu filho, celebra-se depois de amanhã, sexta-feira, ás 10 horas, na igreja do Campo Grande, missa por alma do tenente-coronel Alberto Ribeiro da Silva Moura.

ROMAGEM

José Maria Álvares

Como nos anos anteriores, efectuou-se hoje uma romagem até junto do jazigo onde repousam os restos mortais do sr. José Maria Alvares, que foi presidente da Associação Industrial Portuguesa. No cemitério dos Prazeres reuniram-se, por isso, com o actual presidente da direcção daquela colectividade, sr. dr. Francisco Cortês Pinto, os restantes directores e todo o pessoal, bem como muitos amigos do saudoso industrial.

A família encontrava-se representada pelo sr. eng.º Pedro Alvares e por suas irmãs, sr.as D. Ana Alvares e Maria Guilhermina Alvares.

ASSEMBLEIAS GERAIS

Reune-se no dia 28, ás 20 e 30, em primeira convocação, e ás 21 e 30, em segunda, a assembleia geral ordinária da Federação das Sociedades de Educação e Recreio que vai eleger os novos corpos gerentes.

POLICLINICA DE ALVALADE

AVENIDA RIO DE JANEIRO, 50 D

Dr. Alves Dias—Assistente do I. A. N. T.—Doen. pulmonares, cirurgia pulmonar, 14 h
Dr. Amilcar Aristides Caseiro—Ast. do H. M. P.—Doenç. ouvidos, nariz e garganta, 16 h
Dr. Alvares Pereira—Doenç. Crianças, 15 h
Dr. Artur Fernandes—Doenç. dos olhos, 19 h
Dr. Artur Novais—Doenç. pele e sifilis, 14 h.
Dr. Didio de Aguiar—Agentes físicos, 13 h
Dr. Ernestina Caldas de Oliveira—Clínica médica, 16 h.
Dr. Fernando Andrea—Aparelho digestivo e doenças ano-rectais, 19 h.
Dr. J. Fragoso Mendes—Assistente da Faculdade de Medicina—Doenç. nervosas, 18 h. —doenç. coração, electro-cardiografia, 14 h
Dr. José França de Sousa—Assistente do I. A N. T.—Clínica médica, 16 h.
Dr. José Manuel de Almeida — Doenças da boca e dentes, 13 h.
Dr. José Maria dos Santos—Análises clínicas
Dr. Oscar de Campos Fragoso—Ast. da F. M —cirurgia geral, rins e vias urinárias, 19 h
Dr. João Martins da Fonseca—Ast. da F. M Raios X.

ANALISES CLINICAS

Escusa de esconder!

Já todos adivinharam qual a prenda que vai dar... Escolheu muito bem! Porque os

CHOCOLATES Regina

SÃO UM PRESENTE QUE VAI DIREITO AO CORAÇÃO!

Policlínica do Intendente

Av. Almirante Reis, 27, 2.º—Telefone 45587

Dr. Carlos Elias da Costa—Cirurgia geral, operações (2.ª. 4.ª e 6.ª), 17 h.
Dr. Anastácio Gonçalves—Doenç. olhos, 18 h.
Dr. Armando Luzes-Rins e vias urinárias, 14 h.
Dr. Armando Valle—Anál. clin. e vacinas, 11 h.
Dr. Benard Guedes—Raios X, 16 h.
Dr. E. de Miranda Rodrigues—Doenças nerv mentais (2.ª. 4.ª e 6.ª), 16 h.
Dr. Fernando Castro Amaro—Med. geral. 15 h
Dr. Formigal Luzes—Mecanoterapia, maçagem, ultra-violetas, gin méd., diatermia, etc., 13 h.
Dr. João Marques Pinto—D das crianças, 18 h
Dr. Juvenal Esteves—Doenças da pele e sífiles 2.ª 4.ª e 6.ª), 14 h.
Dr. Marcelino Martins—Boca e dentes, 10 h
Dr. Mário Rosa—Cl. méd., est e intest., 15 h
Dr. Pedro da Cunha—Partos e doenças das senhoras. 3.ª. 5.ª e sábados), 15 h.
Dr. Vasco de Lacerda—Cl. méd., coração e pulmões, 18 h.
Dr. Abel Alves—Ouvidos, naris e garg.ª, 14 h

DIARIO DE LISBOA

O TEMPO QUE FAZ

SITUAÇÃO GERAL A'S 9 HORAS (T. M. G.) DE HOJE—O tempo em Portugal continental, onde o ceu se apresenta nublado e os ventos são fracos de Nordeste, está sob a influência dum anticiclone centrado a Nordeste dos Açores.

PREVISÃO ATE' A'S 24 (T. M. G.). DE AMANHÃ — Ceu geralmente nublado. Vento bonançoso de Nordeste. Possibilidade de nevoeiros matinais, e temperatura estacionária.

PROGRAMAS DA RADIO

EMISSORA—Ás 18 e 30. Danças; 19, Noticiário; 19 e 5, Rádio Mocidade; 19 e 30, O compositor da semana: Darius Millaud e notas explicativas; 20, Noite de Natal; 20 e 30, Noticiário regional; 20 e 35, Programa pelo Grupo Vocal Feminino Harmonia; 21, Noticiário; 21 e 15, Programa pela Orquestra Típica Portuguesa; 21 e 40 Um conto de Natal: «A Noite dos Milagres», de Gian-Carlo Menetti; 22 e 15, Programa pelo Grupo Coral Aleluia; 22 e 35, Album de Natal; 23 e 10, Canções do Natal; 23 e 50, Resumo noticioso, 0, Transmissão da Sé Patriarcal, da Missa do Galo; no final, encerramento.

RÁDIO CLUBE—Ás 18, Concerto; 18 e 45, Trechos recreativos; 19, Recital de composições de Cruz e Sousa; 19 e 15, União dos Defensores da Língua Portuguesa; 19 e 30, Aperitivo; 20, Canções do Natal; 20 e 15, Noticiário; 20 e 20, Concerto de canários; 20 e 30, Onda desportiva; 20 e 45, Musica em rodagem; 21, Vozes de Portugal; 22 e 30, Companheiros da Alegria; 23 e 55, Vem aí o Pai Natal; 0 e 30, Vozes de Portugal; 1 e 30 fecho.

RENASCENÇA—Das 19 e 30 ás 0 horas.

RÁDIO UNIVERSIDADE—Das 19 e 45 ás 20 e 55.

POSTOS CENTRALIZADOS—Das 17 ás 19 e 30, Rádio Graça; das 19 e 30 ás 22, Voz de Lisboa; das 22 á 1, Clube Radiofónico de Portugal.

FARMACIAS DE SERVIÇO

TURNO B—União—Estrada de Benfica, 592-594—Tel. 58-092; Aguiar—Estrada de Benfica, 197-199—Tel. 58-043; Leal de Matos—Rua de Neves Costa, 33-35 — Carnide—Tel. 58-181; Patuleia Herd.os—Rua do Lumiar, 122-124—Tel. 79-332; Alvalade — Avenida da Igreja, 18-B—Sitio de Alvalade—Tel. 77170; Belmar—Avenida de Roma, 53—Tel. 76314; Miranda—Campo Pequeno, 36-B-C — Tel. 70776; Arga, Ld.ª—Av. Praia da Vitória, 53-55—Tel 43938; S. Sebastião (D.)—Largo de S. Sebastião da Pedreira 1-3—Tel 48642; Jaime José da Costa — Rua do Conde de Redondo, 68-72; Tel. 54342; Ascenso—Rua 19—Bairro da Encarnação—Tel 399216; Marvila (De) — Rua Direita de Marvila, 25; Banha—Estrada de Chelas, 173-175 — Tel. 39683; Nova Luz—Rua A, á Avenida de D. Afonso III, 28-A—Tel. 843439; Nacional — Rua de S. João da Praça 26 — Tel. 28032; Silva — Calçada de Santo André, 16—Tel 26474; Central da Penha—R da Penha de França, 60—Tel 849245; Imperial — Av. de Guerra Junqueiro, 30-B—Tel 76860; Candido Monteiro—Avenida do Almirante Reis, 121-B — Tel. 45751; Coronel — Caminho do Forno do Tijolo, 40 — Tel 841122; Central de Campolide—Rua do General Taboada 17 — Tel 40304; Castro Suc —Rua de S. Bento, 199-A—Tel. 60513; Almeida — Rua de Silva Carvalho, 136 — Tel 53226; Lobel—Rua de Infantaria 16, 100-A—Tel. 63807; Paivas & Parente—Rua de Santo António á Estrela, 96-98—Tel 65196; Neves Suc. — Rua da Bela Vista á Lapa, 35—Tel. 61251; Bom Sucesso — Rua de Bartolomeu Dias, 63—Tel. 38754; J. A. Silva—Rua dos Quarteis, 25-27 — Tel. 37777; Lisbonense—Rua do 1.º de Maio. 10 — Tel. 37020; Fontoura de Carvalho—Rua de Santos-o-Velho, 12—Tel 62075; Central—Rua de S. Paulo, 20389; Macedo—Rua do Loreto, 71—Telefone 23631; Estácio—Praça de D. Pedro IV, 60-63—Tel. 27067.

«A NACIONAL»

De António Ferreira Veiga

(A MAIS ANTIGA NO GENERO)

R. EUGENIO DOS SANTOS, 45, 1. — LISBOA

Telef. 27928

Vende e conserta malas, pastas e todos os artigos de viagem aos melhores preços

O proprietário deseja festas felizes e um Novo Ano muito próspero aos seus Ex.mos Clientes e Amigos.

Sindicato Nacional dos Caixeiros do Distrito de Lisboa

Avenida da República, 29

LISBOA

FESTA DO NATAL

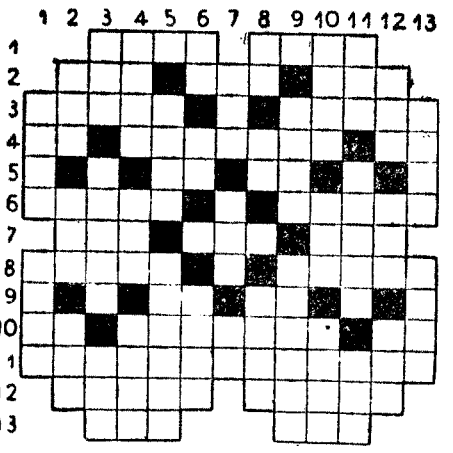
CONVITE

Convidam-se os filiados, acompanhados de seus filhos, a assistir á «FESTA DO NATAL» que lhes é dedicada e que consta de uma parte recreativa, merenda e distribuição de brinquedos, que se realiza amanhã, dia de Natal, pelas 15 horas, na sede deste Organismo.

A DIRECÇÃO

PALAVRAS CRUZADAS

PROBLEMA N.º 4047



HORIZONTAIS: 1—Álgido. Exacto. 2—Deusa. Parte. Rata. 3—A NOSSA SAUDAÇÃO DE HOJE (2 palavras). 4—Esquadrão (ant.). Que têm aspecto de animal. Inconveniente. 5—Símbolo químico do lutécio. Parecença. 6—Heroica. Esmola. 7—Rezo. PREPOSIÇÃO E ARTIGO (pl.). Vão. 8—Esmera-se. Surgir. 9—Prefixo de duplicação. A minha pessoa. 10—Quarto. Pelintra. Nota de musica. 11—PESSOAS A QUEM DIRIMOS A SAUDAÇÃO DO N.º 3. 12—Sinal. Arrancar. 13—Brinque. Calamidade.

VERTICAIS: 1—Lado. Portanto. 2—Uma dezena. Preposição. As vossas pessoas. 3—Bis. Lis. Interpretar um escrito. 4—Fonte. Em companhia. Castiguei. 5—Grande romancista francês falecido no principio deste século. Apanha, 6—Artigo (pl.). Conjunção. Seguiria. 7—Além. Sofrimento. Preposição e artigo. 8—Nome de letra grega. Concede. Rio da Austria, afluente do Danubio. 9—Imperador romano que ficou célebre pelas suas extravagancias e crueldade. Bramiam. 10—Datas. Benigna. Aversão. 11—Rio de França, afluente do Garona. Orvalho. Semelhante. 12—Caminhavam. Discurso laudatorio. Casa. 13—Amplo. Caminhos.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 4046

HORIZONTAIS: 1—Altruista. 2—Aranzel. 3—Na. Iriam. Sé. 4—Upa. Aal. Chá. 5—Loba. Ama. Suar. 6—Asilo. Torne. 7—Rito. Soa. Bani. 8—Ita. Pus. Ror. 9—Ao. Sovar. Nó. 10—Colidir. 11—Valorosos.

VERTICAIS: 1—1—Anulariam. 2—Apósito. 3—Lá. Abita, Cá. 4—Tri. Alo. Sol. 5—Rara. Aos. Polo. 6—Uniam. Ouvir. 7—Izal. Ata. Sado. 8—Sem. Sob. Ris. 9—Tl. Curar. Ró. 10—Shannon. 11—Seareiros.

CAMISAS

POPELINES INGLESAS

OS MELHORES PREÇOS

TORRE EIFFEL

104 — Rua do Carmo — 106

Lâmpadas PHILIPS

Incandescentes e Fluorescentes

RADIO LISBOA, L.DA

Rua Serpa Pinto, 13-A — Telef. 23811

POLICLINICA DO ROSSIO

Largo D. João da Camara, 19, 2.º—Tel. 20660

Dr. F. Martins Pereira—Medicina geral, coração e pulmões, 15 h.
Dr. Cancela de Abreu—Medicina geral. Doenças nervosas, ás 3.ª, 5.ª e sábados, 19 h.
Dr. A. Pina Junior—Doen.ª das crianças, 17 h.
Dr. Anacleto Miranda—D.ª dos olhos, 16 h.
Dr. Cordeiro Lobato—Garg., nariz, ouv.ª, 14 h.
Dr. Jorge Falcão—D.ª da pele, sifilis, 15,30 h.
Dr. Fontoura Madureira—Rins, v. urin.ª, 15 h.
Dr. Luis Leite—Operações, Sr.ª gravidez, 17 h.
Dr. Jose Pereira de Pina—Boca e dentes, 17 h.
Dr. Gentil Branco—Raios X
Dr. Formigal Luzes—Agentes físicos, maçagens e ginástica médica.
Dr. Reis Vale—Análises clínicas.
Dr. Luis Abecassis—Electrocardiografia

PARA CORAR E TONIFICAR PROGRESSIVAMENTE OS PRIMEIROS CABELOS BRANCOS

ACADEMIA SCIENTIFICA DE BELEZA * AV. DA LIBERDADE 35

Esclarecimento necessário

(Continuação da pág. central)

de um desembarque americano no Norte de Africa que seria o ponto de partida para a realização do seu sonho balcanico.

Esta vantagem episódica teve uma contrapartida: a desconfiança dos chefes militares americanos. Numa reunião da Casa Branca, depois de um discurso veemente do primeiro-ministro, o presidente convidou a falar o general Marshall que delegou o encargo de defender o projecto americano de desembarque no Ocidente da Europa, num dos seus colaboradores, o coronel Wedemeyer, que tão grande notoriedade alcançou mais tarde.

«Wedemeyer, escreve o Americano Edgard Snow, ao evocar essa reunião, foi metódico e destruiu, ponto por ponto, a tese de Churchill. Enquanto o primeiro-ministro se confinava no ambito das generalidades grandiloquentes, o oficial americano replicava em frases curtas e secas, mas terrivelmente precisas. Serviu-se de estatisticas e apoiou-se em factos para chegar á parte construtiva da sua tarefa: defender e justificar o plano Marshall».

Os resultados dos debates travados em Washington naquele Verão perturbado de 1942 (a época negra que os aliados atravessaram) tornaram-se mais tarde conhecidos: o desembarque no Norte de África e a desconfiança intratável de alguns generais americanos pelas intenções do primeiro-ministro da Grã-Bretanha. Entre esses generais, contava-se o chefe do Estado-Maior americano, George Marshall.

«Marshall, escreveu Pierre et Renée Gosset («História da Segunda Guerra, detestava Churchill desde o encontro da Terra Nova (encontro de Churchill e Roosevelt para redigir a Carta do Atlantico). Essa impressão desagradável atenuou-se mais tarde. Nessa época, quando Churchill, em Washington, se extraviou numa oratória vulcanica Marshall fulminou-o com o seu olhar frio e incisivo que encolerizava o primeiro-ministro e transtornava os seus discursos eloquentes».

Harry Hopkins descrevia assim, a incompatibilidade irreprimivel que, nessa época, opunha Marshall a Churchill: «Marshall é o unico general americano que Churchill verdadeiramente receia. Quando o primeiro-ministro começa a fazer um discurso, Marshall escuta-o, em silêncio, e depois chama-o, com a maior calma, á realidade, citando-lhe factos e numeros que destroem, por completo, a argumentação brilhante arquitectada pela sua imaginação».

Uma colaboração estreita de alguns anos, a vitória alcançada em comum, a necessidade de enfrentar novos perigos, esbateram esse sentimento de hostilidade. Mas na época a que nos reportamos ele era real e predominante.

No «Jornal» do secretário da Guerra, Stimson, encontram-se sugestivas referências ao que então se passou em Washington. Stimson enviou (19 de Junho de 1942) uma nota pessoal e confidencial, ao presidente Roosevelt, protestando energicamente contra a ideia de vôr de parte o plano de invasão da Europa pelo Ocidente, a qual terminava assim: «O plano de desembarque no Ocidente da Europa (ao qual, de começo, foi dado o nome de código de «Bolero») é americano, desde a sua concepção até ao seu estado actual. Esse plano representa para a condução da guerra, a contribuição vivificante dos nossos chefes militares (Marshall) e das nossas tropas, experimentadas e fortes. Seria um erro imperdoável substitui-lo por qualquer expedição secundária (plano balcanico e mediterranico de Churchill) como aquele que acaba de me ser comunicado».

Profissionais da Imprensa

Em segunda convocação, reune-se no próximo sábado, ás 16 horas, a assembleia geral da Caixa de Previdencia de Profissionais da Imprensa de Lisboa, para discussão e votação do orçamento de despesa para 1954 e eleição dos novos corpos gerentes.

Leiam o jornal humoristico «SEMPRE FIXE»

Um cortejo acompanhou ao Eliseu o novo Presidente

(Continuação da 1.ª página)

virtude da chuva, tapam-se com os impermeáveis, enquanto os cineastas das actualidades cobrem as máquinas com o pano negro dos fotógrafos dos tempos idos.

Na multidão, os chapeus de chuva abundam. Ás 9 e 30, o primeiro automóvel do cortejo presidencial toma lugar diante do pátio da prefeitura. Alguns milhares de pessoas juntam-se em frente das barreiras brancas e, apesar da chuva, esperam sem impaciência.

Ás 9 e 55, Joseph Laniel, presidente do Conselho, chega á prefeitura. A cavalaria presta honras. Ás 9 e 45, a chuva pára e o Sol parece fazer esforços desesperados para romper as nuvens.

Põe-se uma passadeira orlada a vermelho do automóvel presidencial aos ultimos degraus da escadaria. Com ruido ensurdecedor, as 28 motos da escolta funcionam, prontas a arrancar. As tropas apresentam armas. Os guardas fazem a continência.

Com fato e sobretudo azul escuro, de cabeça descoberta, o novo presidente da Republica aparece, acompanhado pelo chefe do Governo, no cimo da escadaria da prefeitura. No pátio, fotógrafos e cineastas precipitam-se e não dão descanso ás máquinas.

Roger Baylet, prefeito da Policia, encaminha-se para o carro que deve ocupar no cortejo. Enquanto René Coty e Joseph Laniel entram no carro presidencial, um capitão da Guarda Republicana senta-se ao lado do motorista. Ás 9 e 47, o cortejo sai da prefeitura.

Sete motociclistas da Polícia formam um triangulo a uma dezena de metros á frente do carro presidencial. Este é enquadrado por outros motociclistas.

Logo atrás, vai um automóvel da Policia ocupado por inspectores encarregados da segurança do novo chefe do Estado. Por ultimo, uma cortina de motociclistas fecha o cortejo.

Ao deixar a prefeitura, sob os aplausos da multidão, o cortejo segue pela Avenida de Paris, a caminho do palácio de Versalhes, volta e toma a direcção de Paris. Em todo o percurso, gendarmes, homens das Companhias Republicanas de Segurança, policias e tropas, formam barreira. Os homens apresentam armas e os oficiais fazem a continência quando passa o automóvel do novo presidente da Republica francesa.—(F. P.).

Pequenas notícias do estrangeiro

4 mortos num desastre de aviação

TANANARIVE (Madagascar) 24—Morreram 4 pessoas e ficou uma gravemente ferida, quando um avião militar se despenhou hoje sobre um grupo de casas, na pequena localidade de Maintirano, na costa ocidental de Madagascar. Sofreram estragos várias casas.—(Reuter).

Bolas de neve a 5 cêntimos

HOLYWOOD, 24—Um comerciante de Los Angeles, que trouxe para aqui bolas de neve em frigorificos, está a vendê-las a crianças desta cidade que nunca puderam brincar com neve. Cada bola de neve custa 5 cêntimos.—(Reuter).

O Natal dos faroleiros suecos

ESTOCOLMO, 24—Foram lançados em pára-quedas abastecimentos do Natal a 4 faroleiros suecos isolados no farol de Rocdkallens, no golfo de Bóthnia.—(Reuter).

Morte de dois irmãos siameses

COLOMBO, 24—Morreram ontem os irmãos siameses juntos pela cabeça, dados á luz por uma mulher singelesa.—(Reuter)

Uma declaração de Richard Nixon

WASHINGTON, 24—O vice-presidente dos Estados Unidos, Richard Nixon, disse ontem pela rádio que passara o tempo em que «devíamos tentar chegar a acordo com os comunistas na mesa da conferência, rendendo-nos a eles».—(Reuter).

ORIVESARIA ALGÉS
Agente Oficial: ÓMEGA - TISSOT
Aureus - Viergines - Zinal
Av. dos Combatentes, 13-A
Telef. 523 — ALGÉS

O malogro da C. E. D. acarretaria uma situação séria — diz o senador Wiley

WASHINGTON, 24 — O senador Alexandre Wiley, presidente da comisso senatorial dos Negócios Estrangeiros, ao sair ontem da Casa Branca, onde conferenciou com o presidente Eisenhower, declarou aos jornalistas que o interrogaram acerca do tratado da C. E. D., o seguinte: «Não creio que se deva falar em quaisquer soluções para substituir o tratado da Comunidade Europeia, antes de termos realmente necessidade de o fazermos. Estou pronto a admitir, tal como o secretário de Estado, Foster Dulles, que a situação é séria se a C. E. D. se malogra. Espero, porém, que o tratado seja ratificado».

Como um jornalista lhe perguntasse se a C. E. D. seria o unico meio de reforçar a organização defensiva do mundo livre, o senador respondeu: «Não. Mas neste momento creio que é a unica solução que tem probabilidades de êxito. E' claro que, no caso de malogro, se poderia encarar a possibilidade de tratados, mas isso não alteraria os receios reciprocos da França e da Alemanha».—(France Presse).

A entrevista Churchill-Malik

LONDRES, 24—«Não restam duvidas de que se preparam acontecimentos diplomáticos importantes»—escreve a propósito da entrevista Churchill-Malik, o redactor diplomático do «Daily Worker», que julga saber que o embaixador da U. R. S. S. regressará a Moscovo dentro de dias, para «fazer um relatório».

Na embaixada da União Soviética, continuam a não fazer comentários ao almoço que reuniu ontem Jakob Malik e sir Winston Churchill, na residência de campo do primeiro-ministro britanico.—(F. P.).

Um tremor de terra no Sul da Colômbia

BOGOTA, 24 No Sul da Colômbia, na região do departamento de Narino, sentiu-se ontem um forte abalo de terra. Os prejuízos materiais são consideráveis, especialmente em Guatarilla, onde quase todas as casas sofreram graves danos. Até agora, não há vítimas a assinalar.

Segundo as ultimas noticia chegadas de Narino, onde mais se fez sentir o tremor de terra, há 250 casas completamente destruídas naquele departamento e 35 pessoas feridas, algumas em estado grave. (F. P.).

A mensagem do Papa

(Continuação da 1.ª página)

levar a «uma paz de receio e não á paz que é confiança no futuro».

Acrescentou que paz segura e estável é, «acima de tudo, um problema de unidade espiritual e de atitudes morais».

O Papa advertiu energicamente o Mundo contra o perigo dos modernos processos técnicos levarem á sufocação dos valores espirituais.

«O conceito técnico da vida não é mais do que uma forma particular do materialismo, atendendo a que oferece como resposta definitiva á questão da existência uma fórmula matemática e de cálculo utilitário. E' ciente de estar envolvido pelas trevas, manifesta inquietação e angustia, que sentem muito especialmente os que se empenham em procurar febrilmente sistemas sempre mais complexos e sempre mais temiveis. Um mundo guiado assim não se pode considerar como iluminado pela luz e animado pela vida que o Verbo feito homem veio comunicar aos homens».

E prosseguiu: «O actual estado de coisas não melhorará, a não ser que todas as nações concordem mutuamente em opôr-se á causa da divisão que reina entre elas, na diferença dos níveis de vida e produtividade». Isso «pode e deve fazer-se, na Europa, por meio de união europeia»—declarou. Um forte encorajamento para essa união é o malogro manifesto da politica contrária e o facto do povo vulgar, nesses países, a esperar e considerar necessária e possivel. A época parece propicia para a ideia se transformar em realidade—acrescentou.

O Papa disse que fazia o seu apelo de paz «em nome das vitimas que ainda choram sobre tumulos próximos e distantes e, de facto, têm o receio de que estejam a ser preparados ainda outros: dos que estão ainda a viver no meio de ruinas e, ao mesmo tempo, vêem aproximar-se nova destruição; dos que estão ainda a esperar pelo regresso de prisioneiros e entes queridos dispersos e estão, também, a viver no receio de perda da sua própria liberdade. O perigo é tão grande que, do berço do prémio eterno de paz, temos de pronunciar palavras muito graves, até com o risco de provocar receios ainda mais fortes. Porém, pode sempre esperar, que, com a graça de Deus, será um receio salutar e eficaz, que conduzirá á união das nações e, assim, fortalecerá a paz».—(Reuter e France Presse).

Se passar por Salvaterra
Visite o **Café Restaurante Ribatejano**

Ourivesaria Portugal

Deseja boas festas aos seus clientes e amigos e um novo ano muito feliz.

ROSSIO, 122

A GERENCIA DO
RESTAURANTE FIM DO MUNDO
Largo da Estação - CASCAIS

Cumprimenta os seus Ex.mos Clientes e Amigos desejando-lhes um Feliz Natal e um Novo Ano cheio de prosperidades.

Teatros e Cinemas

(Continuação da 4.ª página)

Burnay teve um apontamento muito bom, na pele do velho bisavô; e Luis Bernardo deu-nos, como convinha, a chave da anedota maquiavelicamente urdida pelo dr. Alfredo Ary dos Santos que, no final de cada acto, veio ao palco, com muita elegancia, receber os justos aplausos do publico divertido.

Três cenários de Reinaldo Martins, a enquadrar com felicidade os três actos revelam, no seu arranjo, o bom gosto de Berta de Bivar. Desejamos que «O Principe» seja um verdadeiro brinde de Natal para quantos o levaram á cena cheios de esperança e sacrificio. E que, no final, «ele» os recompense a todos, com a sua presença, porque de teatro principesco anda muito precisado o nosso publico. Entretanto vamo-nos contentando com as impossibilidades em que o teatro se debate.—M. A.

Primeiras exibições

«Uma estrela vinda do céu», no Império

«Uma estrela vinda do céu» é um gracioso ramalhete de canções, humorismo e... ingenuidade. Norman Taurog realizou com vista a alegrar e divertir, e a exibição em Lisboa é feita com oportunidade. O elenco constitui um brinde de Natal, com Anna Maria Alberghetti, jovem soprano italiana; Rosemary Clooney, de estilo menos clássico, antes se filiando no gosto da rádio norte-americana; o notável e potente baritono Lauritz Melchior; Bob Williams, original domesticador de cães etc. Victor Young com a musica apropriada para o filme que é, repetimos, um gracioso ramalhete de canções, e de ingénuo humorismo, agradável e divertido. —*Visor 20*.

A estreia de «Lili»

esta noite no S. Jorge

A partir desta noite, o publico da capital tem, no São Jorge, o melhor espectáculo do Natal: «Lili», famosa comédia musical em technicolor, autêntico filme de sonho, premiado no Festival de Cannes, cujo desempenho foi confiado a essa portentosa actriz-bailarina Leslie Caron, a Jean Pierre Aumon e Mel Ferrer.

A sua história magnificamente contada e conduzida, é humana, simples e amena. A musica encanta pela suavidade e pelo ritmo e os bailados deixam-nos surpresos pela sua concepção inédita.

Adequado, cem por cento, a esta quadra festiva, o novo cartaz do Cinema S. Jorge vai ser o assunto de todas as conversas, pois o publico verá em «Lili» mais do que uma simples comédia musical, um espectáculo que dignifica a industria cinematográfica mundial.

Véspera de Natal no circo

O esplendoroso espectáculo nocturno de hoje, no Coliseu, com todas as maravilhosas atracções da Nova Companhia de Circo. Amanhã, dia de Natal, duas grandiosas «matinées» infantis, ás 14 e 30 e ás 17 e 15, e, á noite, ás 21 e 30

TAMAOS CAMPOS

Passe esta noite, véspera de Natal, com toda a sua familia, no Coliseu. Verá coisas maravilhosas, que jámais esquecem! Os maiores, os mais sensacionais prodigios do Mundo. Há-de sorrir, emocionar-se, ficar atónito, não acreditar e logo á meia-noite, o Coliseu feéricamente iluminado, dar-lhe-á uma visão grandiosa. Palhaços, trapezistas equilibristas, aramistas, contorcionistas, escadas aéreas, magia, acrobatas, «cow-boys» e muitos outros fenómenos. Amanhã, dia de Natal, duas «matinées» infantis, a primeira ás 14 e 30, a segunda ás 17 e 15, nas quais todas as crianças, até aos 10 anos, devidamente acompanhadas, têm entrada gratuita. É o melhor brinde que podeis dar aos vossos filhos. Á noite, ás 21 e 30, o mesmo sensacional espectáculo.

SOCIEDADE «ESTORIL»

TORNEIO QUADRANGULAR NO ESTÁDIO NACIONAL

ás 13 e ás 15 horas

Nos próximos dias 25 e 27 do corrente e 1 de Janeiro haverá serviços especiais directos de Cais do Sodré á estação do Estádio, desde as 11-55 horas ás 15-10 e desde o fim do desafio, enquanto for necessário.

O pessoal da Sacor

homenageou os estrangeiros que trabalham em Cabo Ruivo

Oferecido pela Casa do Pessoal da Sacor, realizou-se, ontem, um jantar em honra dos elementos estrangeiros que, transitóriamente, se encontram no nosso País ao serviço daquela importante organização industrial.

A encantadora festa, revestida de significado social, teve o patrocínio da administração da Sacor que a ela se associou. O amplo salão do Espelho de Agua estava ornamentado com grandes árvores do Natal e profusamente iluminado. E os estrangeiros—Americanos, Alemães, Austríacos, Franceses e Holandeses—que se encontram em Portugal, temporáriamente, colaborando nos trabalhos de remodelação e ampliação da refinaria de Cabo Ruivo, não ocultaram a sua satisfação pela homenagem que lhes era prestada.

Presidiu o sr. prof. dr. Beleza dos Santos, presidente do conselho de administração da Sacor, ladeado pelas senhoras Hendricks e Mascal, vendo-se, também, em lugares de honra, outros administradores.

Ao terminar o jantar, o sr. prof. dr. Beleza dos Santos, em alemão e em francês, saudou os convidados e disse da satisfação de todos, em assistirem á festa dedicada aos estrangeiros amigos. O sr. Oliveira da Silva, em inglês, fez também uma saudação.

Hoje, de tarde, também no Pavilhão dos Desportos Náuticos—Espelho de Agua—efectuou-se uma festa dedicada aos filhos dos empregados da Sacor.

INCÊNDIO EM GAIA

PORTO, 24.—(Pelo telefone)—No Bairro Manuel de Sousa, na Rua D. Pedro V, em Gaia, manifestou-se incêndio num rés-do-chão habitado por Leonor Trindade. Arderam roupas de cama e parte da mobília, bem como uma porção do travejamento da casa.

Os bombeiros municipais de Gaia extinguiram o fogo.

TEATRO NACIONAL DE D. MARIA I
Hoje, ás 21,45, a peça em 3 actos de ROMEU CORREIA
CASACO DE FOGO
Numa extraordinária interpretação de um magnífico elenco artístico
Amanhã ás 15.30, estreia da fantasia infantil A HISTORIA DA CAROCHINHA

VARIEDADES
Espectáculo inteiro, ás 21 e 30 horas
A comedia de extraordinário exito
O Conde Barão
com Vasco, Ribeirinho, Costinha, Hortense, Maria Helena, Henrique Santana, Luisa Durão e Artur Semedo
(Espectáculo para adultos)
Amanhã, «matinée» ás 16 horas, e á noite, duas sessões, ás 20 e 30 e ás 23 horas

APOLO 2 SESSÕES A's 20 30 e 23,45
Telef. 28643 A REVISTA
LISBOA ANTIGA
com HERMINIA SILVA e ALVARO PEREIRA
(Para maiores de 18 anos)
Amanhã, «matinée» ás 16 horas

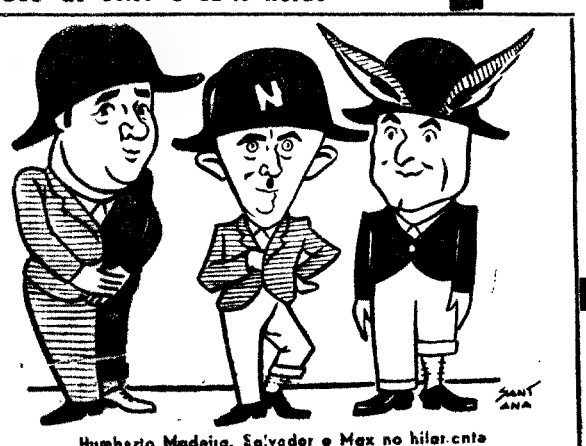
PASSE UM NATAL ALEGRE
NA COMPANHIA DE

(Para maiores de 13 anos)
Lili
Premiado no Festival de Cannes de 1953!
UM FILME M. G. M. EM TECHNICOLOR com
LESLIE CARON na protagonista
MEL FERRER * JEAN-PIERRE AUMONT
HOJE, ás 21,30, no São Jorge

BETA
PEÚGAS SEM RIVAL HOMEM CRIANÇA
MEIAS E PEÚGAS QUE SERVEM A TODOS E A TODOS SERVEM BEM!

NO AVENIDA A'S 21,45
A COMPANHIA BERTA BIVAR-ALVES DA CUNHA
Obteve ontem um novo e ruidoso
EXITO! com
a apresentação do novo original português
O PRINCIPE
em que se estreia como dramaturgo o
DR. ALFREDO ARY DOS SANTOS
e em que tem 3 brilhantes criações artísticas o eminente actor
ALVES DA CUNHA
BERTA DE BIVAR
MARIA PAULA
e toda a companhia deste teatro
(Espectáculo para adultos.)
AMANHÃ DIA DE NATAL, ás 16 horas 1.ª MATINE'E

MARCIA CONDESSA
Praça da Alegria, 38
Anuncia a todos os seus Amigos e Clientes
HOJE — CEIA REGIONAL
Marque a sua mesa para a noite de Fim de Ano
Fados e guitarradas e grandes surpresas

Maria Vitória
HOJE e SEMPRE em 2 SESSÕES ás 10.30 e 22.45 horas
ADULTOS
SALVADOR
apresenta em pleno e absoluto triunfo!
a alegre, dinâmica e popularissima revista
SAIAS CURTAS
o retumbante e inexcedível sucesso de um grandioso e óptimo elenco artistico!
Amanhã-Dia de Natal-ás 16 horas
MATINÉE
(Espectáculo para adultos)

Humberto Madeira, Salvador e Max no hilariante quadro dos «Fantoches 1952»

NOTICIAS DE ALMADA

ALMADA. — A Secção de Finanças e a Tesouraria da Fazenda Pública de Almada passam ainda este mês para a Rua D. José de Mascarenhas n.º 85, em virtude das reparações que vão ser feitas no edifício da Boca do Vento, pertença do Município.

—Foi nomeado para o lugar de Vice-presidente da Câmara Municipal de Almada, o vereador sr. António Franco de Carvalho, em substituição do coronel Adriano Augusto de Figueiredo Dores, que assumiu o comando do regimento de Infantaria 15, de Tomar.

—A afixação de cartazes, em prédios de recente construção e nobres cujas fachadas foram caiadas ou pintadas, prejudica muito o aspecto urbano desta vila.

ASSEMBLEIAS GERAIS

O Instituto dos Actuários Portugueses elegeu os seus corpos gerentes para o próximo ano, escolhendo para presidentes da assembleia geral, direcção e conselho fiscal, respectivamente, os srs. professores drs. Vítor Hugo de Lemos e Caetano Beirão da Veiga e dr. Costa Rocha.

NOTICIAS DE VISEU

VISEU. — Regressou de Lisboa o presidente da Câmara Municipal de Viseu, tenente-coronel Silva Simões, que ali foi conferenciar com o sr. ministro das Obras Públicas, acerca de vários melhoramentos a realizar no próximo ano de harmonia com o plano de urbanização superiormente aprovado e no qual colaboraram alguns dos melhores engenheiros e técnicos nacionais. Para já, deverão abrir-se a Rua da Prebenda, a que liga o antigo Bairro dos Andrades ao Largo de Alves Martins e a que da Avenida Infante D. Henrique, em frente ao liceu, terminava, junto á Viseu Industrial, na estrada de Vil de Moinhos.

— Também foi arrematada a nova e importante artéria visiense, que, partindo de Repezes, na Estrada Nacional n.º 2, e passando pela Via Sacra, vai terminar na Estrada de Mangualde. Esta artéria periférica, a Sueste da cidade, é construída a expensas do Governo e será fiscalizada pela Direcção de Estradas distrital.

—Os vinhos não têm procura e oferecem por eles preços que estão abaixo do seu custo ao lavrador. É a crise da abundância, já que outra explicação não se torna necessária.

O abastecimento do País

NISA. — Vai adiantada a colheita da azeitona, que este ano é em quantidade. A Junta Nacional do Azeite veio acudir a tempo á lavoura deste género, livrando-a dos manejos dos armazenistas sem escrúpulos, que não tendo capacidade de armazenar azeite, á fabela, logo a arranjam desde que comprem por preços que lhe seja inferior. Até uma grande firma, com mais de meio século de existência, e desde sempre aqui importante compradora, não se peja de oferecer aos clientes um preço aviltante e fora da lei.

É outra firma de Lisboa, sem receio da fiscalização, comprou publicamente num lagar de freguesia de Beirã, concelho de Marvão, por 25 centavos em litro abaixo da tabela.

MAGISTRATURA

ALCOBAÇA 23. —Tomou posse do lugar de delegado do procurador da República da Comarca de Alcobaça, o sr. dr. António Pedroso de Almeida, numa cerimónia a que assistiram todos os advogados de Alcobaça, Nazaré Rio Maior e Caldas da Rainha, diversas individualidades locais e amigos pessoais, etc.

VIDA RELIGIOSA

BRAGA. — Para comemorar as bodas de prata de sacerdócio do rev. dr. José Martins Gonçalves, o Corpo Nacional de Escutas, de que é assistente nacional adjunto, promoveu-lhe uma homenagem, cujo programa incluí uma missa rezada, na sede daquela instituição, e uma alocução alusiva, pelo rev. cónego dr. António José Ribeiro. Seguiu-se uma sessão solene e, por fim, um almoço de confraternização, em que falaram diversas pessoas pondo em relêvo as virtudes do homenageado. Este, no final do almoço, agradeceu a simpática homenagem.

O tempo e a agricultura

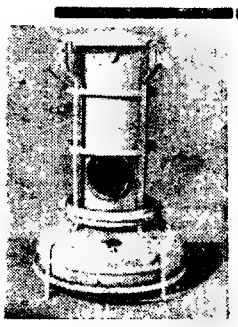
EVORA, 13 — Estão já em plena laboração quase todos os lagares neste distrito, prevendo-se que tenham actividade longa, devido á grande abundancia de azeitona. Os serviços de varejo e apanha ocupam já muitos milhares de rurais de ambos os sexos em toda a região alentejana, devendo-se a eles um facto muito importante: a ocupação de braços que a crise rural mantinha em inactividade e sempre em dificuldades maiores nesta estação do ano.

CAVES DO Barrocão, Lda

Milhor é esprimentá-lo que julgá-lo
Mas julgue-o quem nam póde esprimentá-lo
(Lusiadas canto IX)

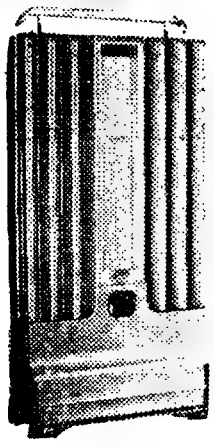
Espumantes Naturais

Caloriferos a Petróleo
ALADDIN



BLUE FLAME

SÉRIE 7

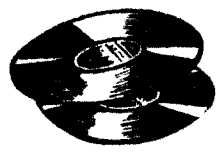


Consumo mínimo sem fumo nem cheiro

Secção de Parelhagem Doméstica
de VARIA, LDA. — R. Nova da Trindade 10-C — Telefone 32475 — LISBOA

Leiam o «SEMPRE FIXE»
«SEMPRE-FIXE»

DISCOS INFANTIS



ALGUMAS HISTÓRIAS QUE FAZEM A DELICIA DAS CRIANÇAS

JOX 7010/11 — A GATA BORRALHEIRA
JOX 7026/27 — ALI-BÁBÁ E OS 40 LADRÕES
JOX 7022/23 — A GALINHA DOS OVOS DE OURO
JOX 7024/25 — JOÃO E MARIA
JOX 7028/29 — A CIDADE FANTASMA
JOX 7030/31 — A BELA ADORMECIDA NO BOSQUE
JOX 7032/33 — A MOURA TORTA
JOX 7034/35 — ROBIN HOOD
JOX 45/46 — A BELA E O MONSTRO

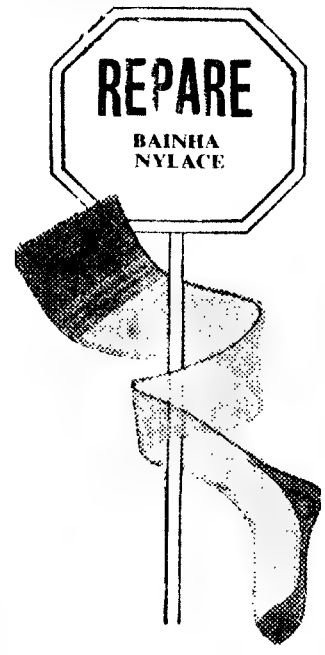
Cada história completa 100$00
(2 discos de 30 cm.)

JO 320 — A CIGARRA E A FORMIGA
JO 321 — O CAGADO E O GAMBA

História completa 37$50 (1 disco de 25 cm.)

"His Master's Voice"

A' VENDA NOS
EST. VALENTIM DE CARVALHO, LD.ª
RUA NOVA DO ALMADA, 97
L I S B O A



As malhas caídas deixam de existir com a

"BAINHA NYLACE"

Porque resistem á pressão das ligas

BERKSHIRE

O MAIOR FABRICANTE DE MEIAS NO MUNDO

BASILISA PEDROSA
Parteira diplomada
R. Madalena, 182, 4.º esq. (elevador) — Telef. 22029
Das 14 ás 18 horas

POVO DE LISBOA
O Retiro da Bairrada
EM BENFICA
é a unica casa que vos garante o leitão assado no espeto, por pessoal Bairradino. Não façam encomendas a qualquer porque podem ser enganados. Pedidos e informações pelo telefone 58-594. Revendedor Restaurante Bonjardim — Travessa de Santo Antão, 7 — Telefone 24389.

PELES
David KIT
Novas remessas de Vison Safira, Diamante Negro, Armanhos e Astrakans Peras
ULTIMOS MODELOS EM TODA A PELARIA FINA
DESCONTOS ESPECIAIS PARA REVENDA
Avenida Sidónio Pais, 24 — LISBOA
Rua de Santo António, 99 — PORTO

Contra a TOSSE e a COQUELUCHE
PILKA*
*PRODUTO SUIÇO

VIAJANTE
Admite Armazem de Solas e Cabedais em Coimbra — carta ao Apartado 60 — Coimbra.

Algés

José Joaquim Nogueira

MISSA DO 7.º DIA

Isabel Maria Ribas Nogueira, seu filho, nora, netos e mais família participam a todas as pessoas das suas relações que no dia 26 do corrente, pelas 10,30 horas, mandam celebrar, na Capela dos Anjos, em Algés, uma missa pelo eterno descanso do seu saudoso marido, pai, sogro, avô e parente, agradecendo desde já a todos que se dignarem assistir a tão piedoso acto.

Machado da Costa

FESTAS DO NATAL

(Continuação da 1.ª página)

quim Matias. Na fábrica de Pataias também se realizou uma cerimónia que reuniu todos os operários.

—Na Fábrica Nacional de Cordoaria, na Junqueira, realizou-se uma festa de Natal, a que assistiu o ministro da Marinha e o almirante superintendente dos Serviços da Armada.

—Por iniciativa do pessoal da Companhia de Seguros «Sagres», na presença de todos os seus directores e famílias, efectuou-se uma festa de Natal dedicada aos filhos dos empregados, aos quais foram distribuídos brinquedos e oferecido um lanche.

—A Camara Municipal de Almada distribuiu, na cantina do seu pessoal, roupas e brinquedos aos filhos dos seus funcionários. Também a junta de freguesia local distribuiu um bodo em géneros alimentícios a 300 pobres e donativos em dinheiro a várias instituições.

Diversos bodos

Hoje, foram distribuidos os seguintes bodos:

Na Liga dos Combatentes da Grande Guerra, pão, carne, chouriço, toucinho, massa arroz, café e açucar, a cerca de 500 combatentes, enquanto era levado dinheiro e tabaco aos combatentes que se encontram em hospitais e prisões.

—Nas juntas de freguesia da Graça, Ajuda e de S. Nicolau.

—Na União dos Inválidos de Guerra, a viuvas e orfãos de antigos combatentes.

—Na Casa do Algarve.

—Na Penitenciária, aos Josés presos, pelo Grupo Josés de Portugal, em colaboração com o Comboio das Seis e Meia.

Para amanhã, estão marcados os seguintes bodos:

—Na Casa das Beiras.

—Nas juntas de freguesia de Santa Catarina e de Santa Isabel.

—Na Academia 1.º de Setembro de 1867.

Outras comemorações

Pessoal da Junta Autónoma de Estradas — Hoje, a partir das 15 horas, realizou-se, na Casa de Trás-os-Montes e Alto Douro, Rua da Misericórdia, n.º 20, 3.º uma festa dedicada aos filhos dos sócios do grupo desportivo da Junta Autónoma das Estradas que receberam brinquedos e um pequeno lanche. No recinto, estava patente um presépio, executado por um dos sócios daquele grupo.

Junta de freguesia da Graça — A Junta de Freguesia da Graça, distribui hoje, ás 21 horas, na sua sede. Calçada de Santo André, 45, 1.º, um bodo a indigentes inscritos nos seus cadernos.

Junta de Freguesia de Santa Catarina—Esta junta distribui no dia de Natal, pelas 10 horas, um bodo aos pobres, para o qual teve a amabilidade de nos enviar duas senhas destinadas aos nossos protegidos.

«Josés de Portugal»—Este Grupo Onomástico, promove, na sua sede, no dia de Natal, uma distribuição de donativos a Josés pobres. Também oferece ás crianças com o nome de José, filhas de outros Josés, brinquedos e roupas, para o que tem no seu salão, uma árvore de Natal, abundantemente guarnecida de ofertas. Seguir-se-á um lanche. Também amanhã, fará uma distribuição de tabaco a Josés reclusos na Penitenciária, no momento em que se realiza a tradicional festa do «Diário de Notícias», com a colaboração do Comboio das Seis e Meia.

Grupo Dramático Lisbonense — Depois de amanhã, ás 11 horas, esta prestimosa colectividade oferece, por intermédio da sua comissão de beneficência, uma festa dedicada ás velhinhas suas protegidas, cada uma das quais receberá dez escudos. Agradecemos a senha que fizeram o favor de nos enviar.

Sociedade Cruz Quebradense — Também no dia de Natal, ás 16 horas, a Sociedade Cruz Quebradense promove uma festa para distribuição de brinquedos e guloseimas ás crianças da sua escola, filhas de associados.

No Sport Lisboa e Benfica—A comissão de festas do S. L. B. organiza no dia 31, um baile com a colaboração do conjunto «Rubi» e de alguns dos nossos melhores artistas de variedades. O baile irá das 22 horas até de madrugada, estando assegurados um serviço de ceias e de transportes, durante toda a noite. As marcações de mesas, deverão ser feitas pelo telefone 58425.

Junta de Freguesia de Marquês de Pombal— Esta junta leva a efeito, no dia de Natal, a distribuição de um bodo de 20$00 a 300 pobres seus protegidos. As 40 crianças que frequentam diariamente a sua cantina serão contempladas com vestidos e calçado, sendo-lhes servido, pelas 12 horas, um almoço, após o qual se procederá á distribuição de brinquedos e livros

Na Fábrica de Condutores Eléctricos Diogo d'Avila, Lda.

A exemplo dos anos anteriores, a gerência da Fábrica de Condutores Eléctricos Diogo d'Avila, Lda. também este ano quis reunir os filhos do seu pessoal, a fim de lhes distribuir várias prendas constituidas por brinquedos, roupas, etc., comemorando-se assim as festas do Natal de 1953. Para esse efeito, no grande refeitório da sua fábrica, situada na Estrada Ajuda-Queluz, foi colocada uma árvore de Natal tendo a esposa do sócio sr. Diogo d'Avila, sr.ª D. Leolinda d'Avila, presidido a simpática festa que em todos deixou as melhores recordações, demonstrando todo o interesse que na Fábrica de Condutores Eléctricos Diogo d'Avila, Lda., existe no que se refere á util e sã harmonia entre patrões e empregados.

As festas de amanhã

Para amanhã, estão marcadas as seguintes festas:

A's 15 horas, no Albergue de Mendicidade da Mitra, da Polícia de Segurança Publica de Lisboa, uma representação pelo Grupo Dramático e Musical daquela instituição, no seu Teatro Infantil; das 15 e 30 ás 19 e 30, nas salas da Casa Militar, com a Orquestra Costa Rica; ás 10 horas, na Sociedade de Instrução Guilherme Cossoul, com distribuição de vestuário, calçado, lanches, brinquedos e exibição de palhaços; ás 16 horas, na Casa de Trás-os-Montes e Alto-Douro, com exposição de um presépio, baile, com a Orquestra «Nigth Stars» e o seu vocalista, e distribuição de brinquedos; na Casa de Entre-Douro-e-Minho, ás 16 horas, baile, abrilhantado por uma orquestra; ás 15 horas, no edifício da Imprensa Nacional de Lisbôa, festa infantil, dedicada aos filhos dos funcionários daquele organismo do Estado, levada a efeito pelo Centro de Alegria no Trabalho do Pessoal, com a colaboração da F. N. A. T., constando de exposição de um presépio, distribuição de brinquedos e outros brindes, exibição do ilusionista Fonseca e dos palhaços Irmãos Emilianos e colaboração da Orquestra «Estrelas de Ouro», com o seu vocalista; do Grupo Desportivo da Fábrica Portugal, ás 10 horas, com distribuição de vestuário, calçado, lanche, brinquedos e guloseimas aos filhos do pessoal; do Ávila Atlético Clube, com baile e distribuição de brinquedos; do Glória Atlético Clube de Portugal, á tarde, com distribuição de brinquedos aos filhos dos seus associados; dos «Manuéis de Portugal»; do Sporting Clube da Penha, com festa para as criancinhas do bairro, e distribuição de brinquedos e doces; ás 10 e 30, na sede da Associação Operária de Palma e Arredores, distribuição dos prémios escolares, exposição de trabalhos e de um presépio e distribuição de alguma sroupas e donativos aos alunos e a filhos de sócios necessitados; ás 16 horas, na sede do Sport União Sintrense; distribuição de enxovais e agasalhos a criancinhas pobres de Sintra, ás quais será oferecido um lanche.

Depois de amanhã, ás 17 horas, na sede do Aero-Clube de Portugal, na Avenida da Liberdade, 226, a direcção da «Revista do Ar» leva a efeito uma distribuição de prendas de Natal aos filhos do pessoal da Aeronáutica Portuguesa.

Festas para os soldados e para as crianças de Setubal

SETUBAL, 23.—O comando do Regimento de Infantaria n.º 11, no intuito de estreitar a familia militar, elaborou um plano de festividades para a presente quadra do Natal. Começou este ciclo de festas, por uma récita que se realizou no Teatro Luisa Todi, com a representação de uma comédia da autoria de um primeiro sargento daquela unidade e apresentação de um acto de variedades, em que intervieram várias praças e cabos.

Numa das salas do quartel foi também armado um artistico presépio que tem sido muito apreciado pelo publico. Verificou-se também uma larga distribuição de brinquedos ás crianças filhas dos oficiais, sargentos, cabos e soldados daquele regimento.

Na véspera de Natal, á noite, os cabos e soldados, confraternizaram em alegre consoada, tão caracteristica em certas regiões do País. E, finalmente, no dia 31, uma deputação de oficiais, sargentos e praças, irá ao Asilo Dr. Paula Borba, fazer uma distribuição de tabaco e fósforos aos velhinhos ali internados.

Também a Associação Central de Assistência, que tem a seu cargo várias instituições de caracter beneficente e social, distribuiu a cerca de 250 crianças do Parque Infantil, Sala de Estudo, Alcateia de Lobitos e Casa de Trabalho—nucleos de acção educativa e assistencial do Bairro Presidente Carmona—numerosos brinquedos, merendas e presépios de cartolina.

A esta distribuição, precedida da representação de um «Auto do Natal», desempenhado pelos mais pequeninos alunos do Parque, teve a presença dos srs. dr. Miguel Bastos deputado e presidente da referida comissão; prior de S. Sebastião, padre Jose Maria Nunes; da esposa do chefe do distrito, D. Maria Correia Figueira, e de muitas outras senhoras, que aos problemas da assistência local têm prestado valiosa colaboração.

Festas em Pedrógão Pequeno

PEDROGÃO PEQUENO, 23 — Comemorando a quadra do Natal, distribuiram-se nas escolas primárias desta vila agasalhos, calçado e livros no valor de 6 000$00. Houve sessão solene a que assistiram os engenheiros da Barragem do Cabril, as autoridades locais e a que presidiu o delegado escolar do concelho de Sertã. As crianças exibiram-se em recitações e pequenos numeros de variedades e, no final foi-lhes servida uma merenda, na Cantina Escolar «Manuel Ramos».

Também na messe da Hidro-Eléctrica do Zêzere se fez uma distribuição de brinquedos aos filhos dos empregados daquela empresa, seguida de lanche.

As crianças da Murtosa foram esquecidas no bodo aos pobres

MURTOSA, 23.—O sr. Martins de Albuquerque, delegado escolar neste concelho, recebeu da Direcção Escolar do Distrito de Aveiro, 98 blusões para as crianças pobres das escolas primárias oficiais. Esses blusões, procedentes do Ministerio da Educação Nacional, foram já distribuidos por todas as escolas do concelho, com excepção das da Murtosa (sede), com 9 lugares em funcionamento e uma população escolar de cerca de 500 crianças. O facto provocou o maior descontentamento na população, pois, é na escola referida que se encontra, infelizmente, uma percentagem muito grande de crianças pobres e até indigentes. Embora reconheçamos que nenhuma responsabilidade tem o sr. delegado escolar nesta distribuição, pois limitou-se a cumprir determinações superiores, não podemos de modo algum deixar de registar o facto, que causou o protesto e o descontentamento da população da freguesia, ou melhor, do lugar da Murtosa.

Um aspecto da festa de Natal para os filhos dos que trabalham na casa Vaultier & C.ª. As crianças tiveram a alegria de um espectáculo com variedades, a que se seguiu a distribuição de brinquedos e um lanche

Paços de Sousa uma terra onde todos têm consoada

PAÇOS DE SOUSA, 23.—Como nos demais anos, a Conferência de S. Vicente de Paulo dos «Gaiatos» do padre Américo e a Conferência Feminina da freguesia, distribuiram hoje, aos seus pobres—mais de 50 familias indigentes—a tradicional consoada.

A Conferência Paroquial fez um peditório e o povo correspondeu, como se esperava.

O padre Américo também percorreu as moradias do «Património dos Pobres», e ofereceu, a cada familia ocupante, a sua consoada. Com verdade, em Paços de Sousa, todas as casas de indigentes terão em 24, ceia de Natal.

Autos pastoris representados na Figueira da Foz

FIGUEIRA DA FOZ, 23.—Continuando uma velha tradição, as secções dramáticas da Sociedade Musical Figueirense e Sociedade Musical Figueirense 10 de Agosto levam á cena curiosos autos pastoris e dos reis magos. Reune sempre muito publico, para assistir ao pitoresco espectáculo.

Petroleiro «Bornes»

Recebemos o seguinte rádio: «O capitão, oficiais e os restantes tripulantes do petroleiro «Bornes», navegando no golfo Pérsico, de regresso a Portugal, desejam festas felizes e um ano muito prospero as suas famílias e ao pessoal do «Diário de Lisboa».

DESASTRES

NUM ASCENSOR—Num ascensor do mercado de Chão de Loureiro, onde é moço de serviço, sofreu esmagamento de ambas as pernas António Martins Adão, de 38 anos, residente na Rua Damasceno Monteiro, 21-A, cave. Deu entrada na sala de Observações do Hospital de S. José.

CHOQUE COM CAMIONETA — António Viegas Nunes, de 24 anos, condutor de automoveis, de Barrocal, Castro Marin, seguia de noite pela estrada de Boliqueime e foi chocar com uma camioneta que estava parada e sem luz na traseira. Sofreu ferimentos graves na cabeça e deu hoje entrada na sala de Observações do Hospital de S. José.

HÁ 30 ANOS

Belmonte jornalista

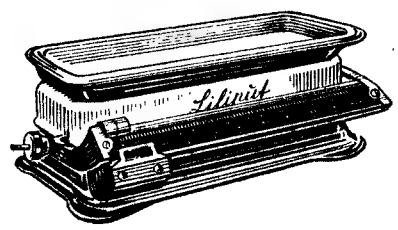
O «Diário de Lisboa» de 24 de Dezembro de 1923 transcrevia uma crónica de Wenceslao Fernandez-Florez que fora entrevistar o toureiro Juan Belmonte e o ouvira fazer um perfeito retrato psicológico de «El Gallo» e dos moços de estoque, e concluia:

—Já te conhecemos. Tu não és um toureiro. Tu podias estar fazendo crónicas em qualquer jornal de Madrid, oferecendo aos sábios futuros preciosos dados acerca de «El Gallo» e dos moços de estoque. Tu és, enfim, um querido companheiro da Imprensa em inactividade voluntária, esperando, talvez, que as empresas dos jornais paguem melhor.

Um donativo dos rotários para os nossos pobres

Os srs. Maxime Vaultier e engenheiro Martins Galvão, respectivamente presidente e secretário da direcção do Rotary Clube de Lisboa, tiveram a amabilidade de vir apresentar-nos cumprimentos, entregando, para os pobres protegidos pelo nosso jornal, um cheque de quinhentos escudos. Em nome dos contemplados, os nossos agradecimentos.

RESTAURANTE CASTANHEIRA
LUMIAR
Estrada da Torre, 77-A
Apesar de se encontrar em obras de remodelação comunica que acedendo a solicitações de clientes, resolveu assinalar o dia do Natal, passagem do Ano e dia de Ano Novo com a colaboração da orquestra RIVIERA, em dependências provisórias adaptadas para o efeito e de lotação limitadíssima pelo que pelo telefone 79168 se reservam as poucas mesas disponíveis.


Liliput
A BALANÇA QUE A TODOS SATISFAZ
HORÁCIO ALVES, LDA
43-RUA AUGUSTA-51
LISBOA

GABARDINES
IMPERMEAVEIS e SOBRETUDOS
O melhor sortido do País aos mais baixos preços
CASA INGLESA
EM LISBOA
RUA DE SANTA JUSTA, 95, 1.º
(Esquina da Rua do Ouro)
NO PORTO
RUA DE SANTA CATARINA, 84
(Esquina da Rua Passos Manuel)

A execução de Beria e as repercussões
que suscitou na Europa ocidental

(Continuação da 1.ª página)

dante do Exército russo, que regressou a posição de destaque no regime após Estaline, Koniev distinguiu-se, na segunda guerra mundial, como libertador de Praga, mas, mais ou menos no ultimo ano do regime de Estaline, pouco se ouviu sobre ele. Com a comunicação da noite passada, que o cita como presidente do tribunal, regressou ao primeiro plano soviético.

A roda deu uma volta completa. Tanto no caso de Béria e dos seus associados como no dos chefes do Exército Vermelho, em 1937, o veredicto do tribunal só foi anunciado depois de os acusados terem sido fuzilados por um pelotão de execução. Em 1937, Estaline utilizou a Policia secreta para liquidar a chefia do Exército Vermelho. Em 1953, o governo de Georgi Malenkov empregou o Exército para depurar a Policia secreta. O presidente do Supremo Tribunal é um civil, Anatoli Antonovich, mas o seu nome não foi citado entre os dos membros do tribunal que julgaram Béria.

A acusação contra os conspiradores, anunciada na noite passada, diz que o seu objectivo era utilizar os órgãos da M. V. D. (Policia secreta) contra o Partido Comunista soviético e o Governo.

Os seis homens executados ontem, juntamente com Béria foram: Vsevolod Merkulov V. G. Dejanovov, Geórgio como Béria, da Policia secreta vice-ministro dos Negócios Estrangeiros soviético e, em tempos, funcionário da Policia secreta. Fora nomeado ministro do Interior da Geórgia pouco depois da morte de Estaline; Pavel Y. Mashek, antigo funcionário superior da Policia secreta, nomeado ministro do Interior da Ucrania, após a morte de Estaline V. Z. Kobulov, outro Geórgio, antigo vice-ministro soviético da Segurança do Estado e funcionário superior da Policia secreta; S. A. Goglidze, antigo chefe do Departamento do Ministério do Interior; e L. E. Vlodimirsky, chefe de um departamento especial de investigações do Ministério do Interior soviético.

Não há indicações até aqui de que o julgamento de Béria seja seguido de depuração mais vasta. O seu objectivo parece ter sido simplesmente quebrar o poderio da Policia secreta e, em especial, de Béria. Neste sentido, está em contraste com os julgamentos, depois da guerra, de chefes comunistas na Europa ocidental. O lançamento de uma «vaga geral de depuração», como a Russia conheceu nos anos depois de 1930, parece não estar de acordo com a política «branda» que Malenkov adoptou na sua campanha para melhorar os níveis de vida.—(Reuter).

—o-o-o—

O que se pensa em França
sobre a condenação de Beria

PARIS, 24—Os circulos competentes pensam que o «Caso Béria» ficará registado na História como episódio da luta pela sucessão de Estaline e como etapa de vulto no caminho da consolidação do Poder de Malenkov. Este, ao fazer julgar e condenar Béria por um tribunal composto de altas personalidades, representando o Exército, a engrenagem do partido, o Governo e os sindicatos, confirmou a vontade de assentar a sua autoridade no equilibrio das forças constituidas na U. R. S. S.

O comunicado oficial a respeito das audiências do julgamento não contém elementos novos que permitam elucidar o caso a fundo ou a maneira de que Malenkov se serviu para se desenvincilhar do seu rival mais temivel.

Entre os quesitos que o tribunal tomou em consideração, o que acusa Béria de querer tentar instaurar a sua ditadura pessoal parece o mais verosimil. Não há razões para pôr em duvida as ambições pessoais de Béria. Pelo contrário, essas ambições foram evidenciadas pela sua atitude, quando da morte de Estaline, na altura em que, «empurrando» Molotov, para o efeito mais categorizado do que ele, se elevou ao segundo lugar da hierarquia soviética.

Béria mobilizou, então, todos os apoios de que beneficiava na Policia, no Exército e na máquina do partido para limitar os poderes do chefe do Governo, Malenkov. Supõe-se, geralmente, que foi ele quem obrigou Malenkov a ceder a Khruchtchev o cargo de primeiro-secretário do directório do partido. Ao mesmo tempo, declara-se da mesma fonte, foi acusado—e com razão, parece—de empreender uma acção metódica para consolidar a sua posição, colocando os seus mais seguros colaboradores caucasianos no Ministério do Interior da U. R. S. S. e nomeando para a chefia das administrações da Policia das Republicas federadas os seus amigos pessoais.

Não se exclui ainda, se bem que não haja provas concretas, que Béria estivesse em desacordo com os seus colegas sobre determinados assuntos relativos á reorganização dos kolkhoses e aos métodos de russificação das republicas alógenas. Foi, provàvelmente, mediante a libertação de certo numero dos seus partidários, presos em 1951 e 1952, a pretexto de actividades nacionalistas-burguesas, que Béria mereceu a censura de ter reanimado esse «desviacionismo». Mas sabe-se que o «patriotismo soviético» professado por Estaline nunca teve defensor mais zeloso do que Béria. A divergência entre ele e os seus adversários, nesta ordem de ideias, só poderia ser quanto á táctica a seguir.

Por ultimo, destrinçando a verdade da ficção, nos considerandos da sentença, alguns observadores da politica soviética, não satisfeitos com as explicações oficiais, relacionam o caso Béria com os acontecimentos da Alemanha oriental de Junho findo. Lembram que o anuncio da destituição de Béria seguiu de perto esses acontecimentos de que pode ter sido o responsável em certa medida. Com efeito, a insurreição dos operários alemães revelou a extrema fraqueza do dispositivo policial, organizado em 1950, por um lugar-tenente de Béria, Morkulov. Foi ele quem confiou a direcção da segurança da Alemanha oriental a Wilhelm Zaisser, por sua vez, também, antigo membro da N. K. V. D., e hoje em situação de desfavor.

E' possivel que Malenkov tenha utilizado este revés dos serviços de Béria para o desacreditar relativamente aos outros membros do Praesidium, para mobilizar contra ele os chefes militares que tinham razões de sobejo para hostilizar a Policia de Béria—e precipitar assim a queda deste.—(F. P.).

RESTAURANTE CHAVE D'OURO
DIA 25
JANTAR - ESPECIAL
COM
CONCERTO
REVEILLON 1954
MUSICA * DANÇA
— ATRACÇÕES —
ATÉ DE MADRUGADA
MARCAM-SE AS MESAS RESTANTES

CASA BRANCA
Restaurante-Bar-Salão de Chá • CAXIAS
O «NIGHT-CLUB» DA ELITE
DIA DE NATAL
à tarde — Chá Dansante
à noite — estreia da distinta artista
PAULA RIBAS
Vedeta do Disco e da Canção
Marcação de mesas pelo telef. 282 — P. ARCOS

para brindes...
LICÔRES
Ancora

Auto Monumental do Areeiro, L.da
PRAÇA DO AREEIRO
Já tem á venda gasoil duplamente filtrado e decantado e uma boa Estação de Serviço e ampla garagem para recolha

MARQUE JÁ
A SUA MESA PARA OS JANTARES DOS DIAS DE
NATAL e ANO BOM
No SALAO DE CHA'
e RESTAURANTE dos
GRANDES ARMAZÉNS DO CHIADO
R. DO CARMO, 22—TELEF. 32980
EMENTA ESCOLHIDA
SERVIÇO ESMERADO
Servem-se banquetes e lanches

CAFE' CHAVE D'OURO
«REVEILLON» 1953/4
R./CHÃO, 1.º ANDAR — RESTAURANTE
e
SALÃO DE CHÁ
Marcam-se mezas — 2 Orquestras

A OURIVESARIA DA GUIA
FUNDADA EM 1875
(De Olinda d'Oliveira & C.ª, Ld.ª)
Apresenta a todos os Ex.mos Clientes e Amigos os melhores votos de Boas Festas e Ano Novo Feliz.
RUA MARTIM MONIZ, 2 a 10—Telefone 28336
RUA DA MOURARIA, 7 a 11 (Junto à Capela de N.ª S.ª da Saude)

Açôrda de Sável
Um prato regional do «Ribatejano»
SALVATERRA DE MAGOS

Primus Inter Pares
O melhor conselho para bons apreciadores de cigarrilhas e charutos Belgas.
Á venda em todas as tabacarias.
Rep. Casa Caiús — Rua Chã, 111 — Porto

INAUGURAMOS
A ÉPOCA DE BRINDES PARA O
NATAL
COM UM GRANDE E VARIADO SORTIDO DE CORTES DE LÃ PARA SAIAS A 35$00 — 40$00 — 45$00 E 50$00
CALÇADA DO SACRAMENTO, 9 (ao CHIADO)

GRANDE CAFÉ NACIONAL
RUA PRIMEIRO DE DEZEMBRO, 47 a 65 — TELEFONE 27071
Na passagem do ano, grandioso «REVEILLON» abrilhantado pela Orquestra MOREIRA PINTO e o seu vocalista Nino Costa.
MARCAM-SE MESAS
Amanhã, DIA DE NATAL, ao jantar, menu especial aos preços normais.

Sua Majestade O Peru

grande senhor e grande vítima do Natal

por *Gustavo de Matos Sequeira*

O paganismo, tão intimamente imiscuido, ainda hoje, nos actos cristãos, apesar da depuração sucessiva do catolicismo, aflora, com a teimosia do escalracho, em cada comemoração devota do Calendário. A Igreja, obrigada a transigir pela necessidade de absorver, houve que aceitar-lhe os despojos e recebê-los complacentemente no seio das suas festas. Em cada comemoração, de Janeiro a Dezembro, intervem sempre uma nota pagã, e uma das mais fortes, pela pressão ascentral do uso e do costume, é esta de se adicionar sempre á ideologia das práticas oblativas o culto da mesa como motivo aglutinador dos homens, ou, pelo menos, o culto de um prato, de uma especialidade culinária, de um acepipe doce. Os «Reis» têm o seu bolo, com a fava simbólica, o «Entrudo» e as «Cinzas» os coscorões e as filhoz, a Páscoa, as frutas secas de outro tempo ou as amêndoas de agora, o Natal as boroas e o Peru. A hora do Peru chegou. O «Gallus Indicus», de que Plínio e Aristóteles já fazem menção, a saborosa ave das Indias Ocidentais, cuja estupidez proverbial é sacrificada, nesta quadra festiva, á voracidade contumaz e devota dos estômagos inçados de apetites tradicionais. Já não aparece, como outrora, em bandos pelas ruas, guiados pela cana contundente do saloio, já não converge para o mercado fatidico de S. Domingos, mas continua a apetecer-se e a vender-se.

Nas casas fartas ou remediadas, ele lá está sobre a mesa, o dorso tostado e loiro lardeado de gorduras, recheado de presunto ou de trufas, estufado com purés, e guarnecido de iguarias miudas.

Chega-nos ás narinas, latejantes e trémulas, o aroma quente da ave imolada com aquele golpe que acompanhou os ultimos «glus-glus» da agonia, ao nosso apetite de festeiros. Trabalharam as fornalhas crepitantes de boa lenha de azinho e sobro ou os fogões que reverberam as chamas do carvão e do gás, e ele ali está odorifero, rescendente de cheiros, a desafiar-nos o paladar. E o sacrificio consuma-se, trinchando-se solenemente o pobre bicho que em vida nunca percebeu a razão por que é agora a sua Saint Barthelemy, e o motivo da sua escolha para dignificar a mesa do Natal, quando há tanta bicharia apetecida para os prazeres de Lucullo e de Trimalcião.

De monco caído e corais vermelhos oscilantes, encarcerado na cesta toldada de rede, nem ao menos já lhe consentem a ilusão da liberdade com que passeava, acamaradado com as da sua criação, nos largos alfacinhas que o costume marcara para os seus ultimos «rendez-vous». Pobre e desgraçado peru! Nem ao menos lhe é consentido aquele banquete de milho do desvelado guardador, antes que os freguêses chegassem para lhe afagar interrogativamente o papo, e aquilatar das carnes e do peso, em face da quantia a esportular. Tudo lhe foi proibido. Agora passa da cesta ou da gaiola para o cutelo assassino, e de aí para o forno que o cresta. Sempre a escuridão e o cárcere.

Nunca houve perus velhos — que a velhice do peru mal atinge ano e meio. Se os houvesse centenários, algum haveria de se lembrar daquela tarde de Dezembro em que o César de Lima, ansioso de se divertir, á saída de um ensaio no D. Maria II, conseguiu tresmalhar os bandos, atirando para o meio do Largo de S. Domingos, ante os donos apavorados, mãos cheias de milho que misturaram irremediávelmente as aves da saloiada guardadora. Foi um momento de verdadeiro panico, uma torre de Babel de «glus-glus» confundidos, um quadro pitoresco que acabou num prélio grave entre os «cicerones» de Loures, de Caneças e de Sacavém que traziam a Lisboa os bandos nesse turismo fatal da hecatombe do fim do ano.

Creio não haver ave de comer-se mais desgraçada do que esta. Apodam-na de estupida e de feia, troçam-na e insultam-na, antes mesmo que a decrepitude lhe escureça os corais e lhe afie os esporões. E há até noticia de uma carrasca, tão alheada do crime que ia cometer, metendo a faca nas guelas do peru, que ao senti-lo espernear e a ouvir-lhe os «glus-glus» finais, dizia, com o ar mais natural deste mundo: — Mas... quem é que te está a fazer mal? E o bicho morreu sem perceber que lhe estavam a fazer bem. Coitado, era estupido.

Quando no ultimo estágio da Capoeira—antecamara para o Inferno do Forno——ele, entre galinhas que fariam se tivessem dentes, passeia nostálgico, devorando, com os bagos de milho, as ultimas recordações das peruas distantes, há ainda quem o chasqueie, dizendo-lhe a arqueológica «blague» contundente:

—Peru velho, peru velho, queres casar? Casa com a velha que te há-de matar.

E a velha—porque as novas não são para tal—, há-de vir e há-de matá-lo. E para derradeira troça ainda o embebeda com aguardente...

Pobre peru! Quem te traria das Indias de Castela para tão negro destino? Seria Fernão Cortês? Seria Pizarro? Seria o Tomé de Sousa? Pero Vaz de Caminha? o Caramulu? Fosse quem fosse, deve ter sobre a sua memória a maldição de todos os perus de Portugal.

HOOVER
MAQUINAS DE LAVAR
ASPIRADOR
ENCERADORAS
Em demonstração
permanente na
R. Rodrigues Sampaio, 21-A

Este lindo e gracioso presépio, que está na Sé, é um dos mais característicos da arte de Machado de Castro. Dirse-ia que paira sobre ele um halo divino. Sente-se nesta obra a doce, a infinita religiosidade do povo português. Não se representa, apenas, o Nascimento do Deus Menino, mas também alguns dos trajos característicos da nossa população rural.

O acto, além da excelsa figuração do divino instante, em que a redenção do homem e a do Mundo couberam nesta palavra admirável, aleluizante: hosana! hosana!, reveste-se de um enternecido, de um sentido amor familiar. Nossa Senhora, com a sua coroa de rainha, tem uma fisionomia bem portuguesa, graciosa e delicada, enquanto São José, numa marcada atitude de adoração, se inclina ante a sublime criança, que vai reinar sobre as almas, até ao fim dos séculos. Por cima, serafins, anjos e querubins, tocam cítaras, frautas e violinos, representando o céu maravilhoso. O mais tocante, porém, da cena está, porventura, naquela criança que, a mãe apresenta ao Menino Jesus, e cujas mãos tamaninas desfolham pulcras flores de poesia e beleza. Que extraordinário artista, este Machado de Casro, genuino escultor lírico, de sensibilidade lusíada que tão bem soube sentir e exprimir a inocência da infancia e o sonho profundo das almas, no momento emocionante em que uma estrela—Jesus!—surgiu na Terra.

Os nossos presépios

por DIOGO DE MACEDO

A festa do Natal, mesmo com o intrometimento de incongruentes novidades estrangeiras nos nossos hábitos, do pinheiro com bujigangas e de um boneco de barbas brancas, qual papão com saco de brinquedos, que em nada se relacionam com a evocação simples e cristã das nossas tradições, não deixa, apesar de isso, de ser uma festa de fraternidade, de comuns alegrias e de harmonia no amor. Pobres e ricos, velhos e crianças, nas cidades ou nas aldeias, todos se juntam em boa paz familiar, no propósito evocativo e ás vezes saudoso, de comemorar o nascimento de Jesus. E por conseguinte, a festa da Família, que dantes se reunia em redor do Presépio.

No palácio rico ou na casa modesta, armava-se o presépio, acendiam-se-lhe lumes e ensinavam-se ás crianças as loas em seu louvor e glória; e ao bater da meia-noite, finda a ceia da consoada, todos corriam á missa do galo para adorar o Menino Jesus, que deitado em doces palhinhas resplandecia entre os dourados dos altares, enquanto o orgão entoava musicas mimosas e o povo cantava versos de sua inspiração. No adro da igreja ouviam-se vilancicos antigos, a par das representações do mistério. Por fim, distribuiam-se esmolas ao rapazio pobre, que folgazava com cantigas e toque de instrumentos rudes. Este era o modo tradicional e singelo dos Portugueses festejarem o Natal, ou seja, o de adorarem o Presépio.

Há várias razões de encantamento nesta adoração do presépio: pelo seu sentido religioso, pelo seu valor artistico e pelo seu pitoresco etnográfico. Os presépios concebidos e executados pelos barristas portugueses do século XVIII, foram dos mais notáveis entre os mais engenhosos da Europa, com o seu característico culto plástico e como documentário de tipos e costumes nacionais, não só de gente humilde dos campos ou da montanha, mas também dos fidalgos e militares. Possuiam estilo e verdade, fossem da autoria de mestres eruditos e consagrados, fossem de anónimos e espirituosos coroplastas de gosto popular.

Esculpidos e compostos por António Ferreira ou Machado de Castro, por Joaquim José de Barros ou Faustino José Rodrigues, por Fr. Manuel da Teixeira ou Manuel Vieira, pelo padre João Crisóstomo Policarpo ou Raimundo da Costa, são relicários repletos de graça artística, com imprevistos pormenores nas combinações complementares de grupos de pastores ou camponeses, de ranchos de festeiros como nas romarias, de cortejos e cavalgadas, de pares isolados de namorados junto ás fontes, de casais com oferendas de perus, cordeiros, lebres e cestos de ovos ou doces caseiros, de cenas típicas de lavadeiras, merendas, bailes, matança do suino ou do borrêgo, cegos da sanfona ou tocadores de viola, pandeiro, tambor, pífano e gaita de foles, procissões de gente humilde que se dirigia á gruta de Belém para adorar o Deus-Menino, na mais lírica e original fantasia daqueles e de muitos mais outros artistas. A par do religiosismo poético da concepção do estábulo, onde o Menino deitado na mangedoura, sorria á Virgem Maria e a S. José, que de joelhos o contemplam, cercados de lindos Anjos musicos ou orantes e na presença do boi e do burrinho bondosos, o génio dos barristas expandia-se no bucolismo da parte restante do presépio, compondo-o em montanha cheia de arvoredos e recantos que ladeiam o caminho serpenteado onde descem rebanhos e cortejos de cavalaria, camelos e elefantes, vendo-se no cimo castelos fantásticos, muralhas ameadas e moinhos de vento, em vistoso cenário.

No desenvolvimento desta imaginação dos celebrados barristas, houve presépios que por patamares bem distribuidos, historiavam a meninice de Jesus, desde a «Anunciação» á «Fuga para o Egipto», da «Apresentação no Templo» á «Oração entre os Doutores». E sempre em todos, os Reis Magos compareciam, a cavalo ou já de joelhos na entrada da lapinha, ado-

(Continua na 40.ª página)

ENCONTRO

com ALBERT CAMUS

por *Urbano Tavares Rodrigues*

NO segundo andar dos escritórios Gallimard, com janela para a rua Sébastien Bottin, Albert Camus recebeu-me com um sorriso cordial, de uma acolhedora benevolência levemente irónica—o preço da minha curiosidade: «Que pretenderá este homem que eu lhe diga?».

Após as primeiras palavras, despidas de formalismo, senti que um contacto numano se estabelecia entre nós. Trazia já preparado um respeitável quesito, quase solene, muito filosófico; afinal, animado pela simpatia daquele sorriso irreverente, que pronto encontrava eco na minha sensibilidade, saí da pele do jornalista mundano e literário que em certas alturas é conveniente enfiar, e, quase sem garatujar uma linha no papel, pus-me a discorrer com Albert Camus pela obra dele que tão sincera e profundamente admiro. Quase sem dar por isso, estava já, eu próprio, a julgá-lo, a esboçar uma interpretação da sua «revolta metafísica», que o sorriso do meu interlocutor não concedia nem negava. No «Coligula», no «Étranger», via eu a pura revolta contra uma existência desprovida de sentido, revolta que já na «Peste» assumiria aspectos mais aparentemente positivos para ganhar com «L'Homme Revolté» uma nitidez e um valor construtivo que seriam o resultado de uma harmoniosa evolução espiritual.

A posição do moralista

Albert Camus sorria, com um vago cepticismo de artista que sente quanto a sua obra publicada deixou já de lhe pertencer, sujeita á imaginação crítica de idólatras e exegetas, no numero dos quais, eu, jornalista estrangeiro, muito repeso, tinha de me incluir.

Como eu próprio, atento ás suas mínimas reacções, logo me penitenciasse daquele assomo de filosofia crítica, pecado hoje tão generalizado, Albert Camus acedeu a esclarecer algumas das minhas ideias, confessando-me, com um suspiro bem humorado, que, de tanto a ouvir, já não podia suportar a expressão «revolta metafísica».

—Vamos lá a ver—começou—enquanto aos meus livros, que me têm valido a fama imerecida de filósofo, não serão antes obra de moralista, simplesmente, e dentro da verdadeira tradição francesa?

Passámo, em revista «L'Etranger», apontando, ora ele, ora eu (e pela minha parte com que entusiasmo!), argumentos nesse sentido: o ataque á justiça, á organização de uma sociedade que condena um homem disposto a não dizer mais do que sente: o homem que não chorara no enterro da mãe (e por isso sobretudo é condenado), o homem que confessa perante os jurados que a recordação do seu crime acidental lhe desperta mais aborrecimento do que arrependimento.

Concordamos em que o aspecto mais importante em «L'Étranger» é afinal uma moral da sinceridade.

O que Albert Camus se recusa a admitir é que eu o classifique de «moralista laico» ou que o compare ao que eu chamo «os moralistas laicos dos fins do século XIX».

—Antes de mais, revolto-me contra a palavra «laico»: conheço religiosos que merecem essa designação e inversamente agnósticos a quem ela não convém. Olhe, se você quer classificar-me como moralista, a melhor tabela parece-me ainda a de Kirkegaard, que concebe três estádios, de progressiva elevação: o da moral estética, o da moral ética, definição cómoda, apesar do pleonasmo, e o da moral religiosa. Creio que parei no segundo estádio: falta-me imaginação para o terceiro.

Inspecção do ambiente

Neste momento retine o telefone. Camus atende. Pedem-lhe indirectamente um prefácio para uma obra. Desculpa-se com toda a delicadeza. Impossível. Tem de poupar o seu tempo.

Este homem, de saúde frágil, cuja obra é das mais significativas do momento presente, tem muito ainda que dizer ao Mundo de hoje, e sabe-o, e quer dizê-lo. Vejo-o agora, ainda ao telefone, sério, quase enfadado, e no seu rosto comprido, irregular, sem a claridade jovem do sorriso que há pouco o iluminava, há vincos de tristeza, daquela tristeza funda dos «poetas», intérpretes da vida, em cujo coração nunca secam o riso e as lágrimas. Albert Camus tem quarenta anos, é alto, veste um fato de «sport» largo, usa o cabelo escuro cortado curto e puxado para trás, o que ainda mais o remoça e lhe tira qualquer aparato de solenidade: a sua gravidade não é circunstancial, nasce-lhe no fundo do olhar, ás vezes longinquo, o olhar dos que já viveram mil existências.

Acendo um cigarro e inspecciono o gabinete, de uma austera simplicidade laboratorial: estantes com livros, dois «maples», outros livros, um retrato a óleo de Camus, e nada mais, a não ser, pela janela entreaberta á doçura de um dia prodigiosamente azul, um desenho caprichoso de nuvens marmóreas, semelhantes a colunas dóricas. Após uma quinzena de ceus grisalhos, com a indiferença triste de Inverno parisiense pelo Sol helénico, o Sol das verdades magnificas e cruas, ei-lo a saudar, generoso, o meu primeiro encontro com Albert Camus, filho do Meio-Dia, acompanhado até, esse Sol das quatro horas, como um signo do Destino, por aquelas nuvens clássicas, de uma rutilante branoura. E senti então, mau grado o desencanto que já me vai atingindo, desencanto das coisas e dos homens, senti plenamente que estava a viver um momento grande da minha existência.

Retorno aos problemas...

Albert Camus depôs o telefone no descanso e encarou-me, a desculpar-se, com um expressivo gesto de cómica impotência, como quem diz: «Veja o que é a minha vida nesta Babilónia das letras!».

Tornamos ao problema da «revolta», que continua presente em «La Peste», onde é manifesto o espírito de insurreição de certas personagens. Acerca de «Calígula», peça de um patético alucinante que Camus escreveu aos vinte e cinco anos, diz-me ele, prevendo uma eventual acusação de cerebralismo, já formulada aliás pela crítica oficial, que a tragédia, tal como a concebe e segundo as leis do teatro, é ou deve ser o desenvolvimento de um caracter e não de uma situação. Tal foi o seu propósito ao escrevê-la e creio bem que o conseguiu. Permito-me expor-lhe o modo como encaro essa peça e o seu significado: a morte de um sentimento pior do que a morte de um ser amado. Calígula, ferido por uma dor insuportável, quando o destino injusto lhe rouba para sempre a sua amante, só desafia a justiça e Deus e entra na senda do crime gratuito, absurdo, ao verificar, revoltado, que a própria recordação se esvai, que tudo é finito, que todas as ofertas da vida em eternidade são mentira. Desta vez, com grande satisfação da minha parte, obtenho a inteira concordancia de Albert Camus.

Já o mesmo, porém, não acontece, pelo menos em parte, quanto á minha interpretação de «Les Justes». Albert Camus abana negativamente a cabeça quando eu me refiro á sua possivel «nostálgia da fé». E explica-me:

—Você tomou como confidência transposta o que na verdade é mera obediência á verdade histórica. Kaliayev não era um ateu. No próprio dia do atentado passou por uma igreja e benzeu-se. São factos comprovados. Mesmo a visita que a grã-duquesa lhe faz na prisão também é rigorosamente histórica. Diz você que encontrou nessa cena qualquer coisa de religioso. De acordo. A grã-duquesa era uma mistica, o revolucionário guardava de Deus uma ideia sentimental... E eu tinha evidentemente de criar esse clima, tinha de ser fiel á verdade psicológica das figuras que havia eleito. Se algo de mais pessoal transparece nesse diálogo entre a grã-duquesa e o assassino do marido, parece-me que se encontra, sim, numa réplica de Kaliayev quando este alude a uma escolha feita pela Igreja, que teria guardado a «graça» para si, «deixando-nos a nós a caridade».

O escritor e o isolamento

—Não—prossegue Albert Camus, depois de uma breve pausa—não experimento a nostalgia da fé. Não é você, de resto, o primeiro que ma atribui. Os católicos, muitos deles pelo menos, têm-me tratado sempre bem, alguns esperam de mim uma futura conversão. Não sou, aliás, anticlerical. Considero estupido o anticlericalismo. Não posso deixar de apreciar os grandes homens do cristianismo, desde Santo Agostinho a Pascal. Mas... não, não sou religioso. Sabe? Nasci, vivi muitos anos na África do Norte, país pagão por excelência, praticamente sem religião e que conserva a recordação de trinta e seis religiões. Não me refiro, é claro, á religião muçulmana, que nunca, sob qualquer aspecto, me seduziu. A minha atitude perante o cristianismo pode quando muito, isso sim, aproximar-se da reacção que ele provocava em alguns pagãos do fim da Antiguidade: uma incompreensão cheia de simpatia. Não há duvida: entre diferentes mistificações, prefiro a que faça menos vitimas.

E, sorrindo, cita-me um dito espirituoso de Anatole France: «N'attaquez jamais une orthodoxie fatiguée, elle peut être remplacée par une autre qui fera plus de mal».

O respeito pela vida humana e pelo valor «indivíduo», que em Albert Camus me inspirou sempre a maior simpatia, leva-me a confessar-lhe a minha aversão ao crime politico, ao crime lógico. Digo-lhe que para mim nenhuma ideologia justifica o sacrificio de vidas humanas. Tenho interpretado a obra dele nesse sentido. E, timidamente, fico á espera de uma anuência, de um apoio, que ele me não recusa.

—É claro, quando se pode matar por um raciocinio, não há razão para se parar. É o sistema da chacina. Por outro lado, se não se pode matar, tudo é permitido... Não é assim? Todas as injustiças se tornam possiveis. Falávamos na minha peça «Les Justes». Aí tem uma solução, com certa nobreza, um simbolo, é claro: uma vida por outra vida, mata-se uma vez, pagando com a própria vida. Maior beleza evidentemente tem a perfeita atitude cristã, a dos primeiros idealistas do cristianismo, que respondiam com o amor á injustiça. Esse cristianismo, é claro, está longe do Mundo de hoje. Há todavia quem profetize a sua ressurreição—quem sabe!—pela humildade e pela constancia.

Albert Camus medita antes de falar...

Uma história de Graham Green

E Albert Camus conta-me uma história que ouviu a Graham Green. Numa sociedade futura, completamente burocratizada, todos os homens são obrigados a ir uma vez por dia ao comissariado de polícia do respectivo bairro. Numa cidade industrial, suja, pardacenta, avança lentamente, defronte da porta do comissariado do bairro mais miserável uma bicha formada por gente triste e pobremente vestida. Na cauda dessa bicha silenciosa e imunda, vai um homem mais esfarrapado ainda do que os outros, de todos o mais pobre, o mais humilde: é o ultimo Papa.

Um dos pontos essenciais da entrevista que eu havia maquinado consistia em averiguar quais os autores cuja influência consciente ou inconsciente poderia haver inclinado Albert Camus á expressão da «revolta». Essa entrevista de antemão pensada, imaginada, a frio, converter-se-ia numa hora para mim inapreciável de convivio espiritual, sem etiqueta mesureira de inquéritos, e foi assim com uma curiosidade viva e humana que me informei das leituras favoritas ou importantes para Albert Camus.

O resultado é a principio paradoxal. Assim são as coisas reais. O autor de «L'Homme Révolté», enumerando as suas predilecções, menciona os que pregam a ordem e o consentimento. Prefere os clássicos franceses. Cita depois Nitzche, sobretudo o Nitzche de 1880. Vem em seguida a literatura espanhola e estamos agora em plena atmosfera de rebelião. Rebelde foi o próprio Cid. O favorito de Camus parece ser Calderon, de quem traduziu recentemente «La dévotion á la Croix», onde se encontra bem patente, nas réplicas de Eusébio, a revolta luciferiana. A discussão do tema leva-nos ao «Burlador de Sevilla» de Tirso de Molina e ao «Don Juan» de Moliére, que daquele herdou a insubmissão em face de Deus, mais que o delirio dionisíaco.

Eça de Queirós na conversa

Filho de mãe espanhola, Albert Camus fala correntemente o castelhano. Além disso compreende e lê português. Da nossa literatura conhece sobretudo e aprecia Eça de Queirós.

O escritor que mais do que todos ele venera é Tolstoi.

—E de entre os vivos—pergunto-lhe—quais são os seus eleitos?

—Acontece uma coisa curiosa—responde Camus—quando somos novos creio que admiramos nos outros as semelhanças connosco; mais tarde admira-se quem é diferente de nós. Assim, na juventude me entusiasmavam as obras de Malraux e Montherlant: agora admiro sobretudo os criadores de um universo, força que se perde no Mundo de hoje e que é insubstituivel.

Entre esses grandes criadores Camus distingue particularmente William Faulkner, com o qual aliás, em desabono do que acaba de declarar, mas sem que tal invalide a verdade geral da afirmação, tem impressionantes afinidades: ambos descrevem os universos quentes a que pertencem, onde as castas coloniais coexistem com populações de cor ou povos indígenas.

—É verdade—acrescenta Albert Camus—por falar nos meus ídolos, não quero esquecer René Char, para mim o maior poeta francês da actualidade: um poeta de hoje e de amanhã.

Eis-nos a trocar impressões sobre Supervielle, Éluard, Aragon, André Breton, Prévert.

Uma hora de relógio

Verifico de subito que já passou cerca de uma hora. Estou abusando do tempo de Albert Camus. Mas não quero deixar de o interrogar ainda sobre os acontecimentos da sua vida eventualmente relacionados com a «revolta».

—Até aos vinte anos—diz-me ele—vivi na Argélia... e com dificuldades. Mas a natureza mediterranica ajuda a viver. E eu adorava as praias, o Sol, o mar...

Interrompe-se e olha-me de frente, bruscamente sério:

—Em 1933, tinha eu vinte anos, Hitler tomou conta do poder. Depois foram duas décadas de convulsões sociais e de guerras. Não lhe parecem estes argumentos bastante fortes para explicarem em grande parte a minha atitude?

Tenho diante de mim, sereno e triste, um homem honesto e «só», abandonado, atacado, exaltado, caluniado, uma das grandes e nobres figuras do nosso século, até para os que dele discordam politicamente; um homem sempre desejoso de justiça, mas também de tolerancia, defensor dos fracos e dos oprimidos, da arte e da liberdade, figura poética e não obstante poderosamente lógica no nosso mundo apaixonado pela violência e pela eficiência mecanica. Camus tem combatido e negado o obscurantismo cruel que se diz ou se acredita ao serviço da justiça e da liberdade. Tem-se oposto ao servilismo do comunismo imperialista de certos intelectuais da esquerda, «fascinados—como ele próprio denuncia—pela força e pela eficácia», tal como os nazis de há quinze anos. Camus desmente os que o acusam de haver renegado a esquerda: a esquerda para ele é ainda hoje e será sempre a oposição á tirania. Não aceita o argumento dos defensores da Russia soviética, segundo os quais o sentido da história tudo justifica. Para Camus a opressão é sempre opressão: não há carrascos privilegiados.

Projectos para o futuro

Fala-me do seu ultimo livro, «Actuelles II», e interrogo-o então sobre os seus projectos e sobre os trabalhos que presentemente possa ter em mãos. Anuncia-me que publicará em Janeiro próximo um volume de ensaios puramente literários, «L'été», no género de um que nos deu há vinte anos, «Noces», o qual, sendo uma obra da juventude, tem já, a meu ver, aquelas qualidades de estilo—limpidez, economia, graça impalpável—que situam Albert Camus entre os verdadeiros clássicos da lingua francesa. Para depois promete um livro de novelas, cuja acção decorre em África e no Brasil—«Nouvelles de l'Éxil»—obra que deve vir a lume em fins de 1954. Só então Albert Camus começará um romance, o seu primeiro romance, uma vez que, sumamente escrupuloso em matéria de distinção dos géneros literários, não quis dar tal designação ás suas narrações «La Peste», e «L'Étranger», em que o conflito dramático e a caracterização psicológica assumiam um relevo que no romance é usurpado pelo factor tempo e pelos contrastes dos seres humanos. O romance é, além disso, uma rede mais vasta de vidas entrecruzadas.

Pergunto-lhe que titulo tenciona dar a esse romance.

—«Le premier homme»—responde Albert Camus.

Informo-me do assunto e parece-me a principio que ele hesita em o desvendar? A resposta demora, mas vem por fim, com um sorriso despretencioso:

—Pois bem, trata-se simplesmente do nascimento de um homem: cada homem é o primeiro e recomeça, a partir de zero, a experiência de todos os outros.

—Duvido se serei realmente um romancista—prossegue após curta interrupção.—Talvez tenha sido até hoje sobretudo um fabricante de mitos. Enfim—conclui—desta vez espero ser realmente romancista.

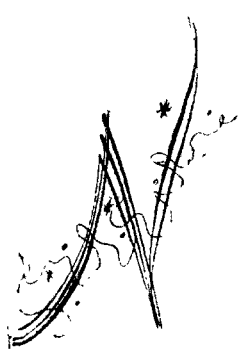
Aos Exm.os Clientes e Amigos festas felizes, Ano Novo próspero, são os desejos sinceros da

ELECTRO-LISBOA, Ltd.ª

RUA AUGUSTA 246-248 — LISBOA

O lugar de sacristão

TEXTO de *Miguel Torga* ILUST: de *Carlos Botelho*



NÃO estava no propósito do prior desgraçar o rapaz. Pelo contrário. Quando o chamou, e com grande argumentação o convenceu a ficar a substituir o pai, cuidava até que lhe fazia um especial favor. Homem prático, embora tivesse por ofício tratar de coisas do Céu, o seu forte eram assuntos cá deste Mundo. Negociar em minério, granjear bons lameiros, criar gado. E dizia-lhe:

—Bem vês, numa terra pequena, onde não há ganhos, um vintém que seja faz sempre arranjo. Ora tu sabes muito bem que o lugar de sacristão é uma pingadeira. São as missas, os casamentos, os baptizados

—E os enterros...

—Evidentemente! Mas que tem lá isso?

—Não sei, não gosto.

—Oh! Homem de Deus, olha que tudo é preciso neste Mundo. Se não morressemos, comíamo-nos aqui uns aos outros.

—Deixá-lo! Antes quero ganhá-lo á enxada.

—Não dês respostas á toa! Pensa primeiro.

—Está pensado. Abrir covas, não...

—E tu a dar-lhe! Não plantas bacelo? Não saibos?

—Pois saibro.

—Então?

—E' muito diferente..

—Parece-te. Tudo é terra!

O Felisberto ouvia aquelas heresias, a olhar o padre com desconfiança.

—Estás admirado?

—Se quer que lhe fale franco...

—Eu compreendo. Mas não há motivo para espantos. O corpo, quando a alma o deixa, é um monte de estrume a apodrecer.

—Será. Eu é que não tenho feitio...

—Qual não tens! Acostumas-te, que é um regalo. Depois já nem reparas.

—A modos que até o estômago se me revira, só com a ideia...

—Mau! Que diabo de homem és tu?!

Cabeçudo, o mal era o prior pensar, numa coisa. Enquanto não levasse a sua avante, não sossegava. E tanto teimou, tantas voltas lhe deu, que o pobre do Felisberto acabou por se resignar.

—Pronto, fico. Bem me custa...

—E não te arrependes, verás. Eu tinha outros que queriam o lugar. Bastava acenar-lhes. Mas prefiro que fiques tu...

—Muito obrigado.

—Portanto, estamos entendidos! Posso contar?

—Pode

Naquela aceitação resignada, via o padre a luz do bom senso a reluzir no espírito do rapaz. Quando, na verdade, ela significava uma renuncia impotente a felicidades futuras que o instinto do Felisberto pressentia.

—Sempre te resolveste?—quis saber, logo a seguir, a Filomena Velha, a beata mais categorizada da aldeia, que de longe vigiava a conversa.

—Resolvi.

—Custou! Tolo, que fas atirando com a sorte pela porta fora!

—Se calhar atirei mas foi com outra coisa...

—Que coisa?

—Sei lá...

Era um pressentimento vago, um pavor difuso que o afligia. A causa verdadeira de tal medo não sabia dizer. Quando na conversa com o prior insistia na repugnancia que sentia pelo serviço no cemitério, agarrava-se a uma tábua de salvação. A realidade da sua recusa tinha raizes mais fundas.

—Acredita que fizeste bem!—teimava a Filomena.

—Não sei se fiz bem, se fiz mal.

—Quem anda no serviço de Deus faz sempre bem.

—Veremos.

Tempos depois, ainda o sacristão mantinha no espírito e nas palavras a mesma incerteza quanto á excelência do emprego. No fim de uma semana de missões, quando a santamária se babava de felicidade, e queria lógicamente compartilhar a sua alegria com o Felisberto, ouviu esta enormidade:

—No dia em que me meti nisto, se tenho quebrado uma perna...

—Ia benzo-me! Parece-s maluco. Olha que os tempos vão ruins!

—A's vezes sabe melhor uma malga de caldo comida com gosto, do que...

—E' o que te parece.

Avisado pela devota, o prior acudiu ao desanimo do rapaz. Também a ele lhe custara engrenar naquela vida de incensos, velas, pecados e agonias que tinham sempre um desfecho de cemitério. Mas fez-se forte, que remédio, e agora nem dava conta.

Grato as palavras de estimulo que ouvia, o Felisberto começou também a lutar. E com o andar do tempo já não lhe metiam tanta atlição as missas intermináveis, a gritaria dos miudos ao pé da pia da água benta, e as caveiras que ia desenterrando sempre que abria uma campa nova

E quase se esquecera da relutancia com que aceitara o lugar, quando teve, finalmente a chave dos seus misteriosos e aparentemente absurdos presságios.

Morrera sempre pela Deolinda. Desde garoto que sentia um gosto particular ao vê-la passar, muito ruiva e muito espevitada. Sem saber como, a imagem da rapariga foi crescendo dentro dele á medida que ela crescia. E, naturalmente, acabou por integrá-la na sua própria realidade. Sem nunca sequer lho dar a demonstrar, sempre que olhava o futuro via-se na companhia dela. Por isso, e porque uma vez que ia ganhando o suficiente, podia pensar em arrumar-se, na primeira altura que pôde abriu-lhe o coração.

Encontrou a por acaso no caminho da igreja. Vinha ele de varrer a sacristia e ela de levar o almoço ao pai, que andava a lavrar no Barrajo. Depois de lhe falar do tempo e das sementeiras, habilidosamente foi encarreirando a conversa para o ponto que lhe convinha.

A princípio a cachopa fez-se desentendida. Mas apenas ele, claramente lhe declarou que a pretendia deu-lhe um não redondo.

Como um animal pacífico que recebesse uma chicotada, ficou petrificado de espanto e de pavor. Sem ela, a sua vida perdia todo o sentido. Contudo, passado o momento de dolorosa surpresa, sem desespero, humanamente, aceitou o desencontro amoroso. Agora quando a moça lhe explicou o motivo por que nunca o queria, é que lhe caiu de todo a alma aos pés.

—Não. O homem que me levar, não me há-de abrir a cova, se Deus quiser.

Ah, que bem lho dizia o coração! Burro, que se deixara perder!

Passou a noite em claro, a cismar na resposta da rapariga. E se abandonasse o lugar? Se nunca mais... Mas não. A recusa dela já não tinha remédio. Nem ele seria capaz de lhe falar outra vez.

No dia seguinte, a auxiliar o prior a paramentar-se, deu-lhe tal repelão na alva que o bom homem perguntou, entre duas orações:

—Tu que tens?

—Nada.

E cada vez mais triste, o Felisberto continuou a sua vida de sacristão. Sempre soturno, foi ele quem ajudou a casar a Deolinda e a tornar-lhe os filhos cristãos. Com a sua paixão recalcada, tocou lhe a repique todas as vezes que foi preciso.

O padre só dizia:

—No domingo temos um baptizado de mais um criança da Deolinda.

—A que horas?

—Depois da missa.

E acabada a celebração, lá estava ele a puxar á corda do sino.

—Porque te não casas também? perguntou-lhe um dia o prior, depois de prender com a estola a mão do Ramiro, o ultimo solteiro da criação do Felisberto

—Agora!

—Então que idade tens?

—Sei lá! A idade não é que faz.

O padre não compreendeu, mas não quis aprofundar. A sua própria castração solidarizava-se mais facilmente com um Felisberto mutilado e solitário. Contudo, passados anos, já quando o vento do Outono os abanava, gemeu:

—Envelhecemos para aqui ambos como dois infelizes..

O sacristão encolheu os ombros, resignado.

—Calhou assim...

E nunca o prior soube se a resignação do Felisberto era uma censura velada, nem o Felisberto se as palavras do prior eram um desabafo de alma.

Evidente, só a velhice que os mirava, cada vez mais enrugada e branca. O padre, trôpego, subia com dificuldade os degraus do altar, e quase que adormecia a ler o missal. Quanto ao Felisberto, esse tinha uma ronceira no peito que se ouvia ao fundo da igreja.

—Eles não perdoam..—queixava-se o prior, cheio de reumatismo.—Já cá contam setenta e três.

Apesar de mais novo, o Felisberto parecia ter cinco ou dez anos mais. Tais eram os estragos da doença e da solidão!

—E tu, quantos?

—Perdi-lhe a conta.

Desde que a Deolinda o desprezara, o tempo para ele deixara de ter medida. Ou era uma eternidade baça, ou aquele segundo nitido em que ela lhe dissera que não. E a própria bronquite lhe parecia fazer parte dessa monotonia sem quebras

—Vai ao médico homem! Trata disso!—teimava o prior, agarrado á vida, apesar dos achaques.

—E' crónico. Não vale a pena.

E o infeliz, acompanhado da gataria do peito, ia arrastando como podia o seu latim de coadjutor. Ás vezes os acessos de tosse quase que o sufocavam. Mas lá continuava a mudar o missal e a chegar as galhetas sem o amparo sequer de um coração condoído. No ramerrão da igreja, a gosma acabou por já nem fazer impressão aos fiéis.

Temos um enterro amanhã.

—De quem é?

—Da Deolinda. Teve um ataque há bocadinho, chamaram-me á pressa para lhe dar a extrema unção, e quando lá cheguei já estava morta. E' preciso tocar a sinais.

Ficou pensativo, mas o prior nem deu conta.

Saiu da sacristia, foi á torre anunciar a desgraça, e nesse mesmo dia, á tardinha, tratou de abrir a cova da que não quisera ser sua mulher por essa razão.

Começou a cavar sem animo, aflito por dentro e muito infeliz. Iam saindo ossos, farrapos, tábuas,—o espólio habitual dos hóspedes passados. Mas nem reparava. Só os braços é que trabalhavam. A sua atenção estava ausente daquelas misérias. Ou se alheava para atender a um apelo insistente da memória, ou se concentrava no alvoroço do coração, a bater descompassado dentro do peito.

Um suor frio, como nunca sentira, começou a humedecê-lo todo. Gorejante a princípio, alagava-se numa inundação. Pesadas, as ferramentas pareciam de chumbo. Contudo, continuava a manejá-las, numa espécie de automatismo, como uma máquina em movimento que por si só não pudesse parar.

Já fundo, quando a campa lhe dava pescoço, o esvaimento aumentou. Um garrote invisível apertava-lhe a vida.

Pousou a pá e encostou-se á trincheira..

—Estou pronto.

O lusco-fusco embainhava de tristeza maciça os quatro ciprestes, que guardavam os cantos do cemitério. Nos buxos alinhados havia uma paz cansada de sono.

—Acabou-se.

Num adeus quase indiferente rolou a cabeça á superfície do Mundo como um roberto que não tivesse corpo.

- Cruzes e mais cruzes... Valeu a pena!...

Depois sem forças para saír do buraco aninhou-se nele o melhor que pôde.

—Esta é para mim...—murmurou.—A dela que lha faça quem quiser. Escusava de ter medo, afinal...

VIDA literária

O PRETO NO BRANCO

de RAMADA CURTO

Milagres

Leio nos jornais que, a dois passos de Lisboa e em pleno e pluvioso Inverno, uma ameixeira já deu fruto e está outra vez carregada de ameixas, como em Julho. Doutra origem, chega-me a notícia de que as laranjeiras, as videiras, as macieiras, em vários sítios, rebentam como se estivessemos na Primavera. Lá para o Norte do País uma muar deu á luz um cavalito esperto com orelhas de burro! Anda coisa no ar! Cheira-me a prodigio. E estou contente, porque eu adoro os prodigios, os acontecimentos excepcionais, que conseguem quebrar a monotonia da existência sempre igual. E' claro que, reserva feita das guerras, terramotos, incêndios, ciclones e outras calamidades. Nêsse caso prefiro a monotonia. Mas as auroras boreais, os cometas,—que está provado não fazerem mal a ninguém—as estrelas cadentes, os discos voadores, são—se me é permitido exprimir-se assim — um verdadeiro apetite. *Direi mesmo que tão graciosos, espectaculares e inofensivos fenómenos meteorológicos*—têm pilhas. *E por estas expressões, que adopto e perfilho, logo se verifica que eu, não pertencendo ás altas classes, adopto, também, por julgá-lo a mais não ser expressivo,* o lexicon, *o modo de falar dessas classes. Nada me encantaria mais a Vida do que um milagre, um bom milagre, com publicidade e evidência, como havia dantes, nos tempos felizes em que a Fé enchia as almas, paredes meias com a barbarie e a crueldade. E chego a pensar que foi para corresponder ás brutalidades medievas que Deus fez contemporaneos dos grandes sicários, os grandes Santos.*

Hoje, os costumes aparentemente adoçaram-se. Há muito mais policia. Mas vistas bem as coisas, o contraste violento mantém-se. Vivemos na idade dos explosivos atómicos que matam aos milhares e dos anti-bióticos que também salvam aos milhões. É a era dos carros de assalto mas é também a época dos policias sinaleiros. Na verdade, não há nada de novo, sob o Sol. Dizem-me que continua a haver milagres. Perfeitamente. Não serei eu que o negue. Mas a propósito me ocorre o caso de S. Francisco e de Santa Clara de Assis. O Poverelo, *filho de Pedro Bernardone, negociante de panos em Assis, e de sua mulher Madona Pica, achou conveniente em certo inverno, quando os campos da Umbria estavam cobertos de neve e a chuva e o vento eram inclementes, separar-se da sua pupila, a doce e linda Santa Clara. Um desgosto enorme entenebreceu a alma da virgem que amava misticamente o Santo. E ela perguntou-lhe, com tristeza infinita, até quando seria essa separação? Ao que o Pobrezinho respondeu que seria até quando voltassem a florir os rosais. E com esta resposta começou a afastar-se de Santa Clara pelos caminhos cobertos de neve, açoitado pelo vento e pela chuva. Mas logo um grito radiante de Clara o fez parar. Era que toda a montanha em roda era um roseiral florido e Santa Clara corria para o santo trazendo nas mãos um ramo dessas rosas de milagre! E não se separaram Francisco e Clara O ceu interviera. Se eu fôsse nêsse tempo camponês da Umbria, e tivesse presenciado o milagre, com que alegria passaria a ser companheiro do Santo. Eu sei muito bem que hoje ainda há milagres. Mas são mais particulares. Talvez devido ao endurecimento das almas é que Deus não permite a evidência colectiva do milagre. E é também por isso que eu rejubilo com as notícias de que em Portugal florescem as árvores em pleno Inverno como se fôsse Primavera. Quem será que terá passado por esses sitios, junto dessas árvores, que se cobrem de flôr «por engano», como no caso de S. Francisco e de Santa Clara?*

Eu que, nas horas vagas escrevo peças de Teatro, não conheço cena teatral mais curiosa do que a cena final do primeiro acto da Santa Joana, de Bernard Shaw. É quando no dominio de Roberto de Baudricourt, em Vancouleurs, este, furioso com o seu Intendente, o acusa de lhe furtar os ovos das suas galinhas. O Intendente diz que são as galinhas que teimam em não pôr há meses. Surge Joana d'Arc, e é nêsse acto da peça que se resolve o seu destino de Guerreira e de Santa, a sua missão extraordinária que a leva primeiro á fogueira e depois aos altares. Nêsse momento um sopro de milagre passa na cena, e o Intendente vem anunciar, assombrado, ao seu senhor que as galinhas de repente desataram a pôr como quem se despede e para começo, já lá estavam dez duzias de ovos!

Se eu tivesse a certeza de que isso se dava e me aparecesse um Santo contemporaneo convidava-o logo a ir visitar as minhas galinhas. Dir-se-á que é talvez porque o Mundo é assim interesseiro como eu, que não se dão milagres espectaculares. Não é argumento. Porque eu conheço muita gente que não é melhor do que eu, e á qual, como o outro que diz—até os cães lhe põem ovos.

RAMADA CURTO

«AVENTURA E ROTINA»

Era na verdade tentador convidar um homem, como Gilberto Freire, com o seu «pedigree» de sociólogo, antropólogo, etnógrafo—e não sei se mais—a definir o que é justo chamar o vasto mundo português. Um estranho—e não lhe chamamos estrangeiro porque o Freire (todos os Freires, como ele diz, do seu imenso e portenso Brasil) é nosso irmão de sangue—vê, observa, identifica, prospecta melhor a vida, a alma, o corpo de um país, onde, habitualmente não vive, de que um autotoene, viciado por todos os contactos, que podem ir do bovarismo sugestionador, sobrestimando qualidades e sentimentos próprios, até ao péssimismo, reflectindo toda a existência nacional, de ontem e de hoje, através de muitos séculos, de formação e crescimento, com as suas crises e lances de redenção, como é próprio dos organismos vivos e sãos—homens ou nações.

Confessamos, porém, que é tão difícil identificar o «habitat» dum povo, como traçar a constante do seu caracter. Mais fácil é exprimir em *palavras-numeros*, digamos assim, embora elas não tenham algarismos, apenas para objectivar no seu rigorismo científico, a morfologia de um país, os seus factos históricos, as suas tendências morais e espirituais e os seus diversos estilos de vida Estes elementos e outros tantos, ou mais ainda nos mais variados sectores que lhes são concernentes apreendem-se com os olhos, desnudam-se, mesmo quando rebuçados, com mais ou menos, presteza e verdade—que pode ser amarga, ou pelo menos, ligeiramente, criticista, e se não simpática, flagrante, procurando, através de tudo, a justiça pura, que iliba o «arguido» sujeito a tão terrivel, como minucioso exame.

Mas é laborioso juntar—se isso é possivel—todas as peças do processo histórico. Se as fases de evolução se distinguem melhor, pelo seu próprio dinamismo e progressão no tempo e no espaço, as outras de expectativa ou mesmo de letargo, se não de transição, como que se ocultam, enigmáticamente, se é que mesmo deixaram rasto, ou vieram á luz. Daí soluções de continuidade, que mesmo os sociólogos, os historiadores nacionais, não esclareceram ainda em referência ao Portugal europeu. Por outros termos: se há zonas solares da nossa existência nacional, não, apenas, nos primeiros planos, de figuração realenga e cortesã, batalhante, heroica, governativa, expansionista ou universalista, há outras que imergem na sombra, em periodos, talvez, de gestação, fetal, no mistério organico do

(Continua na página seguinte)

Parábola

para a noite de Natal

Quando o pobre reza a Deus,
Pede pouco, p'ra que sobre,
—São infinitos os Céus,
E até no pedir é pobre!

Mas, se o rico, em ar de santo,
Também reza a ladainha,
Tanto pede, pede tanto,
Que nem sobra uma estrelinha...

E a verdade é que uma estrela,
Uma estrelinha sòmente,
Se a gente pudesse tê-la,
Enchia a vida da gente!

ALBERTO JERÓNIMO

(Desenho de Alberto Jerónimo (Filho)

«NAUFRAGIO»

E' da nossa distinta colaboradora Joaquina Ferreira Vinhais o ultimo conto publicado neste Suplemento Literário, e que tinha por título «Naufrágio». Uma gralha lamentável alterou-lhe o nome. E já agora, diremos que a apreciada romancista ganhou o primeiro prémio de um concurso de novelas, nos jogos florais, há pouco realizados no Barreiro.

DE VEZ EM QUANDO

Meditação sobre o Natal

por João Patrício

Vivendo o homem hodierno o zenite do social, do colectivo, e por ele sendo, directa ou indirectamente, dominado e até, esmagado, parece que deveria ter atingido igualmente o cume da solidariedade e fraternidade humanas.

Se o individualismo liberal do século passado foi acusado, e com razão, de egoista, de egocentrista, por isso que individualista, não vemos—longe de tal—que as ideias colectivistas, postas em prática no século que decorre, mormente a partir dos primórdios do seu segundo quartel—hajam criado no homem o verdadeiro sentimento de altruismo, do amor do próximo, do «dar-se aos outros», solicitando, procurando o seu semelhante por interesse efectivo, sentimental—humano. Pelo contrário: os homens de hoje aproximam-se ou encontram-se reunidos, tão sòmente em obediência á lei, ou por interesses materiais.

Contrariamente sucedeu com o advento do Cristianismo. Aqui, os homens aproximavam-se, reuniam-se, em obediência aos ditames do coração, e contra a lei de Roma.

Por isso, resistiram a todas as perseguições e, unicamente, com as armas do Espírito e da Fé, venceram, venceram-se e convenceram.

O grande mal, o enorme drama dos nossos desgraçados tempos, consiste precisamente na falta de uma convivência *humana, ou inter-humana, desinteressada dos bens terrenos não imediatos, vitais.*

Os corações vivem repletos de ódio ou cheios de amor egoista.

Por assim ser, nos lembramos apenas dos que precisam, periódicamente, quando nos visitam as Festas colectivas do Natal e da Páscoa. E, ainda, nesta altura, o fazemos por egoismo e cálculo: para salvação da alma ou para gozarmos as Festas, com a consciência em Paz.

E o Deus-Menino, na cidade de David, todos os anos nos visita, em data certa, simbólicamente, a sorrir de ingenuidade, graça e pureza, nu de bens materiais e de mentira e maldade, como que a dizer:—Muitos dos meus irmãos, em Deus, também pequeninos, passam como eu o ano inteiro sem um trapinho que os cubra. Não os cobreis, portanto e apenas, no dia do aniversário do meu nascimento. Eles carecem da vossa protecção durante o ano todo. Esquecei-vos de mim e lembrai-vos deles, que é a melhor maneira de vos lembrardes de mim.

* *

Lembremo-nos pois, em todos os dias do ano, do Presépio de Belém. E, sobretudo, interpretemos, intimamente, o seu verdadeiro e ecuménico sentido, moral e humano.

Um soneto de Acacio de Paiva

Epocamos hoje esse alto espirito de poeta que foi Acácio de Paiva. Até ao fim da vida, que a teve longa e carinhosa pelo favor dos deuses, que assim lhe premiavam a alma nobilissima, Acácio de Paiva nunca abandonou a sua lira de oiro, que tinha todas as cordas, desde a satirica, amena e graciosa, ate a lirica de vibrante ressonância emocional. Foi um poeta do amor e do sentimento, que em sonetos de linha perfeita, nos deixou pequenas obras-primas, cânticos de ternura, arroubos e frémitos de sensibilidade ardente, e também, com ironia que não magoava, o comentador risonho das imagens e dos casos citadinos, em rimas sempre vivas, flagrantes, de uma espontaneidade, de uma fluência, de uma claridade de água corrente. Neste ultimo aspecto, sob o pseudónimo de Belmiro, colaborou durante mais de quarenta anos nas publicações de «O Seculo». Mas a mascarilha era demasiadamente visivel. A maneira unica, inimitável de Acácio de Paiva, denunciava-o. A sua graça o seu espirito, a sua ironia, eram sempre vivos e brilhantes. Recordando-o com saudade, publicamos hoje este belo e sentido soneto.

BENDITO SEJA DEUS!

Bendito seja Deus Nosso Senhor
Por me haver dado o primitivo alento
Em Portugal, e nele o entendimento
Para ganhar o pão com meu suor!

Na hora inquieta e altissima do amor,
Por me haver dado noiva a meu contento,
Portuguesa, também, de nascimento,
Bendito seja Deus Nosso Senhor!

E porque desse amor eu tenho um filho,
E a sua mão compadecida e leal
Há-de fechar-me as pálpebras sem cor

Quando em meus olhos se desfaça o brilho
E eu já não veja o Céu de Portugal,
Bendito seja Deus Nosso Senhor!

ACACIO DE PAIVA

LIVROS e AUTORES

COMENTÁRIOS DE ARTUR PORTELA

"Aventura e Rotina"

(Continuação da página anterior)

corpo da grei e da nação, a preparar renascimentos gloriosos.

Mas mais difícil ainda é obter um gráfico nítido, eloquente e concludente, da psicologia de um povo. No caso português: o que fomos, o que deixámos de ser, o que seremos? Tudo isso, quanto a nós, são pesadas e duras interrogativas, que não é fácil resolver, por mais ecuménica que seja a cultura de um escritor, especilizado nas diversas cátedras, já como discípulo, já como professor do que se pode denominar—fenomenologia multitudinária. Pode fazer-se uma «interpretação», mas só uma interpretação, portanto, restrita, condicionada ao personalismo de quem a faz. E já é muito! Concordamos, até, que outra coisa fundamentalmente, não se pode realizar. Fixar todos os multiplos e imperceptíveis reflexos da alma de uma raça, distinguir o que há nela de essência eterna e de relativo circunstancial, num livro não será o mesmo que pretender captar um vasto oceano nas mãos de uma criança, ou num continente, que embora estanque e durável, se limita a uma escassa parte, porque não pode, materialmente, pela exiguidade das dimensões, abranger o todo?

Mas o homem, como Sisifo pode tentar todos os esforços, e como Prometeu, sofrer todas as inclemências, tanto por uma tarefa para a qual só os deuses teriam teóricamente força, como por uma ideia transcendente que só o tempo, o grande mestre e obreiro de todas as coisas, pode alcançar e vencer.

Pode não atingir o alvo, materialmente, mas vê-lo de longe, e isso já é muito — diremos, até, com sinceridade, é tudo quanto humanamente se pode fazer.

Gilberto Freyre deu-nos um belo livro, que se pode classificar de magistral, mas não isento de erros de apreciação e observação, uns mais graves do que outros, o que é natural Quer-nos parecer que, embora exaustivo, sistematizado (e já explicaremos porquê) Portugal,—tão grande e complexo ele é, —não fica ainda, devidamente definido, retratado, caracterizado. Não se julgue que este reparo seja ditado pelo orgulho; quando muito, atrás de nós, curvado, misterioso, mas incisivo, está o espectro de Hamlet, com o «to be or not to be!». Como contar as areias de um deserto, as folhas de uma árvore, reproduzir, a não ser indirectamente, um passado, ou abranger, no presente, as semelhanças ou diferenciações regionais e anímicas de um todo vivo, em fusão, em laboração,—um povo Inteiro? Não é ele uma cadeia de fenómenos, que oferece cronológicamente mutações, transformações, evoluções, e até regressões diferentes? Basta que viva, cresça, progrida, para que se não possa dar uma cristalização rígida, para que o ontem não seja igual ao hoje ou amanhã. Se assim fosse, atómicamente pela pilha, é claro, teríamos quando muito isotopos, e, mais vulgarmente aqueles sucedaneos de natureza animal e vegetal, de que os laboratórios farmacêuticos obtêm sínteses. Produtos idênticos, mas não iguais, não reais.

Quando muito, para o caso português, teríamos de recorrer a um processo, porventura já um pouco estranho á nossa época, mas que pode, quando animado, por um super-génio, como o de Camões, atingir a epopeia. De facto, por mais estrangeiros, ou irmãos brasileiros, que nos visitem, no intuito de prospectar o que somos, de marcar as nossas linhas de resistencia, de nos definir moralmente de comprender o nosso espírito, de extroverter o introvertido, de dar, enfim, o que há de undivago, sonho lírico, no fundo da grei, as suas emoções e reacções de carácter, tanto como comportamento individual, como nacional e universal—os *Lusiadas* continuam a ser permanente o palco vivo e mais exacto do drama e da glória rácicas, com todos os seus desvários todas as suas concepções e projecções magnificas—a *falar*, a *sentir*, a *amar*, a *cantar* portuguêsmente. E' uma fala egregia que retumba através do vasto tempo. E' ele (o povo) e somos nós, (o individuo) em contraste imortal, que lá estamos. Reconhecemo-nos, identificamo-nos! E' só abrir as suas páginas. As estancias tornam-se visões documentais, opulentadas pela cor como o cinema moderno, e orquestradas pela eternidade do mar; vozes em sussurro, em gritos, de individuos e multidões ecoam—e Portugal e o Mundo que ele descobriu contornam-se em formas de uma geografia fisica e espiritual perfeitas. De dentro do poema desprendem-se tempestades, há flores de espuma, corpos de sereia, saudades da pátria, representações trágicas e vitoriosas deste povo de camponeses, pescadores e poetas, cuja caracteristica mais expressiva, nunca aliás apontada, no livro do Gilberto Freyre, é, porventura, a sua doce e enternecida humildade, tão funda, que seria pré-cristã, se em vez de oito séculos de existencia tivessemos vinte ou trinta. Questão de idiosincrasia! Povo de contrastes, de extremos passionais, orgulhoso, sim mas raro, duro e implacável, capaz de sacrificios heróicos, contumaz na aventura, e que tanto se bate, leoninamente, não se importando de desafiar a vontade dos deuses e as realidades impossiveis—o que exprime o seu idealismo—como de cair nos maiores desalentos e pessimismos ciclotímicos.

Mesmo sob a onda do materialismo da época, apesar dos tópicos de alguns dos seus costumes se americanisarem—o lusiada no fundo, continua a ser o mesmo Magriço cavalheiresco, o mesmo sebastianista da arrancada fatal, o mesmo Nuno Alvares mistico, o mesmo Bernardim saudoso, o mesmo Nobrega bandeirante e missionário.

Não nos dá Gilberto Freyre esses aspectos da psique rácica, talvez porque os guarde para mais tarde, mas, confessamos, que fazem falta a esta *explicação de Portugal e o seu mundo*.

Quanto a nós, porém, o escritor brasileiro não fez reserva desses elementos que podiam ter ficado expressos, escritamente, como o fizemos agora, em meia página que fosse desta «Aventura e Rotina» — porque as suas bases culturais padecem de um exagerado sistematismo cientifico. Gilberto Freire, produto universitário estabeleceu um esquema: para nos objectivar, recorreu, aprioristicamente, a velhos e escolasticos conceitos; anquilozou-se em meia duzia de formulas e uma terminologia própria, ambas complexas, de que faz postulados irrefragáveis, criando um automatismo de definições que, em muitos passos, nos surpreende — sobretudo, na primeira parte da sua obra dedicada ao Portugal continental. Quer dizer, submete-nos a regras de conhecimento, anteriormente adquiridas, moldes e normalidades cientificas, que a realidade vivida e observada, tanta vez faz saltar, ou derruir com fragor.

Nós sem «ecologia», «miscegenização de raças», «ecologia», produtos e sabores «culinários «luso-tropicalismo», expressões tantas vezes usadas e abusadas nesta obra, vamos ainda pelo mais facil e curial. A grande e simplória verdade é esta: o homem é um produto do meio.

O português separado da Espanha, por motivos de independência, portanto, fora do contacto comercial e espiritual da Europa, engendrou uma civilização própria, ou, pelo menos, um modo de viver, condicionado ao meio físico.

A Terra não era rica, o que lhe deu a sobriedade da existência, e daí a sua humildade, a sua rusticidade, a sua comunhão interior de beleza religiosa e panteista, de tão largas ressonancias ainda; o celticismo, de que há raizes em tantas zonas, um idealismo penetrante, de seiva lírica; o mar, como que uma super-nacionalidade, um Portugal oceanico, o destino da sua expansão predestinado pela posição geográfica. Fazê-lo «avant la leure», um país semi-europeu, semi-africano, com predominantes caracteres arabes e judaicos, pode aceitar-se, como tese, mas, então, onde estão a influência das outras raças, que ocuparam a peninsula e o etnos original, enacionista do autoctone lusiada? Ignora-se, porventura, que há estudos autorizados sobre uma população da Atlantida —continente que é até a costa da Catalunha, —de que o português de hoje é o mais directo descendente? Os caracteres somaticos do individuo, mesma a sua pigmentação, de modo algum provam mesclas de sangue. «De alguns fidalgos portugueses têm-se a nitida impressão de semitas aristocraticos, com narizes longos, olhos grandes, mãos compridas e palidas de sefardins. Os traços negroides não são de todo ausentes em retratos portugueses antigos; e por um estudo desas fisionomias fidalgas talvez tivesemos que concluir por algumas infedilidades de mulher aristocrática das que Oliveira Martins assinalou com enfase excessiva»—escreve Gilberto Freyre.

E noutro passo: (...) «diante de uma Lisboa ou de um Portugal que, pelas suas cores, pelas suas formas e por alguns dos seus costumes, já não é Europa pura mas cidade ou gente europeia tocada de muitas influências orientais e tropicais (...) formas aventurosamente extra-europeias de vida e de cultura. Orientais, tropicais ou apenas mestiços». E como antes, ou depois destes passos, Gilberto Freyre nos fala do mouro pouco parece reagar ao português de si próprio, mesmo que a percentagem de caracteristicas próprias supere as outras, visto que os elementos estranhos, por diversos e antagónicos, são sempre mais fortes, dos que nas apreciações surgem mais superficiais, e a prosa —como dizer?— é mais dura, se não fria; no que respeita ás nossas provincias ultramarinas, a compreensão é mais rica, sente-se o calor da pena, e as observações recolhidas, mesmo para quem, como nós, nunca as visitou, são mais sagazes e flagrantes Nesse aspecto, há muitas páginas belas, não pelo elogio, mas pela verdade, apreendida fulminantemente, o critério justo, o rigor da observação, a imagem precisa. Entre outras, destacamos, as que traçam a fisionomia de S Tomé, Cabo Verde, Angola e Mocambique Chegamos a ter pena que «Aventura e Rotina» não tenha sido escrito, nessa parte, por um Português. Sem duvida, o autor insiste em demasia na influência do Brasil, nesta ou naquela região ultramarina, mas isso compreende-se e aceita-se de bom grado, jubilosamente.

Através de tudo se vê a pátria, o «deja vu» como escreve Freyre, que não se esqueceu, sem duvida, que o tronco é o mesmo, embora os ramos possam ser diferentes—o que é, pelo menos, botanicamente, certo, quanto á orientação e configuração do seu estudo.

Vai já longa a crítica e não dissemos tudo. Regressemos, pois com tempo contado, e que significa depressa, com «Aventura e Rotina» a penates luziadas, depois de termos andado, com o autor, pela costa do Malabar, nas creoulas, ilhas caboverdeanas, na costa e contra costa da África portuguesa, e, até mesmo, a caminho da auri-verde casa brasileira, pela Madeira, esse açafate de flores, vogando sobre o Atlantico.

Quer-nos parecer que Gilberto Freyre pretende ajustar, retrospectivamente, uma visão patriarcal, conventual da nossa terra, aos tempos de hoje Chega mesmo a dizer: «sou dos que sentem em Lisboa a falta de padres magros e frades gordos a descerem pacatamente ladeiras, a subirem docemente de igrejas, a atravessarem hieraticamente praças, e não apenas missas no interior de igrejas e capelas. Padres e frades fazem falta á Lisboa de hoje; aos conventos secularizados e ás ruas aburguesadas».

Reparámos, também, no seu excesso de «defroqués» entre outros Herculano, Antero, Camilo, Latino Coelho. Não será uma generalização sumária? Uma maneira fácil de querer exprimir a severidade de carácter ou a austeridade fisionómica dos indivíduos? Sobre a «fala arrastada (dos alentejanos)»; de quem são sentisse demasiado gosto ou segurança em falar a lingua galaico-portuguesa que lhes impôs um Marte vitorioso pelas armas; de quem estivesse ainda a aprender essa lingua, tão vigorosa e ráp.damente pronunciada pelos homens do Norte, vencedores dos Árabes e dos matisados do Sul»—o erro é patente. Considerou Gilberto Freyre a morfologia da região, o que há nela de desértico, lonjura e charneca, silêncio e melancolia de uma terra, que não vê, a que falta, a alegre pandeireta do mar, vibrando sempre, nas mãos do vento? Não concordamos também com a opinião do sociólogo brasileiro sobre a mobília do Alentejo, «pintada carnavalescamente», que não lhe parece grande coisa no género». Mau gosto, grande amigo!,

Contraste natural de uma terra, sem cromatismos, se não os da luz, que não os da paisagem, ou do trajo que dessedenta o camponês, alegra os olhos, e constitui um lindo poema de etnografia, digamos. Em questões de postres e manjares, Gilberto Freyre esboça a opinião, que, em relação ao paladar, uns pratos tendem ao estilo espanhol e outros ao português—«mas todos exprimindo uma tradição comum—hispanica—de gosto» Ibérica, certamente.

Queixa-se da falta da nossa pintura, no que tem razão, embora nada diga sobre a aguarela, que pela leveza da cor o género que melhor se casa com a nossa paisagem. Evora, contra o que ele supõe tem nesse capitulo, verdadeiras obras-primas. Se de facto nos falta um Portinari, temos por cá muitos Ciceros... modernos, que se podem aproveitar para fazer um balanço sorridente.

A certa altura, o autor fala de Teixeira Gomes—*espécie de Gilde português*—literáriamente, é claro, que não. Então, o quê? Já é tempo de acabar com essa maliciosa «blague» que Paul Morand utilizou na «Europa galante». A verdade é outra—e, felizmente, ainda há pessoas vivas que podem atestar como se originou.

Sobre arquitectura, escreve: «o convento ou mosteiro em Portugal não terá absorvido dos Mouros, mestres na arte de construir casas de residência em terras tropicais ou quase tropicais, alguma coisa de arquitectura doméstica que lhes adoça as formas ascéticas e lhes alegra a tristeza das outras mais duramente monásticas».

Não vale a pena e clarecer, nem mesmo a duvida que Gilberto Freyre tem se o alpendre teve a sua origem em Portugal ou no Brasil. Não concordamos com a alusão feita a Mousinho—«o certamente lamentável», parece-nos deveras lamentável. Dizemos isto, não por orgulho patriótico, mas porque Gilberto Freyre desconhece, certamente os dados do problema que o valoroso capitão resolveu em Africa.

Sobre Fátima, houve engano de Gilberto Freyre. Viu a paisagem fisica e a obra dos homens, mas não sentiu a fé, o fervor, a exaltação das almas, e esses, sim, são grandes, magnéticos espectáculos, de uma emocionante beleza, que convertem as orações em lágrimas, chamas e estrelas

Outras coisas havia ainda a observar neste livro, extenso, bem trabalhado, que demonstra um natural esforço de compreensão, de simpatia, de admiração, por um país, no qual o povo criou e modelou, com autonomia, a sua existência repartindo-se depois, larga e generosamente pelo Mundo Vêmo-lo como um monumento de consagração, não perfeito, evidentemente, mas realizado com musculo, pujantes de titan

Mas o Mundo é grande—e o homem bem pequeno! Contanto que seja humano, e Gilberto Freyre soube sê-lo. Portugal deve agradecer-lhe. Os pequenos erros cometidos não diminuem o valor da obra que outros pretenderiam, porventura, mais profunda, de maior recensão psicológica, que não fosse só, como quase é, as formas materiais do nosso país, mas a divina essência da sua gente.

(Livros do Brasil)

GILBERTO FREYRE

UM LIVRO de Gilberto Freyre sobre Portugal

Pensão Monumental

Magnificos aposentos.
Serviço de bom hotel.
Rua da Glória, 21 Tel. P. B. X. 29807

ADUBOS

SUPERFOSFATOS

15 % — 16 % — 18 %

SULFATO DE AMÓNIO

do AMONIACO PORTUGUES

NITROCALCIAMON — « COBELAZ »

com 20,5% de azoto nitrico e amoniacal, contendo cal

Cianamida - Cloreto de potássio

SAPEC

GRANDES FÁBRICAS EM SETUBAL

SAPEC · SETUBAL

DELEGAÇÃO DE LISBOA
Rua dos Fanqueiros, 121, 1.º
Telef. 24121-24122-24123
Teleg SAPEC-LISBOA

AGENCIA NO PORTO
Soc. de Drogas Lusitania, L.da
Praça da Liberdade, 53, 1.º
Telef. 23727
Teleg SAPEC-PORTO

BANCO ESPIRITO SANTO E COMERCIAL DE LISBOA

Capital realizado ..... **200.000.000$00**
Fundo de reserva ..... **70.000.000$00**

RUA DO COMÉRCIO, 95 a 119
LISBOA

Dependências Urbanas:

—Alcantara, Poço do Bispo, Conde Barão, Almirante Reis, Benfica, Praça do Brasil, Duque de Saldanha, Praça do Chile, Graça e Camões

Filiais e Agências:

—Porto, Coimbra, Braga, Guimarães, Faro, Covilhã, Ponta Delgada, Torres Vedras, S. João da Madeira, Santarém, Torres Novas, Gouveia, Estoril, Tortosendo, Abrantes, Mangualde, Figueiró dos Vinhos, Olhão, Matosinhos, Moura, Guarda, Espinho, Montijo, Vila Franca de Xira, Montemor-o-Novo, Castelo Branco e Alferrarede

TODAS AS OPERAÇÕES BANCÁRIAS

O MAIS BONITO BRINDE para creanças e adultos

O RELOGIO MEALHEIRO

da Sociedade Portuguesa de Seguros,

em que só é possivel dar corda depois de se lhe introduzir diariamente uma moeda, obriga os pais e ensina os filhos a serem economicos Aplique essas economias constituindo um dóte para os seus filhos ou para assegurar o futuro dos seus fazendo um seguro de Vida que a Sociedade Portuguesa de Seguros lhe dará gratuitamente um destes lindos relogios

Dirija-se á

SOCIEDADE PORTUGUESA DE SEGUROS
RUA DA MADALENA 36, LISBOA — ou aos seus Agentes em todo o país, que terá todas as informações que carece.

Santa Casa da Misericórdia de Lisboa

LOTARIA

Extracções semanais

Prémios maiores	**1.000**	**contos**
	100	**»**
	50	**»**

a 30 de Dezembro de 1953 — Extracção da 3.ª lotaria extraordinária do ano (Fim do Ano)

Prémios maiores	**3.000**	**contos**
	300	**»**
	150	**»**

Os lucros líquidos revertem para a Santa Casa da Misericórdia de Lisboa e demais instituições de assistência pública, nos termos da legislação em vigor.

Agência Salgado

Título registado

Funerais — Trasladações e Embalsamamentos

Sede: Rua Santa Marta, 43-B — Telef. 48258

Telefones
1.ª Filial. — Lisboa, 71349
2.ª » — Almada, 132
3.ª » — » »
4.ª » — Benfica, 58733

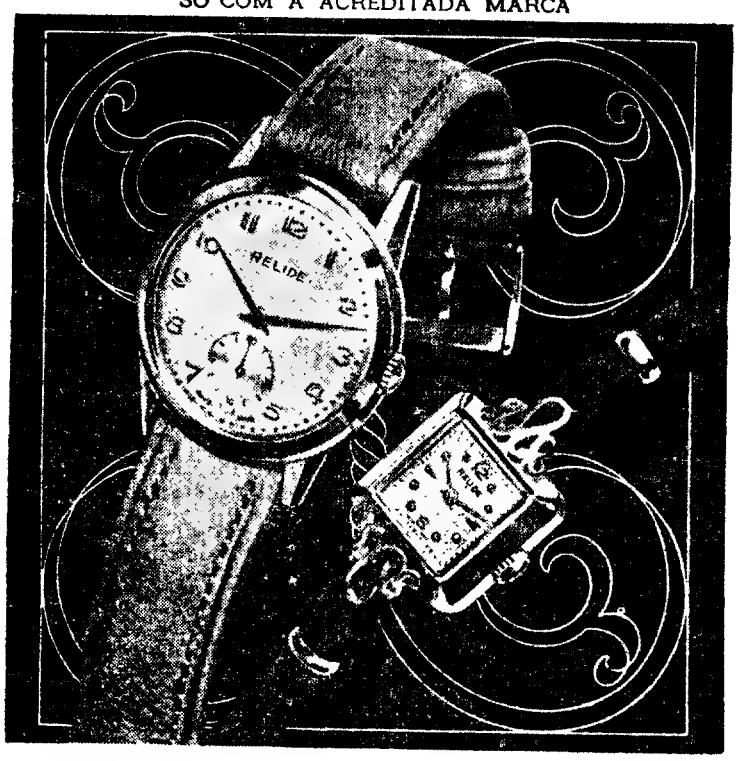
A mais completa organização comercial no género

Empresa Industrial de Tintas, L.da

RUA DA CASCALHEIRA, 33 — (ALCANTARA) — LISBOA — Telefone 3 8608

FABRICA PORTUGUESA DE TINTAS DE IMPRESSÃO TIPO-LITOGRÁFICAS, VERNIZES E MASSAS PARA ROLOS

QUALIDADE E ELEGÂNCIA A PREÇOS ECONOMICOS
SÓ COM A ACREDITADA MARCA



RELIDE

A PRIMEIRA MARCA QUE ESTABELECEU EM PORTUGAL
A GARANTIA CONTRA TODOS OS ACIDENTES

EMPREZA DE CIMENTOS DE LEIRIA
MARCA REGISTADA
LIZ
FABRICA EM MACEIRA-PORTUGAL
PORTLAND ARTIFICIAL

Para impermeabilização de paredes, fundações,

rebocos, etc., empregue

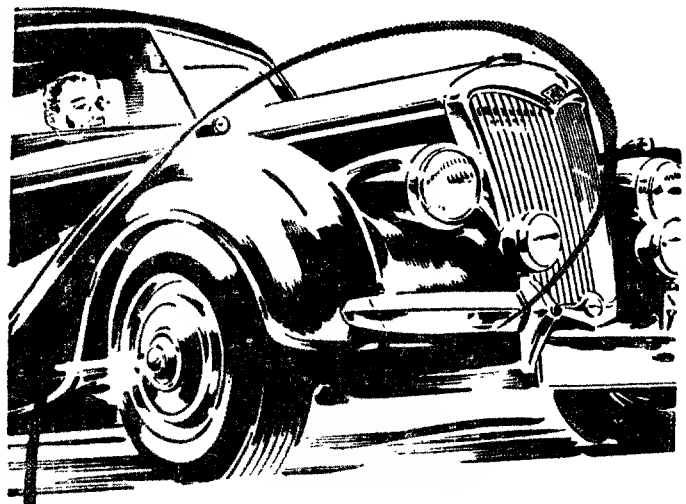
CIMENTO «LIZ» HIDROFUGADO «N»

Um produto nacional que substitui com vantagens técnicas e económicas todos os hidrófugos conhecidos

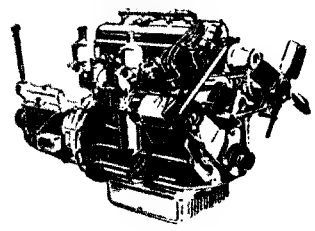
Em sacos de papel de 50 quilos
Peçam instruções para o seu emprego

Sede: Rua do Cais de Santarém, 64, 1.º — LISBOA
Filial no Norte
Rua de Santo António, 190-A, 1.º — PORTO

AGENTES EM TODO O PAIS



É ESTE O SEGREDO
DA SUPERIORIDADE DOS RILEY



Entre os automobilistas que conhecem motores, o Riley desfruta de grande preferência justamente porque oferecem a garantia máxima

BMC

Riley

A. M. ALMEIDA, L.da
39, Rua da Escola Politécnica — LISBOA

RÁDIO CONTROLE

(ARMANDO S. FERREIRA)

Rádio Electrónica e Telecomunicações

TUDO SOBRE T. S. F.

Equipamentos — Construções — Reparações — Montagem — Sistemas radioeléctricos — Receptores — Transmissores — Auto-Rádio — Radiogoniómetros — Inter-comunicadores — Amplificadores — Gravadores Detectores de Metais — Electromedicina — Giradiscos Automáticos, Flash Electrónico

SERVIÇOS EM APARELHAGEM DE ALTA CATEGORIA

Estação Oficial Philips Rádio

(Serviço autorizado desde 1939)

ASSISTÊNCIA TÉCNICA DA MÁXIMA EFICIENCIA

Rua dr. Sousa Martins, 33-35 — Telefone 4 1752 — LISBOA

Depart. Técnico RADIO CONTROLE
Rua Dr. Sousa Martins, 22-B a 22-D

(Técnicos especializados em radiotecnia e electrotecnia desde 1927)

—●—

RÁDIOS RECEPTORES--GIRADISCOS SIMPLES E AUTOMÁTICOS--DISCOS NORMAIS E MICROGRAVADOS--AMPLIFICADORES--ALTO-FALANTES -- MICROFONES -- AUTO-RÁDIOS -- QUADRANTES SIMPLES E AUTOMÁTICOS -- TODOS OS ACESSÓRIOS RADIOELÉCTRICOS

COMPANHIA DE SEGUROS

SAGRES

SEDE EM LISBOA — RUA DO OURO, 181
(EDIFICIO PRÓPRIO)

Sinistros pagos até 31-12-952

Esc. 75.448.178$62

AGENTES EM TODO O PAIS

Efectua seguros de «INCÊNDIO», «MARITIMOS e GUERRA», «AUTOMOVEIS», «AGRICOLAS», «ACIDENTES DE TRABALHO», «ACIDENTES PESSOAIS» e de «VIDA» **em todas as modalidades**

A Companhia fornece todos os esclarecimentos a quem os pedir, **mandando a casa de quem o solicitar, e sem encargo algum, empregado competente que dará todas as informações**

Telefones P. B. X. 24171-24172

Aceitam-se agentes e angariadores que dêem referências

MILHARES de utensílios de cozinha fabricados por **ALMIM** com alumínios puros estão transformando o **ÁRDUO TRABALHO DAS DONAS DE CASA** num verdadeiro prazer!

COMPRE louças de alumínio em formatos originais a preços excepcionais na

ALMIM

R. do Loreto, 61, sobre-loja
LISBOA

BREVES NÓTULAS

sobre motivos de arte

(«Sans racune», mas com verdade)

✱ O Museu Nacional de Arte Antiga (Janelas Verdes) está devidamente instalado e inteligentemente arrumado.

✱ O Museu Nacional de Arte Contemporanea está pessimamente instalado e precàriamente arrumado.

✱ O seu actual director nada mais pode fazer.

✱ Urge acudir-se ás dezenas de obras de Arte-escultura, pintura (oleo e aguarela) gravura, desenho, etc., a gamas de artistas consagrados — que há longos anos se encontram armazenados, nos baixos do edificio do Museu, sem ar, sem luz, mas com muita humidade.

✱ Ha muitos anos que se *pensa* num edificio próprio destinado ao Museu Nacional de Arte Contemporanea...

✱ Desde os primeiros tempos historicos (isto é dos livros) que a Arte tem sido a *pedra de toque* do estado de civilização dos povos. E' o que fica, visivel, palpável, a par da sua literatura; e não quaisquer outras actividades, de efémera existência. Assim nos indicam os imorredouros *padrões* legados pela Antiguidade, pela Idade Média e pela Renascença.

✱ Os artistas portugueses, na sua grande maioria, passam, nesta hora alta da civalização, verdadeiras e duras inclemências, que enfrentam com admirável resignação e impressionante estoicismo.

✱ E vê-os, em constante tributo, contendo, com as suas produções, ás numerosas exposições de Arte que se realizam durante o ano; produções que, em geral, voltam para as paredes dos seus «ateliers» ou dos seus domicilios, sem qualquer compensação do seu esforço.

✱ Hoje, de uma maneira geral, já não há o estímulo oficial nem o particular de outros tempos. Impera o *materialismo*.

✱ O Estado encontraria, talvez, esse estímulo — e uma *saida* — mediante uma verba *relativamente* pequena, adquirindo obras de Arte e colocando-as nos seus, vários e numerosos departamentos, que têm as paredes nuas, gabinetes dos ministérios, repartições, universidades, faculdades, institutos, liceus, escolas superiores, escolas secundárias e (porque não?) escolas primárias, etc., etc. Seria, até, uma forma prática de se difundir a educação estética, que tão deficiente se encontra.

✱ Os «Museus Regionais», na sua maioria, têm-se organizado e desenvolvido á custa de ofertas, algumas, solicitadas, de muitos artistas.

✱ Francisco dos Santos, com agrado estatuário, que a morte cedo levou, tem em vários museus e praças publicas do País, autênticas maravilhas de Arte. O seu «Prometheu», do jardim Constantino, pasma, há já alguns anos, de como foi possivel roubarem-lhe das mãos a sua inspirada *obra*, traduzida numa linda estatueta de bronze! Assim continuará, pasmado, por muito tempo?

✱ Seria, talvez fácil remediar-se este grande mal, mediante entendimento entre a familia de Francisco dos Santos e a Camara Municipal de Lisboa.

✱ O falecido arquitecto António do Couto, que possuia tanto de talento como de modéstia, queimou 30 anos da sua vida num constante, inteligente, honesto e exaustivo trabalho de reintegração da nossa Sé Patriarcal, repondo na sua traça primitiva a sua fachada e *descascando* do criminoso estuque, que as revestia, pondo-as a descoberto, em toda a sua beleza, as lindas colunas das suas imponentes naves.

✱ O grande sábio olisiponense, eng. Vieira da Silva, escreveu a seu respeito, no vol. V, págs. 9 e 10 de *Lisboa Antiga*, a seguinte nota: «arquitecto António do Couto, nomeado por despacho ministerial de 16 de Agosto de 1911. Este arquitecto e nosso amigo, nos vinte e cinco anos que tem estado á testa das obras, principalmente efectuadas no interior da igreja e na charola, tem deixado a sua direcção até ao presente (1936) assinalada por um cuidadoso restauro e restituição do templo aos seus estilos primitivos; e a sua longa permanência associada a uma reconhecida competência tecnica e um espirito observador, tornam-no a pessoa mais conhecedora dos mínimos recantos e pormenores construtivos e arquitectónicos do templo (Sé de Lisboa). A. V. S.».

✱ Pois não existe em qualquer recanto da Igreja da Sé de Lisboa uma simples inscrição que indique aos vindouros que todo aquele formidável trabalho de reintegração se deve ao arquitecto António do Couto, que por ser modesto e honesto caiu no esquecimento.

Dezembro, 1953

PEDRO GUEDES

(sócio fundador da Sociedade Nacional de Belas Artes)

No grande silêncio da grande Chartreuse, onde os beneditinos se consagram aos seus estudos e, também, ao fabrico dos apreciados licores, a plangência do sino marca a tranquilidade longa de todas as horas...

A missa de Natal

na Igreja do Loreto

Deve revestir-se de grande brilho a missa da meia-noite que se celebra na igreja do Loreto, no próximo dia 25, noite de Natal. O novo reitor daquela igreja, o rev. padre Luís Gasparetti, organizou um interessante programa para aquela festividade. Entre outros numeros de grande interesse religioso, cantar-se-ão a missa «Regina Pacis» de Pedro A. Yon, a «Ave Maria», de Luzzi, e o pastoral «Luscendi dalle stelle» de Refice. A missa da meia-noite será celebrada e cantada pelo novo conselheiro da nunciatura apostólica, monsenhor Vítor Hugo Righi.

A' margem da semana

O maestro Dobrowen

Teve eco limitado nos jornais portugueses —pelo menos os que li—a notícia dada pelas agências de haver falecido, em Oslo, o maestro Issay Dobrowen.

Não morreu propriamente velho. Tinha cinquenta e nove anos. Quantos artistas, nessa idade, vivem ainda dias gloriosos...

Admirou-me que em Portugal estivesse por assim dizer esquecido. Veio aqui duas vezes, ainda não há muitos anos. Da primeira vez, a sua regência, no Teatro de S. Carlos, provocou um delírio de entusiasmo.

O maestro maravilhoso arrebatava os musicos que dirigia e arrebatava o publico, tal era o ardor, a vibração, a chama de talento que se comunicava a executantes e ouvintes.

Dobrowen era um homem magro, moreno, de olhos fulvos e cabelos revoltos, com qualquer coisa de selvagem no seu arrebatamento artistico, que o dominava como um sortilégio.

Muitos devem lembrar-se desses concertos admiráveis, e creio que os musicos que trabalharam sob a sua regência nunca poderão esquecê-lo.

Depois, Dobrowen voltou, mas não era o mesmo. Continuava a ser um regente notável, célebre em todo o Mundo, consciu da sua arte, senhor da orquestra que dirigia, mas aplacava-se o seu fervor; o cabelo já lhe não caia desalinhado sobre a fronte, as mãos nervosas já não se agitavam frenéticas; os musicos e o publico não perdiam a serenidade.

Dobrowen devia ter sofrido durante a guerra, pelo menos moralmente. Era de nascimento russo, e naturalizara-se norueguês. Sob uma ou outra nacionalidade, fosse qual fosse a que mais pesava no seu coração, devia sofrer. E sabe Deus a influência que isso teve na sua morte, relativamente prematura.

Todos nós, que tivemos a fortuna de o ver, regendo a nossa Orquestra, tanto quanto a arte nele dominava como ardente paixão, como quando, mais sereno e porventura mais seguro, dirigia com correcta mestria, devemos prestar homenagem á sua memória de Artista, que nos deu horas do mais elevado prazer espiritual.—M. C.

PARA OS NOSSOS POBRES

Com destino aos pobres protegidos pelo «Diário de Lisboa», recebemos 20$00, enviados por S. S. e em nome dos quais agradecemos.

POLICLINICA DE ARROIOS

PRAÇA DO CHILE. 14-1.º — Telefone 42414

Dr. Aires de Sousa—Raios X e Radioterápia. 16 horas.
Dr. Eurico Alves Pereira—Clinica geral, 18 h.
Dr. Cabral Sacadura-Cir. geral e partos, 17 h.
Dr. Dias Amado—Análises clínicas. 14 h.
Dr. João dos Santosss — Doenças nervosas e mentais, 14.30 h
Dr.ª Laurinda Alambre-Doenç. senhoras, 13 h.
Dr. Luis Andrade—Ouvidos, naris e garganta, 15 e 18.30 h
Dr. Mário Ruas—Rins e vias urinárias, 17 h.
Dr. Monteiro Grilo—Doenças dos olhos, 16 h.
Dr. Paiva e Costa—Boca e dentes, 15 h.
Dr. Paradela de Oliveira-Doenç. crianças, 12 h.
Dr. Pina Monteiro—Coração e pulmões. 17 h
Dr. Ramos Chaves—Pele e sífilis. 15 h
NEBULIZAÇÕES DE PENICILINA

TOME NOTA

COMPRIMIDOS

HYPERSEX

TÓNICO MASCULINO

Alta concentração de alguns produtos basilares, compensadores organicos (não excitantes), destinados aos individuos que mercê duma vida de actividade fisica ou mental se encontram Esgotados, com Desiquilibrios nervosos, Depauperados e Inferiorizados.

Por alimentar ALGUNS ORGÃOS VITAIS este medicamento normaliza e activa as suas funções e auxilia o organismo nos casos de: Astenias, Fosfaturias, Inapetência e Insuficiências glandulares (tipo masculino).

Para maior garantia confirme com a opinião do seu médico.

Publicidade médica (grátis) da FAL.

Apartado 142—LISBOA

O PORTO QUE o PATRÃO BEBE

Nieport & C.º

R. da Nova Alfandega, 15
Telef. 28 — Teleg. NIEPOORTCO
PORTO

Agente no Sul do País
J. NUNES DA SILVA
R. do Corpo Santo, 16-1.º
Telef. 25498-Teleg. «SALIS WINE»
LISBOA

As velhas pedras
de Santiago de Compostela
compõem-lhe a sua vida interior

Impertinentes chuviscos reclinem nas vidraças como a advertir-nos do mau humor com que o dia vem rompendo. Tumidas nuvens turvam por completo a luz tornando tudo impreciso. Aquele que para aqui veio desprevenido só vê duas soluções: ficar enclausurado no hotel ou dispôr-se a reduzir o numero de pesetas com a compra de um «paraguas» ou de um «reversible». Se há pessoas que opinam e presumem adquirir grandes pechinchas em Espanha, eu fui mais compelida que convencida a fazê-lo.

Com a cabeça já encafuada na capucha do impermeável, afoito-me á ducha e, numa luta com a imprevista intempérie, alcançamos a «Plaza de España». Os ansiosos querem abrangê-la num momento e por isso rodam sobre os calcanhares. Que surdo fluído ondeia por toda ela?

E' o bafo da «Caridade», da «Fé», da «Educação» e da «Justiça». São as facetas dos seus quatro edificios a lembrarem que a vida humana pode em qualquer dessas virtudes encontrar o melhor fermento. E' só deixá-lo levedar e, se possivel, estabelecer liames indestrutiveis entre elas. Então a obra será perfeita.

O mesmo dizem as poéticas e sombreadas margens do *Ulla* e do *Iambre ao* evocarem Aquele que falava a todos de igual para igual.

Por isso a rede de pescador foi sempre farta pela existência fora a Santiago. Depois dos peixes vieram as almas aos cardumes, comovidas pela lição que o Santo deixava aos vindouros.

Os nossos passos avolumam-se dentro desta praça. Que sentido oculto leva um dos companheiros a afagar as pedras do «Hospital Real»

E' simples: ele é português e elas foram geradas na saudosa Coimbra. Em torno de nós movimentam-se pequenos grupos. Seu andar e gestos denunciam a raça latina a que pertencem. Caminham em direcção á portada fronteiriça finamente trabalhada. Enquanto olhamos o belo escudo do seu fundador, segredo: —é o Colégio de S. Jerónimo, aquele que o vulgo em tempos conhecia por «*Pan y sardiña*», devido á frugalidade com que viviam os seus educandos. Presentemente está transformado em Escola Normal para ambos os sexos. Sentados pelos bancos dos remanços os claustros os estudantes consultam seus compêndios de estudo. Em meio dos esbeltos pilares e capitéis, o laço cultural é mais intenso, conduzindo, por certo, aquela juventude a de futuro não dispensa as boas linhas.

Ao sairmos, fica-nos, ao lado, com a imponência do estilo jónico, o «Palácio Rajoy». Presença marcante, bem assente sobre os vinte e cinco arcos de meio ponto. Dum baixo-relevo, representando um pormenor da batalha de Clavijo, tão memorável para os Espanhois, fez-se o timpano central.

Voltando-nos uns para os outros, a sorrir, confessamos, baixinho, que, até aquele momento, nos comportávamos tal qual como em pequenos diante da oferecida bandeja de doces; a mirar, a remirar, mas a guardar para o fim o mais apetecido: o frontespicio principal, a chamada «Fachada del Obradoiro»!

Dir-se-ia que tudo vem parar aos seus pés, fazendo, repentinamente, diminuir-nos a estatura, insinuando-se-nos nos sentidos e logo se aninhando, para sempre, na recordação. O gosto do artista, ou dos artistas, povoou-o de figuras. Que teriam sido elas na vida terrena? Para estarem ali, é porque mereceram ser divinizadas!

Dentro de mim, uma voz teima:—Que seria que os fez deixar de ser homens obscuros, pois até os reis se ajoelham e beijam a fimbria das suas vestes? E a voz continua:—Não o devem, com certeza, á sua grandeza, nem ao oiro nem ao mando!

Como gostaria de saber a vida de todos estes personagens e, sobretudo, o que ainda mais me doi é desconhecer o seu pensamento através dos séculos em que ali têm permanecido.

Parece que há uma sombra de melancolia a velar-lhes o rosto.

Quererá traduzir tristeza e desgosto pelo mundo que anda demasiado longe da sua candura? Estas e outras interrogações pesam sobre nós e o subconsciente agita-se-nos.

Como quem caminha para muito longe, para a... eternidade, avulta a figura do Apóstolo, sem ceptro, tendo apenas na mão a cabacinha de água fresca que o dessedentará ao atravessar as areias escaldantes. Parece ir num passo lesto, sobre passadeira alva e branda. Sua expressão é de quem ouve os anjos chamar. Jesus vem ao seu encontro pela estrada perfumada de alfazema e, vendo lhe o olhar extasiado, diz lhe: —*De que te admiras?... Não foi o polen divino do amor do próximo que sempre em ti habitou no decurso da tua vida que criou a flor de suprema formusura que hoje vês desabrochar?*

Esta majestosa frente é servida por escadas de reduzidas dimensões. No topo estão, entreabertas, de ambos os lados, pesadas e grandes portas de madeira pregoadas, de aldrabas e enormes pregos de bronze. (Dizem que são mais antigas que a actual fachada!)

Hábilmente, emisceuiu-se no grupo um garoto dos seus treze anos. Os olhos negros de cigano cravam-se no nosso rosto enquanto, com vivacidade de esquilo, tenta ser-nos util. Explica então que os ganhos deste seu trabalho os destina a minorar a sorte imerecida da sua mãe e a custear os seus estudos numa escola nocturna.

No desejo ardente de provar que não era um guia ignorante e falhado, enumera a «Torre de la Corona», fazendo notar que é de «atalaia descoberta» e também a «Torre de las Campanas» e mais a «da Carraca» Transpomos a entrada do vetusto templo e logo nos achamos diante da inspirada composição de *Mestre Mateo:* o famoso *«Pórtico da Glória»!* Olhá-lo é ler a Biblia em relevo. Com que palavras exprimirei a emoção que me toma quando ali vou? Que pena nem sempre se saber dizer o que o coração sente.

A luz coada, vinda de fora, dá lhe um tom ceruleo, a acentuar, no esplendor mistico dessa moradia de arte, a mais pura linguagem da religião. Quantas horas passámos neste santuário? A própria matéria se desmaterializou conversando-se por isso sempre reverdecida. Por todo o pórtico vêem-se bocas prestes a continuar a frase interrompida, mãos que se vão estender e sarar a chaga aberta, olhos que nos fitam a querer comunicar seus designios.

Mestre Mateo, sabendo que no Céu se não dispensa a Musica, reuniu na grande arquivolta os *vinte e quatro anciãos do Apocalipse.*

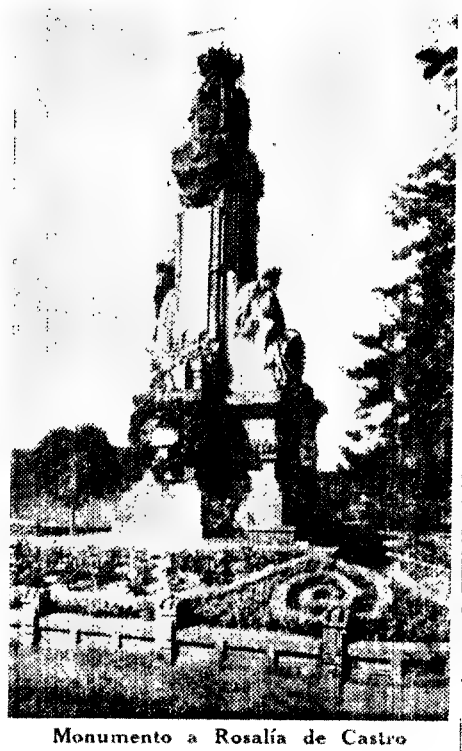
Uns, tangendo lira; outros o alaúde e citara. E' como se as notas da «Paixão», de Bach, aflorassem aos nossos ouvidos. Por detrás da coluna central do Pórtico, uma figura ajoelhada: é a efigie do arquiteto Mateo. Está popularizada com o nome de *«Santo dos Croques»*, em virtude de os estudantes, no inicio do ano escolar, encherem a testa e os bastas caracois do «Santo» com turras, a fim de «adquirirem memória e talento»!

Pela nave do templo uma imensidade de confessionários asseguram aos peregrinos a absolvição no seu idioma próprio. Descem das abóbadas muitos lampadários e, pendente da nave do Cruzeiro, o célebre «Botafumeiro». Em dias de grande festa todo ele se abraza em linguas de fogo e nuvens de incenso e, num vai-vem arrojado, quase toca as abóbadas mais cimeiras.

Como é hora da missa, no altar-mor meninos do coro, de batinas vermelhas e sobrepelizes brancas, salmodeiam com sacerdotes em cujo peitoral se recorta a Cruz de Santiago. Multidões de velas e lustres lançam reflexos sobre a talha doirada e as riquezas do altar. Encostados aos balaustres, filhos de camponeses ou dos mais altos senhores da terra rezam lado a lado. Descemos á *Cripta do Santo.*

Sabe-se lá quantos pedidos lá ficaram, quantas esperanças!

Dando volta pelas capelas da ábside, lembramos os sacrificios, a devoção que é necessária ao artista para fazer telas tão maravilhosas. Mudos, deixamos a Casa de Deus, onde todos que entram se calam. A tarde melhorou e os batentes das janelas, conforme o uso da terra, estão abertos para fora.



Monumento a Rosalía de Castro

Dobramos um cunhal onde de dia e de noite arde, num nicho, pequenina chama de lamparina de azeite. Ao cimo da pequena ladeira temos o que procuramos: *O Convento de S. Domingos!* Todos querem ver a engenhosa «escada triplice» em forma de caracol. Foi a forma de fazer, em reduzido espaço, com que três hierarquias de religiosos chegassem aos seus dormitórios sem contacto. A bondosa irmã vicentina Sotor Augusta quis ter a gentileza de nos levar a outras dependências. Na parede de um dos seus espaçosos corredores lê esta magnifica frase de S. Vicente de Paulo —*«Qualquiera que hubiera amado en vida a los pobres, al fin de sus dias no tendrá miedo a la Muerte»!* A igreja anexa ao convento é considerada um dos melhores monumentos de Compostela e é dentro das suas frias e austeras paredes que repousa Rosalia de Castro.

Um vislumbre de Céu azul dá-nos ensejo de uma ida ao «Parque da Herradura», réplica vegetal a tudo que vimos até agora. As naves são formadas por loureiros da Asia, castanheiros bravos deixando cair, dos ouriços abertos, frutos cor de mogno queimado.

Pequeno descanso num fosco banco de madeira restitui-nos, emoldurado por fortes braços revestidos de folhas e cheirosas flores de magnólia, o melhor postal da Catedral. Caminhando por outra ala, avistamos lá em baixo, ao fundo, as instalações da nova universidade e uma praça em detalhe. A meio do escadorio que sobe até ao ponto onde nos encontramos, sobre um soco ergue-se a estátua de D. Manuel Ventura Figueroa, filho de um modesto funcionário do hospital que chegou por seu talento e virtudes a altas dignidades eclesiásticas. Não se esquecendo das dificuldades com que lizera os estudos, legou, por sua morte, toda a sua fortuna para a fundação de uma escola que perpetua o seu nome.

Num gigantesco eucalipto vivem, alegres e sossegadas, grandes famílias de pombos. Amigo seu colocou-lhes, pelas alturas, entre frondosas ramagens, invejaveis moradias. Talvez o mesmo amigo das aves ergueu um aviário grandioso, de muitos metros de comprimento, largura e altura, para nos mostrar que a fraternidade existe, pelo menos ali entre canarios, pintassilgos, bicos de lacre, rolas, perdizes, periquitos...

Na calma deste jardim, em meio de um canteiro de festões muito frescos e um fundo de pastoral, sobressai um vulto de mulher, sentada, descansando a cabeça na palma da mão enquanto o cotovelo se encosta ao braço da cadeira.

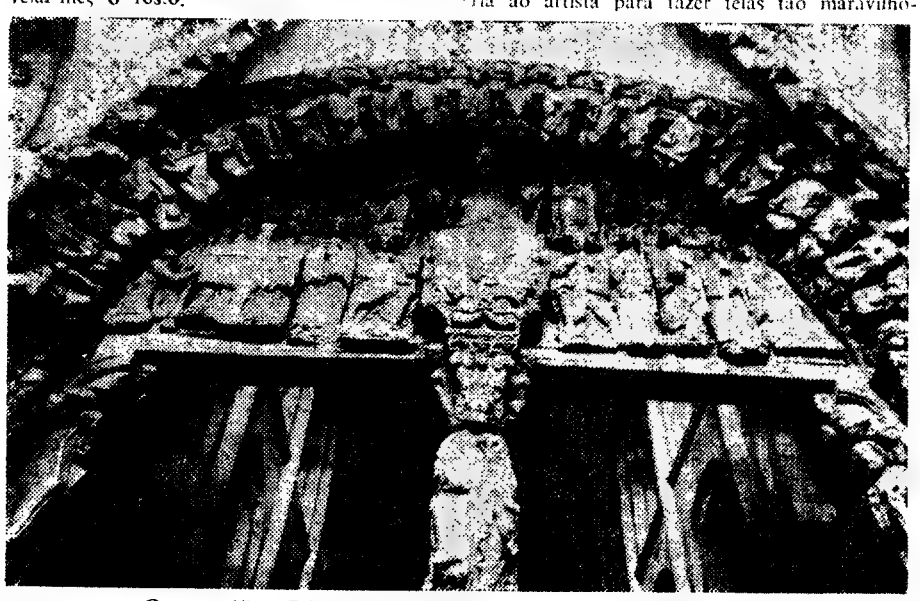
E' *Rovália de Castro*, a genial poetisa galega que tão bem cantou em estrofes simples e carinhosas a vida dos seus irmãos que, mesmo quando incultos, sabem sentir e propagar o amor do próximo. No lado oposto da estátua encontra-se o maravilhoso grupo alegórico chamado «A Despedida do Emigrante», um casal cingido num abraço molhado de amargas lágrimas.

E baixo, gravadas na pedra eterna, as palavras que a grande poetisa pôs nos lábios do aldeão:

«Adiós gloria! Adiós contento!
Deixo a aldea que conoço
«Adiós, adiós que me vou
Donde meu pay s'enterrou.
Terriña que nos criou».
«Adiós tamem, queridiña,
Digoch'este adiós chorando
«Non m'olvides queridiña,
tantas legoas mar adentro»

Deixo a casa onde nacín,
Por un mundo que non vin'»
Herbiñas do Camposanto
Herbiñas que biquey tanto,

Adiós por siempre quizais!
Devd'á veiriña do mar»,
si morro de soidás...
Miña cestiña, meu lar!»



O magnifico Pórtico da Glória na catedral de Compostela

ADRIANA DE VECCHI

O Natal
na caminhada constante da vida
por Graciette Branco

Ergo os olhos para o calendário: Dia vinte e cinco de Dezembro!...

—Parece que foi ontem o último Natal e até o penultimo, tão rápida é a caminhada da Vida!

O mesmo doce e maravilhoso eflúvio solta-se já a palpitar nas almas, a mesma paz benéfica, a mesma suavidade, o silencioso êxtase, que projecta na Terra o Milagre do Céu! Numa evocação terna e comovida, vejo o desfile de tantos Natais, a repetição duma Beleza sempre nova, renovada e mantida por uma Fé sempre viva! Presépios de luzes pequeninas, a face côr de rosa do Menino no humilde palheiro, musgos e urzes, rosmaninhos e incensos, pinheiros verdes, engalanados de bolas de oiro, e fios de prata, numa profusão de luzes e de côres, que bem se compreende ser uma Festa do Céu!

Na longa estrada da Vida, por vezes fatigante, sulcada de pedras e de silvas agressivas, que rasgam os corpos até ao amago, a Festa de Natal é uma benção de Deus, o esteio da Fé, a purificação das consciências e das almas! —Ela nos desperta do monótono marasmo, nos reconforta de sofrimentos desesperos, nos vem recordar que somos todos irmãos, filhos do mesmo Deus formando todos uma só Familia — a grande Familia da Humanidade!

Nesta tranquila tarde de Dezembro em que uma chuva fresquinha se desprende de brumosas nuvens cinzentas, neste êxtase que se presente em todos os aspectos da Natureza nas árvores, nas aves e, sobretudo, na imaginação ardente de quem sonha—vejo passar, em imagens retrospectivas, os sucessivos Natais da minha vida.

Onde estão as loiras bonecas de grandes olhos azuis?! Onde estão os brinquedos, os guloseimas, a fascinante luz do meu Presépio?!

E aquele papel de seda azul claro, com que eu forrava a chaminé, ao enternecido cuidado de que os divinos pézinhos do Menino Jesus não arrefecessem no mármore?!... Onde estão os pinheiros verdes, tão enfeitados e tafues, em redor dos quais eu batia as palmas e cantava e ria como uma alvorada de Maio?!... Onde estão os sonhos as ilusões, as impaciências? E aquela festa dos olhos E aquela ternura de coração?!...

Uns após outros, os Natais foram passando. A alegria frenética dos primeiros tempos, sucedeu a suave adoração, a compreensão perfeita do seu alto significado, o respeito profundo, o enlêvo, o êxtase—nimbados, sempre, por aquele reflexo da Infancia, que vemos palpitar em toda a Árvore de Natal — mas, agora, duma alegria suavemente triste e divinamente bela, com vago sabor de lágrimas...

Hoje, em frente do Presépio, enterneço-me e medito na grande lição de humildade que o Rei dos Reis deu ao Mundo, escolhendo, para Seu berço as pobres palhas dum estábulo! Perante a Árvore de Natal, as minhas mãos não batem palmas vibrantes, mas erguem-se, numa oração, de comovida ternura!

O Natal que, antigamente, apenas representava para mim um motivo de festa e alegria, hoje — (tem que as bonecas dormem no fundo das suas velhas caixas e em que as guloseimas não despertam o apetite) —serve-me de longa meditação, por vezes bem dolorosa e pungente!

Ele me vem recordar o quanto sofreu, no Mundo, esse Homem maravilhoso que era o Filho de Deus, as injustiças de que foi alvo, as traições, as perfidias, as humilhações e dores!

Pelo Bem da Humanidade rasgaram-se os Seus pobres membros, o seu divino Sangue correu!

No Seu rosto doloroso havia, no entanto, a madrugada resplandecente dum sorriso e, nos Seus lábios descorados, uma palavra de perdão!

Pesa-me — ó suave Jesus! - fazer parte desta Humanidade esquecida e indiferente, que, por vezes, tão mal sabe compreender o profunda lição do Teu exemplo, a Tua maravilhosa Vida de Fé, humildade, abnegação e Amor!

Não hesite! Peça sempre o delicioso

A' venda em todos os estabelecimentos

Um expressivo louvor

a três comerciantes cabo-verdianos

O governador cessante da Guiné, eng. Raimundo Serrão, mandou publicar no Boletim Oficial da província um expressivo louvor a três cabo-verdianos que exercem a sua actividade em Dakar e que têm prestado serviços apreciáveis não só ao nosso País como a Portugueses, que a eles têm recorrido na sua passagem por aquela cidade da África Ocidental Francesa. Trata-se do sr. António Alcantara e de seus filhos, srs. Rito Alcantara e António Alcantara Junior, há muitos anos residentes em Dakar, onde gozam de merecido prestígio, «porque, segundo reza o louvor publicado, têm prestado ao Governo da Guiné notáveis serviços todas as vezes que é solicitada a sua intervenção em assunto que interesse á Província, nomeadamente quando há urgência de obter qualquer medicamento ou outros artigos que não existam localmente e ainda pela maneira cavalheiresca como atendem os Portugueses da Guiné que passam por aquela cidade».

O GRANDE «RÉVEILLON»

do Avenida Palace

A noite de S. Silvestre vai ficar memorável, através do «Reveillon» do Avenida Palace, que uma comissão de senhoras da nossa primeira sociedade organiza a favor dos pobres do Governo Civil de Lisboa

A iniciativa conquistou o interesse do publico e cada dia que passa mais numerosas se tornam as combinações entre as mais distintas familias da nossa sociedade elegante, para um «rendez-vous», que se adivinha excepcionalmente animado e concorrido.

A circunstancia de restarem já bem poucos bilhetes para esta encantadora festa de beneficência é o maior testemunho do acolhimento que lhe foi dispensado. A colaboração da Orquestra Copacabana e a de muitos dos nossos mais consagrados artistas do teatro, justificam, amplamente, esse acolhimento.

E, como ultima referência para esta festa, voltamos a lembrar que se encontram quase esgotados os bilhetes para admissão nesta festa, correndo risco de a ela não poderem assistir os que não se apressarem a fazer os pedidos pelo telefone 49525.

Achados arqueológicos

nos arrabaldes de Evora

EVORA, 22—Nos arredores desta cidade, as ultimas chuvas puseram a descoberto muitos objectos antigos da Era do Bronze, entre os quais um machado com dois anéis e a respectiva abertura para encabamento, dois outros de caracteristicas mais simples e de reduzido tamanho, além de várias flechas, facas de sílex e fragmentos de louça da mesma epoca.

Adquiridos pelo arqueólogo eborense, sr. Manuel da Silva Claro, os achados vão dar entrada no Museu Etnológico de Belém.

Os serviços dos C. T. T.

em Vila Pouca de Aguiar

Em 15 de Julho ultimo, publicámos uma correspondência de Vila Pouca de Aguiar, em que se solicitava a reinstalação dos serviços dos C. T. T. em prédio condigno, visto que o actual não oferece as devidas condições. Informa-nos aquela Administração que está a considerar o assunto e que, de facto, pretende solucioná-lo de acordo com os interesses publicos.

«DIÁRIO DE LISBOA»

A Junta de Provincia da Estremadura, que há pouco celebrou as bodas de prata do Dispensário Policlinico Central, endereçou-nos os seus agradecimentos a propósito do noticiário que publicámos, por ocasião dessas celebrações. Registamos, reconhecidamente.

Os resultados da missão do prof. Henrique de Barros ao Brasil

«O Jornal», orgão dos «Diários Associados» no Rio de Janeiro, publicou há dias o seguinte comentário ás actividades do nosso distinto colaborador e amigo prof. Henrique de Barros, no Brasil:

«Os resultados da missão, que há dois anos cumpriu entre nós o professor Henrique de Barros, acabam de ser agora divulgados pela Organização das Nações Unidas para a Alimentação e Agricultura (F. A. O.), através de uma ampla e bem documentada exposição encaminhada á consideração do Governo brasileiro sob a designação específica de «Relatório ao Governo do Brasil sobre a Economia da Produção de Trigo no Rio Grande do Sul».

Trata-se de um documento da maior importancia que pela seriedade com que foi concebido pela objectividade e segurança de suas informações e sugestões oferece ás autoridades brasileiras subsídio valioso para que, doravante a questão triticola no Brasil, ao contrário do que até aqui tem acontecido, seja firmemente orientada dentro de preceitos económicos no sentido de tornar mais vantajosa a produção do «cereal-rei» em nosso país.

E' um trabalho enfim, que nos permite conhecer a profundidade do pensamento de seu autor, em assunto que lhe é, de resto, familiar, pois a ele se vem dedicando de há muito em Portugal constituindo mesmo objecto absorvente de seus estudos e meditações.

Portanto era natural que ao se cogitar de emprêsa semelhante no Brasil, com o intuito por todos os títulos louvável de saber da maior ou menor viabilidade que poderia ter a expansão e a intensificação da cultura triticola entre nós fosse ouvida a sua palavra autorizada.

E, que andaram bem as nossas autoridades, vemos agora o resultado, no minucioso relatório em que o professor Henrique de Barros examina desapaixonadamente as possibilidades económicas da cultura do trigo no Rio Grande do Sul. Estado onde a mesma assume grande importancia (absoluta e relativa) e onde «é apreciável a diversidade de condições sob as quais se faz a exploração triticola».

Apresenta, ainda, a título de primeira aproximação, o resultado de algumas pesquisas que procedeu em vários municípios gauchos acerca do custo de produção do trigo e finalmente estabelece as bases para que tais pesquisas abranjam as demais zonas produtoras do Estado, visando especialmente a determinação rigorosa dos custos de produção para toda a colheita estadual, encarecendo ademais, a necessidade de «ficarem asseguradas possibilidades de continuação para este trabalho» sem o que, dificilmente conseguir-se-á racionalizar tal actividade.

Infelizmente, o conhecimento de toda a excelente matéria exposta pelo professor Barros em seu relatório, está ainda restrito a um pequeno numero de técnicos, entre os quais nos encontramos.

Mas, necessário se torna que tal conhecimento se estenda a todos os interessados na triticultura nacional. Para tanto lançamos daqui o nosso apelo ao Serviço de Informação Agrícola do Ministério da Agricultura no sentido de incluir entre as suas futuras publicações o relatório do professor Henrique de Barros na certeza de que, assim procedendo, estara contribuindo para que a «batalha do trigo» passe a travar-se entre nós não apenas sob o imperativo de factos sentimentais e políticos, mas também de acordo com uma estratégia solidamente fundamentada na Economia».

VIDA MUSICAL

Círculo de Cultura Musical e etc.

Entre Sociedade de Concertos de Lisboa e Círculo de Cultura Musical, a Orquestra Sinfónica Nacional terá ficado açambarcada durante mais de um mês Depois, começará a trabalhar para preparar a sua colaboração á temporada de opera—e entretanto o grande publico, aquele que não se pode comprometer a quotas de uma série de oito concertos de muito desigual calendário, além de que o seu forte pode ser a musica sinfónica e não os programas de solistas que irão seguir-se, aguarda... Presume-se que aguarda de facto o aparecimento da falada e prometida Orquestra da Camara Municipal, por exemplo.

Pois a «Sinfonica», desta feita, em vez do seu habitual concerto das quartas-feiras e da colaboração de grande parte dos seus elementos ao Serão para Trabalhadores (de que não temos de ocupar-nos, mas nos fazem assim mesmo bastante confusão), bateu-se numa semana com dois programas de responsabilidade, sob direcções forçosamente muito diferentes—os dezasseis anos radiosos de Roberto Benzi, e a experiência musical multiforme de Carlo Zecchi.

Tivemos muita pena de ter perdido o 2.º concerto de Roberto Benzi para a Sociedade de Concertos; várias informações foram unanimes em considerá-lo muito mais feliz do que o primeiro.

Carlo Zecchi já tinha dirigido há duas semanas, para a estreia da nova temporada do C. C. M. A. sua segunda actuação não incluia musica contemporanea, mas não repisou assuntos demasiadamente explorados, pelo contrário—escolheu, sobriamente, a Sinfonia em ré de Cherubini, a unica que o autor escreveu (e constituiu uma 1.ª audição em Portugal), a 4.ª Sinfonia de Beethoven, rematando com a nota vibrante do Oberon, abertura, de Weber. Em extra, deu-nos a abertura da ópera «As Vésperas Sicilianas», de bons contrastes dramáticos bem próprios de Verdi, mas de estilo muito contemporizador.

Não ha que medir ou que comparar a Sinfonia de Cherubini com qualquer das Sinfonias de Beethoven, mas é graciosa, de muito boa escrita e clara orquestração os seus quatro andamentos, valorizada com modulações sábias o 2.c: e tem ca acter próprio, o que faz o melhor do seu interesse

Na «Quarta» de Beethoven, que estimamos imenso ouvir, como em Cherubini, Carlo Zecchi revelou-se-nos muito cuidadoso no pormenorização, muito sensível. Conduz os tempos vivos com bom ritmo, resulta um pouco invertebrado por momentos nos tempos lentos. A Orquestra correspondeu no geral muito satisfatóriamente, mais constante a afinação dos apoios em Beethoven do que em Querubini, uns leves desencontros, que a escrita dêste autor tornou mais evidentes, no Final da Sinfonia de Querubini, as «madeiras» com equilibrio notável, desenhando admiravelmente o 1.º clarinete no Adágio da Sinfonia de Beethoven, no geral bem levados os dois ultimos andamentos.

Instituto Britanico em Lisboa

O Quinteto Nacional de Sopro, composto dos distintos membros solistas da Orquestra Sinfónica Nacional—Luís Boulton, flauta; Santos Pinto, oboé; Carlos Saraiva, clarinete; Adácio Pestana, trompa; e Angelo Pestana, fagote—deu há pouco mais uma prova do seu consciencioso espírito de trabalho e do critério que orienta a sua actividade. A contribuição que deram ao concerto do Instituto Britanico foi séria e cuidada; qualquer dos membros do Quinteto é de facto um solista pelo esmero da execução individual, nuançada e expressiva, e não é menor o gosto que colhemos da coesão de ritmo e do equilibrio de volume obtidos graças ao trabalho e ao critério de que já falámos.

As peças é que são de nivel desigual. O Quinteto para sopro de Johan Sobeck é um pouco envelhecido, pouco inventivo; muito mais desembaraçado de escrita e brilhante o mais moderno Quinteto de E. Moritz, sem ser uma obra de toda unidade; é pena a maior falta de bom gosto que se manifesta num descabido orientalismo do Final. O Scherzo de Ch. Stainer resulta numa prova perfeita dos executantes.

Luís Boulton e Beatriz Soares, ao piano, tocaram uma das Sonatas de Haendel originais para flauta e tecla—execução talvez demasiadamente apagada—e uma Sonata do compositor inglês contemporaneo S. Bate, intelectualizante, um bocado arrevesada de escrita, mas de interesse suficiente para justificar a escolha, e foi defendida com honestidade.

A obra mais marcante do programa foi a pecinha para flauta solo «Syrinx», de Debussy, em que a interpretação de Luís Boulton esteve á altura da delicadissima obra-prima.—FRANCINE BENOIT.

A J. M. P. vai participar no Congresso de Hannover

Durante as férias da Páscoa, a «Fédération Internationale des Jeunesses Musicales» realiza em Hannover o seu 9.º Congresso, em que participarão 17 países, com o objectivo de serem debatidas todas as questões relacionadas com as directrizes que devem continuar a nortear todas as organizações filiadas no grande movimento «J. M.», para um maior e mais eficiente desenvolvimento da cultura artistica e, consequentemente, do gosto pela boa musica.

A Juventude Musical Portuguesa, que estará representada por alguns dos seus directores, a exemplo do que fez quando dos congressos em Genebra e no Luxemburgo, vai organizar, por preços reduzidos, uma excursão a Hannover, a fim de proporcionar aos seus associados a possibilidade de assistir ás manifestações artisticas dessa reunião internacional e, bem assim visitar os centros de maior interesse no campo da cultura. Será, pois, organizada uma viagem através da Espanha, França, Bélgica, Holanda, Alemanha, Suiça e Itália, em que poderão participar todos os sócios da J. M. P., de idade não superior a 35 anos.

Todas as informações serão dadas na secretaria da J. M. P., Rua Garrett, 80, 2.º, telefone 29634, em todos os dias, uteis, das 21 e 30 ás 24 horas.

Concerto Maria Antónia Fonseca

Na sala de concertos do Conservatório Nacional, a jovem pianista Maria Antónia Fonseca faz, no dia 28, ás 21 e 45, um recital de piano interpretando o Concerto em Ré Maior, de Haydn, e o 1.º Concerto op. 15 de Beethoven, sendo acompanhada ao 2.º piano por Maria Luísa Metello.

A marcação de lugares faz-se todos os dias uteis, das 9 ás 12 e das 14 ás 17 horas, na secretaria do Conservatório Nacional.

ÀS PORTAS DO MUNDO..

Quatro imagens de inocência

por MARQUES GASTÃO

Não sei se o leitor gosta de crianças. Eu gosto delas, da sua inocência, da sua frescura, das suas perguntas deliciosas, que por vezes nos confundem. E porque penso na verdade profunda das palavras que um dia George Duhamell me disse sobre a inocência das crianças, sinto que, em cada dia que passa, o que falta ao Mundo é a inocência, a influência da inocência no coração dos homens. A vida está crivada de subtilezas e deformações; ha tanta maldade nos nossos corações e nas nossas cabeças que contar uma história de crianças é como que um conforto—pelo contraste. Embora os maus pensamentos nos crivem o cérebro e manchem o coração, sentimos que a ternura e a inocência das crianças são fortemente dominantes, apesar de, por vezes, nos afastarmos delas.

Há péssimismo nisto? Talvez! Mas, ao mesmo tempo, uma grande confiança no poder da inocência das crianças. Perdemo-nos, no dia-a-dia, no emaranhado de invejas, de subtis intrigas, de misérias morais, de deformações, de gritos, de alçapões, numa espécie de «salve-se quem puder». O homem caminha para o seu exterminio se não puser os olhos no Alto; as sociedades dissolvem-se, lentamente, na rebusca de conceitos violentos e as doutrinas de falsos profetas aparecem por toda a parte; os gordos e anafados oportunistas, hábeis e calculados, estendem-se como enguias no lodo de principios que amarfanham para se «servirem»; os contrastes apavorantes do valimento de uns quantos sem valor assustam-nos; a escolha entre o ladrão e o homem honesto chega, paradoxalmente, a favorecer o primeiro em beneficio não sabemos de que principios; sobem-se infindáveis degraus com uma rapidez assustadora e os méritos da subida, graças a processos obscuros, não o sabemos nós explicar... O que interessa é subir, seja por que processo for... O trabalho honrado perdeu o seu valimento; diluiu-se o principio de que a moral é que conta e ajoelha-se diante de Cristo crucificado, com o coração impuro e sem desejos de purificação... O snobismo é mais forte do que a verdade e o sentimento.. E é aqui que buscamos o conforto e a doçura da inocência das crianças, para salvaguarda da nossa caminhada. A verdade é a dos Evangelhos, das palavras santas do Sermão da Montanha. Os homens esqueceram os Evangelhos e enfarruscaram a palavra de Jesus. Só as crianças sentem e exprimem essa Verdade e é essa Verdade e só essa que deveremos buscar, nos contrastes, nas luminosidades das perguntas que as crianças nos fazem e tantas vezes ficam sem resposta—porque os nossos corações perderam a bondade e a serenidade capazes de as compreender. A duvida, a suspeita, o ciume, a maldade, a ambição, a luxuria, nada disto pertence ao reino da inocência, porque nos pertence a nós, adultos, que não nos poupamos nem as poupamos...

Talvez, por tudo isto, quisemos arquivar alguns ligeiros episódios de crianças que conhecemos no Aeroporto de Lisboa. Talvez um traço ligeiro de um sorriso; talvez a recordação de uma vozita doce e clara; talvez um gesto ou uma palavra de criança desconhecida.. sim, talvez, todas essas crianças que temos conhecido, como homem e como jornalista, possam ajudar-nos a caminhar, mais resignadamente neste mundo de intrigas, de vis processos, de invejas e de traições, filhas de emulação irrevelada...

* * *

Chamava-se Margareth. Era uma franzina criança dos seus sete anitos, Loira e muito branca, o rosto rosado como o dessas bonecas que nossas filhas desejam. Os olhitos, azuis, muito vivos, riam por dentro o riso da alegria sem mácula, a reflectir a alegria de alma. No corpito magro, um vestidinho cor-de-rosa, com laçarotes e nos pésinhos uns sapatos de verniz e uns peugos brancos. Irrequieta. Mal desceu do avião da Panair, deu uma corrida na plataforma sob o sorriso dos outros passageiros. A garotita havia sido o seu encantamento a bordo. As asas queriam voar. Fomos ao seu encontro. Margareth embarcara em Paris, onde chegara, dias antes, vinda da Polónia com uma enfermeira. Ia para a Argentina. Lembrámo-nos de outra pequena, Leonora, triste, a alma doente, massacrada pelas recordações da guerra, mas aquela vivacidade, aquela alegria de Margareth contagiou-nos. Seguimo-la. Vimo-la percorrer todas as salas do aeroporto, como alvéloa no campo livre, sorrindo para toda a gente; estendendo a mãosita a outras crianças; pronunciando curtas palavras, cujo significado não entendemos e fomos depois encontrá-la no restaurante, sentada, a tomar um copo de leite, entre um grupo de passageiros, sob a vigilancia da enfermeira que a acompanhava. Soubemos depois alguns elementos da história de Margareth. Orfã. Ia para a Argentina ou Chile, onde familia rica a acolhia. A sua inocência não dava conta do drama, da tragédia dos pais, vitimas da guerra; a inocência de Margareth não podia odiar os homens que lhe roubaram um lar e a familia e estendia as mãositas confiantes a toda a gente; abria os lábios e sorria, feliz e contente; pulava e corria, indefesa, ignorante do seu destino em terra estranha .. e nós ficamos a pensar nos crimes dos homens, causadores destas tragédias e a pedir a Deus perdão para todos os que ainda se não arrependeram...

* * *

Chamam-se Charlotte Mary e Francis Hughes. Ela, de 7 anos; ele, de 3. Nasceram em Birmigham, na Inglaterra. Charlotte, loira, de olhos verdes, a cabeleira lisa e em desalinho; Francis, ruivo, rosto sardento, olhos castanhos, de luvas vermelhas nas mãos pequenas. Chegaram ao aeroporto, a caminho de Accra, onde se encontravam os pais. Uma viagem de 5.664 quilómetros de Londres á Costa do Ouro, a chamado dos pais. Sózinhas, entregues aos cuidados da hospedeira da Pan American. Tímidas crianças! Aguardaram, quietinhas, a chegada do «Clipper», embora as cabecitas pudessem pensar e os corações ansiar a hora de voar, de novo, agora para mais longe. Uma aventura de duas crianças britanicas. A aventura da inocência que nada teme e sorri, sorri sempre, as mãos estendidas para o futuro... o futuro que os homens estragam com os seus opróbrios...

Houve quem lhes oferecesse chocolates; uma senhora portuguesa abeirou-se de Charlotte e de Francis e trocaram-se algumas palavras. As duas crianças, sorridentes e confiantes, responderam, nas suas vozitas agradáveis e disseram para onde iam... confessando que gostavam de voar e estavam ansiosas por voltar ao avião... E lá foram para Accra, vencendo as lonjuras apenas com os sorrisos da sua doce inexperiência e a ternura de corações que desconhecem o mal.

* * *

Esta é uma história de criança portuguesa: Gertrudes da Soledade Martins Simões, de 4 anos, nascida na Fuzeta, ali no Algarve, sempre bonito, mas nem sempre próspero. Uma curiosa criança, de olhos castanhos, rosto moreno, vozita clara, que ouvimos a pedir uma boneca á pobre mãe viuva de um pescador que o mar arrebatou ao lar. Uma boneca que ficou por dar e deixou de ser embalada pelos braços inocentes de Gertrudes da Soledade, que vai para dois anos embarcou, ali na Porteia, rumo a Gloucester, onde um tio a acolheu. A criança não chorou; Gertrudes da Soledade sorria e ria, estendia as mãositas magras para toda a gente. A seu lado, a mãe, toda de negro, olhos pisados e vermelhos de chorar, viuva de homem do mar, sofria de cortar o coração. Dominava-se. O seu coração, magoado pela perda do marido, redobrava de dor pela separação da filha, mas na sua casa havia mais dois pequenos orfãos para sustentar e, no fundo do seu coração agradecido, sentia que devia estar grata ao pescador Joaquim Santana Simões, seu cunhado, que lhe escrevera a sugerir que lhe mandasse a sobrinha, que cuidaria dela, lhe prepararia o futuro...

Sim, Georges Duhamell tinha razão: «A salvação do Mundo está na inocência», porque ela nos torna melhores...

* * *

Um avião desceu numa das pistas iluminadas do aeroporto. Eram 10 horas da noite. Um avião fretado, trazendo a bordo um numeroso grupo de emigrantes: russos brancos, checos, jugoslavos, polacos, romenos, lituanos, estonianos, todos a caminho dos Estados Unidos da América e da Venezuela, repatriados pela Organização Internacional de Refugiados. Entre eles, numerosas crianças, de colo, algumas delas, magritas, descoradas, rostos angustiados; bocas que pediam pão... diante do amargor dos pais que iam refazer a vida em terras distantes da pátria... Doces crianças? Inocentes? Sim, mas marcadas pelas ansiedades dos pais e, apesar disso, confiantes, rindo como as outras crianças, brincando como as outras crianças, mas fugindo ao primeiro contacto, ao primeiro encontro com estranhos, falando só depois de olharem os pais... Uma forma nova de inocência, vinda do outro lado da Europa desmantelada e sem luzeiros do futuro e, por isso mesmo, ia para outras terras buscar a confiança perdida... De nomes estranhos e estranhas feições, todas essas crianças tinham, porém, nos olhos a luz da inocência que clama reparação, que pede o seu lugar no Mundo... sim, havia nesses olhitos azuis ou castanhos ou negros, mas todos cheios de luz, reflexos de sonho maior, do sonho de outra vida melhor, com menos ódios, menos medo, menos perseguição, menos miséria e mais direito ao «direito de viver»...

* * *

A evocação chegou ao fim e é apenas uma pequena parte das recordações de um jornalista que também é pai. Encheu-se-nos o coração de mais ternura e a cabeça de mais sonho.

Que os homens maus dos desenhos de Walt Disney recuperem o seu lugar no Mundo do «direito de viver» de todas as crianças ou tenham o seu castigo como o merecem.

Externato Luís de Camões
(Antiga Escola Luís de Camões)
(Fundada em 1921)
CURSO COMPLETO DO LICEU EM AULAS DIURNAS E NOCTURNAS — TRABALHOS PRÁTICOS
Avenida Almirante Reis, 27 Telefone 4 7803

Os Estados Unidos *julgados* por um romancista

Joaquim Paço d'Arcos fala do seu novo livro

Joaquim Paço d'Arcos

Raros romancistas portugueses se terão consagrado a outros amores literários, além do «amor do romance», tanto como Joaquim Paço d'Arcos. Plenamente consagrado nesse género maior da Literatura, afirmou-se também novelista ou contista consumado, dramaturgo, poeta, ensaista. Deste ultimo género, misto de crónica, misto de ensaio, é o seu ultimo livro, agora mesmo atirado, como brinde de Natal, para os escaparates dos livreiros.

Antes que a crítica se pronuncie, pedimos ao autor de obra de tão grande vulto—a começar pelo título: «A Floresta de Cimento—Claridade e sombras dos Estados Unidos»—algumas impressões que nortêm o publico nos caminhos da sua nova Floresta:

—E' um livro de louvor ou, ao contrário, um livro de crítica aos Estados Unidos?

—Nem uma coisa nem outra. Procurei escrever um livro de impressões, e como tal ameno e, simultaneamente, um livro de estudo da vida americana e, como tal, um livro sério. Fiz, no ano passado, longa viagem pelos Estados Unidos, em cerca de quatro meses dei a volta completa ao país que pela terceira vez visitava. Procurei ver tudo que me foi possível, sem pressas, mais em profundidade do que em superfície. Escutei muitas vezes e colhi muitas impressões. Depois, num ano de trabalho, de leitura aturada e de redacção meditada, preparei este livro, que é o meu depoimento sobre essa nação prodigiosa de que fui hóspede. Há muito que admirar nos Estados Unidos e, opostamente, muita coisa que fere a nossa sensibilidade de europeus. De tudo procurei dar contas, com aquela fria imparcialidade que, ao cabo, não agrada nem a gregos nem a troianos.

—Supõe que os Norte-americanos não apreciarão o seu livro?

—Não sei. Como lhe disse, não procurei lisonjeá-los, mas também não desejei feri-los. A minha gratidão sincera pela hospitalidade e pelo agasalho não podia hipotecar a independência de um julgamento que até hoje ainda está em primeira e unica hipoteca: a da minha consciência.

—O livro é só do estudioso ou também do romancista?

—O romancista ajudou á sua feitura só no jeito de procurar torná-lo ameno. Mas ao prestar a sua colaboração jurou dizer sempre a verdade só a verdade, nada mais que a verdade.

—Quais os aspectos da vida americana que foca mais atentamente?

—Procurei focar tantos que difícil seria enumerar alguns: os educativos, os raciais, os políticos, os sociais, os literários .. Ao longo do extenso percurso fui-os abordando um a um.

—A sua impressão mais forte?

—A que procurava exprimir no título que inicialmente pensei dar ao livro: «A terra, o homem e a máquina». O drama da sobrevivência do homem no reino da máquina.

«Feliz Natal», em todas as linguas do mundo cristão. Á noite, as mesas repletas de iguarias, o calor do ambiente familiar, a alegria transbordante que, numa tradição milenária, agrega todo o Mundo. Mas a festa é das crianças, para as crianças. A alegria pertence-lhes e, mais que ninguém, elas têm direito a tal. Parte-se o bolo e as exclamações surgem em todas as linguas: «Merry Christmas», «Felices Páscoas de Navidad», Feliz Natal, «Joyeux Nöel»...

CARTA DA SUÍÇA

Os direitos da criança

GENEBRA — Em 41 Estados dos cinco continentes, o dia 5 de Outubro é celebrado com as mais diversas manifestações e em particular, com emissões radiofónicas em que se marcam os direitos reais da criança, assim como estão definidos os Direitos do Homem.

A União Internacional de Protecção á Criança, com sede em Genebra fiel ás intenções que levaram a este movimento de solidariedade humana, tomou este dia como símbolo das manifestações a realizar em todos os Estados que aderiram á ideia básica dos Direitos da Criança, conhecida também pela «Declaração de Genebra» de 1919.

Eglantyne Jebb, principal fundadora e impulsionadora deste movimento, constantemente preocupada em demolir as rivalidades e as divergências de opinião que, por vezes, se desenvolvem em prejuizo da cooperação em favor da infancia, proclama bem alto os Direitos da Criança ou, se preferem, e talvez mais justamente «os deveres dos adultos», percorrendo os países federados na organização, realizando conferências, procurando interessar os altos poderes e todos que sentem a necessidade de atingir um grande objectivo que é o de proteger a criança contra todos as vicissitudes, no dealbar da sua existência, quando maior deve ser o amparo moral e espiritual que ela merece. A consciência universal foi despertada por esta altruistica iniciativa que envolve um sem numero de problemas, muitas vezes bem difíceis de resolver, os quais, felizmente, também decididas boas vontades conseguem aplanar. A par dos auxilios privados, os governos estão no caminho de legislar a favor da criança, na realidade a guarda-avançada de toda e qualquer legislação, acompanhando o movimento que Genebra é o fulcro.

A consciência internacional foi despertada e hoje todos os regimes politicos e sistemas económicos polarizam em torno da criança as aspirações dos individuos e dos povos. Na origem deste movimento—a União Internacional de Protecção á Infancia—teve como principal objectivo influenciar a opinião publica mundial por forma a criar e manter viva em favor da criança um clima de compreensão e responsabilidade. Durante muitos anos só particulares concorriam com donativos, mas é com jubilo que se verifica o interesse crescente da obra por parte dos governos, conseguindo-se agora a intervenção das Nações Unidas, através dos seus organismos especializados e, sobretudo, pela criação imediata do Fundo Especial para a Infancia.

Todos as adesões de simpatia e solidariedade vão tomando vulto, concretizando-se os esforços em objectivos determinados e felizes.

E' esta a grande oportunidade para realizar uma das mais belas obras humanitárias de largo alcance para o futuro dos povos, cuja expressão superior se resume nesta magnifica legenda da Declaração de Genebra: a Humanidade deve dar á criança tudo que tem de melhor.—C. D.

Estes Natais de que se vai falar não são imagens fantásticas. São pedaços da vida de cada um, sem lances sensacionais, mas nem por isso menos emotivos. Quando se pensa ou fala do Natal triste de cada um, surgem os rostos das crianças pobres, as faces pálidas dos que não têm consoada. Mas, para lá dessas imagens tristes, de uma tristeza funda e milenária que o homem na sua luta também milenária não conseguiu ainda apagar do seio da vida há outras dores pungentes e esquecidas: os que não têm Natal, os que sentem a fome de um carinho e a quem a força do dever levou para longe do lar. A vida não se compadece com sortilégios de coração nem com imperativos do espírito. Vamos aqui, nesta página, singela mas vivida, evocar quatro noites de Natal, uma no mato, numa tenda de acampamento em Africa; outra no mar, sobre a ponte de um velho cruzador; outra nas trincheiras, sob o fragor da metralha; e uma outra, ainda, no banco do hospital, á beira de uma mesa de operações...

Pode não haver aqui lugar para a fantasia nem recreio literário. Mas há-o, com certeza, para a verdade emotiva.

Quatro histórias d

O Natal nas trincheiras

Um episódio evocado pelo prof. Hernani Cidade

Era uma noite sombria, enovoada e triste. A grande planície, arrancada á região dos pantanos, parecia uma agreste superfície bexigosa. Rugas formadas pela revolução da metralha tinham-lhe sulcado a face de rugas e cicatrizes confusas. Quase não havia uma árvore cumplice e só aquelas crateras, para lá da estrada, se prontificavam a acolher a sombra ousada do homem ..

O jovem alferes, depois de um jantar bem servido de guloseimas e vinhos, lá para longe da trincheira, tinha sentido, de repente, a nostalgia da gente e da terra onde nascera. Ali, a três ou quatro quilómetros, na primeira linha, estava o companheiro de armas, o amigo, alentejano como ele ..

—Quem me quer acompanhar?

Meia duzia de rapazes, soldados rasos, tristes e morenas gentes de Portugal, deram um passo em frente. Queriam todos acompanhar o seu jovem alferes Hernani Cidade.

Como iam longe, estando ao mesmo tempo tão perto, os dias despreocupados do senhor doutor, professor no liceu das margens do Liz! A guerra—a Grande Guerra!—dera com ele em líricos devaneios de rapaz solteiro. Levara-o até á França e que dolorosa angustia o assaltara, quando, depois daqueles primeiros tempos de adaptação, fez com os outros uma primeira visita ao «front». Atravessara a terra devastada, as casas estremeciam e, de arruinadas, desmoronavam-se ao silvar do vento. Ele pensara e sentira que aquilo era o fim de tudo. Fez, como os outros, disposições testamentárias . Daquele mundo de morte ninguém sabia se voltava... Mas, de repente, tinha topado, primeiro com um inglês em mangas de camisa, á porta da casa arruinada, fazendo a barba com uma arte plácida: e, mais adiante, com a musica de um gramofone que escorria brejeirices da barraca de comando de outros jovens oficiais, comendo, cantando, bebendo e jogando alegremente...

—Aqui não se dança?—perguntara, desoprimido e alegre, o moço oficial português.

—Não, porque não temos espaço—responderam-lhe os Ingleses.

Ali, não havia lugar para a morte! E o jovem alferes alentejano nunca mais pensara na morte ..

Lá ia agora, naquela noite fria do Natal de 1917, rasteando como as serpentes, através das terras bexigosas da Flandres. Lá ia seguido pela meia duzia de soldados, para a sua hora triste, longe dos pais, da família .. Viera-lhe, de repente, aquele desejo avassalador de «comunicar» com eles. Se não fosse, talvez, que rebentasse de dor...

—Ia ao encontro do tenente Cordeiro Rosado, hoje coronel, Alentejano como eu e como eu saudoso da família, dos nossos presépios, dos nossos queijos gostosos..

Assim começa hoje a sua evocação, o dr. Hernani Cidade, professor da Faculdade de Letras e um escritor lançado nos grandes trabalhos da investigação literária.

—A quadra onde nos reuníramos era o seu «gabinete» de comandante de uma companhia na 1.ª linha—paredes de grades e sacas de areia que a metralha podia atravessar de um lado ao outro. Um catre, uma mesa, quatro ou cinco bancos toscos, tudo feito pelos soldados com a arte que Deus lhes dera, mais ou menos improvisadamente. O tenente Cordeiro Rosado não me esperava. E estou a ver a sua alegria emocionada, quando caímos nos braços um do outro... Um lume forte alumiava a quadra. Era a lenha, arrebanhada aqui e ali, a arder numa velha lata de petróleo, dessas que ás vezes ficavam esquecidas e ainda cheias, pelos campos da retaguarda... O lume aquecia-nos a memória. Um chá muito mau reconfortava-nos do frio. Lá fora, a metralha ia matraqueando, como se fosse a musica de rádio que hoje nos entra em casa, á hora do jantar. A nossa emoção subia, á medida que vinham sentar-se ali á mesa, os pais, os parentes, os amigos .. Tínhamos visto os mesmos presépios, assistido ás mesmas missas do galo, tínhamos entoado os mesmos canticos do Natal, comido das mesmas guloseimas, visto crescer as mesmas estrigas de trigo, talvez, quem sabe, tivéssemos admirado os mesmos rostos de mulheres. . O tenente Cordeiro Rosado era casado. Deixara a jovem esposa em vésperas de ser mãe e o destino havia de querer que fosse eu, mais tarde, a ver primeiro o seu «bébé» ..

A voz neutra, perante um facto passado a tamanha distancia, não denuncia a emoção completa. Mas, se o sr. dr. Hernani Cidade quisesse ser franco, sem desdouro para os seus galões de então, talvez pudesse dizer que estavam humidos os olhos destes dois Alentejanos ..

—Assim, pois, fizemos a nossa «meia noites de Natal, naquele abrigo enfumarado, falando de coisas amigas e longinquas, vendo á espreita os ratos que no silêncio e no escuro da noite costumavam passear-nos o rosto, sentindo á distancia o cheiro que chegava das cozinhas, escutando ao lado a voz do telefonista, ouvindo, enfim, ali perto da cabeça, os tremendos gritos da batalha. Os altos comandos tinham decidido que não houvesse tréguas. Era preciso contrariar o sentimento, numa hora que tanto falava ao coração dos soldados. Era preciso manter o espírito bélico dos cambatentes, evitar efusões afectivas, abrindo fogo contra as trincheiras inimigas. Não quero que saiba o que isto nos custou, e o que foi, no dia de Ano Novo, a «resposta» dos Alemães!

—E assim passou o seu primeiro Natal na trincheira..

—O primeiro e o ultimo! Eu chegara a França em Março. Em Dezembro passava esse Natal tão doloroso e cheio de saudades. Era noite alta e ainda nos sentíamos presos ao sortilégio das nossas evocações. Depois, parti com os meus rapazes, arriscando todos a vida por uma causa fortuita do meu sentimento. Confesso que, hoje, sinto graves remorsos pelo meu impulso, em que inglòriamente jogava a vida alheia . Mais tarde, fui feito prisioneiro. Pode calcular o que seria o Natal de tantos dos nossos compatriotas nos campos de prisioneiros, passando todos os infortunios. Houve-os que lá perderam 18 quilos. Passavam fome e não faltavam oficiais da «segunda série» que se lançavam a algum resto de comida ou até aos detritos da cozinha, para enganar a fome . No campo de concentração onde estive, porém, fazia-se vida intelectual intensa, isto é, havia conferências, musica . E só não fizemos teatro, eu e o general Malheiros, porque a guerra acabou antes de concluirmos os nossos ensaios e os cursos que ministrávamos aos chamados «tarimbeiros», a quem desejávamos dar um diploma que os libertasse, na pátria, de certos complexos. . Quando chegou o Natal de 1918, já a guerra tinha acabado. Passei-o na Holanda—e que belas recordações de lá trouxemos! Eramos novos, tínhamos ganhado a guerra, compreende? E, de um momento para o outro, os farrapos dos nossos andrajos e as solas das nossas botas, presas com arames e cordéis, tinham sido substituídos, por obra e graça desse infeliz António Bandeira, então nosso ministro na Haia e cuja memória todos os desse Dezembro de 1919 ficaram a evocar para sempre gratamente .

E, a sorrir, o prof. dr. Hernani Cidade termina a sua evocação:

Mas isso, claro, da nossa «vitória» na Holanda, seria outra história para relembrar. E essa, francamente, já não teria nada com o Natal, que me pediu para evocar...

O Natal sem Natal no mato

O comandante Moura Brás evoca o cenário dramático do interior de Africa

—Não se pode fantasiar, quando se fala de África... E se alguém tiver, ali, o intuito de viver uma aventura, precisará de a procurar, sobretudo, se for noite de Natal...

Foi assim, com esta sinceridade, que o sr. comandante Moura Brás, uma vida votada aos estudos no Ultramar, começou por nos dizer que um Natal em África, nesses tempos em que andava nos duros trabalhos de levantamentos topográficos, não comportava a sedução das belas evocações.

Longe, na vida do mato vida terrivel, de luta, três ou quatro brancos, seguidos de meia centena de negros, lá iam isolados do Mundo, medindo a terra, inventariando-a, criando a linha severa das fronteiras. Gente que tinha apenas por horizonte o afã de fazer bem e depressa, vivia na ansiedade infernal, entre o calor e o mato que tapa a vista do ceu e a imagem de Deus. A terra quente desmoraliza os nervos e come-lhes, como a ferrugem, a flor estreme da sensibilidade. Só não parecem animais, no automatismo brutal a que são reduzidos, porque os seus actos são fruto de uma inteligência. A saudade é uma fadiga como as outras penas que a terra lhes impõe.

Lá vão, aqui e ali acampando, sem noticias do Mundo nem possibilidades de dizer ao Mundo o que pensam em cada hora. Chegam. Os negros erguem-lhes as barracas, acendem-lhes as fogueiras—que as noites são ali frias e as feras rondam, quando pressentem que não respeitam a sua distancia. A's vezes mesmo assim, há o perigo da passagem de uma manada de elefantes como daquela vez em que levaram tudo á sua frente, acampamento e homens. Não é verdade que o jovem segundo-tenente Moura Brás se salvara quase por «milagre»?

Que importa, porém, esse incidente para a sua vida de homens a que o dever vai mandando caminhar para a frente, sempre para a frente?

Depois, eles são todos experimentados nos segredos das selvas africanas. Sabem que as feras carnivoras fogem do homem como de um seu inimigo—diz-nos o comandante Moura Brás, que acrescenta:

— Pergunte ao almirante Gago Coutinho se, nas suas longas penetrações no mato africano, alguma vez se encontrou com um leão num desafio de vida ou de morte... E' certo, ás vezes uma familia inteira ronda um acampamento. Mas a chama das fogueiras afugenta-a, como o simples relinchar de um cavalo... E só de muito raro em raro há noticia de que um leão tenha entrado num curral. O rei da selva, se pode, evita o homem, porque o teme. E só se atreverá a agredi-lo, se quebrou os dentes, ao tritura: os ossos dos antilopes para lhes comer o tutano—e, por isso, ficou menos apto a vencer os outros habitantes da floresta...

Assim, pois, trabalhava e vivia o sr. comandante Moura Brás nesse ano de 1914, em que souve—só vinte dias depois do facto—que havia rebentado a guerra entre os homens na Europa. Corpos que ás vezes sangravam, num «short» muito «short», chapeus de grandes abas, uma blusa de lã aberta sobre o peito e as pernas, quase sempre, feridas no capim, rasgadas pelos bicos dos espargos de má raça, que chegam a produzir infecções...

Em regra, os trabalhos geodésicos e geográficos, em que uns punhados de Portugueses andavam pela África a talhar para outros Portugueses uma pátria mais vasta, mais rica e duradoura, davam até á época das chuvas. Quando um Outubro descia sobre os cômoros das palmeiras e começava a criar o perigo das grandes chuvas isoladoras, os homens da agrimensura saíam do mato e recolhiam-se á vida, tanto quanto possivel, confortável dos centros civilizados.

O Natal ia encontrá-los, em regra, nas cidades, entre Europeus que transportam para a África as seduções da velha Europa distante.

O negro, mesmo se era católico, celebrava, á roda das cubatas, um Natal a seu modo, com batuques do culto fetichista. O branco, esse corria a celebrar entre brancos a festa da familia, que evocava entre flores, peru, musica e alegria ruidosa. O Natal era para ele, acima do seu significado tradicional, uma verdadeira evasão do mato.

Naquele ano de 1914, porém, tudo fora diferente. O comandante Moura Brás estava em Dilolo e os trabalhos haviam-se prolongado até Dezembro. Lá, em Dilo'o, dera-se o facto notável e inédito do encontro de quatro missões: a do então 2.º tenente Moura Brás, que trabalhava com a belga, e a do então comandante Gago Coutinho, que trabalhava com a inglesa. Tratava-se de fixar um ponto, comum a quatro fronteiras—a de Angola, com o Congo Belga, a do Congo Belga com a da Rodésia, e a da Rodésia ainda com Angola. E isto—que para os leigos pouco significa—representava um problema da maior importancia. Tão grande, que serviu para provar a alta sabedoria do que viria a ser almirante Gago Coutinho e que foi capaz de corrigir erros vindos de trás, alguns, naturalmente, trazidos pelos Ingleses.

—Diga-nos então, o que foi esse Natal de 1914, com a Europa em guerra e a África ainda calmamente entregue aos trabalhos da geodésia...

—Como dizer-lhe, precisamente—escusa-se, hoje, o comandante Moura Brás—se, na verdade, esse Natal não existiu para mim? Admita o que seja transpor 800 quilómetros debaixo de chuvas torrenciais, montado num cavalo e levando sobre os ombros uma capa de peles preciosas, oferta de um soba amigo... Iamos, eu, mais quatro ou cinco oficiais e outras tantas praças, a caminho do litoral, seguidos da pequena escolta negra. Caminhávamos oito a nove horas por dia, descansando ao meio dia e á noite, para comer e dormir e retomar a marcha mal amanhecia... No meu «Diário» devo apenas ter registado esse dia 25 de Dezembro como um dia igual aos outros... Se não fizesse esse «Diário», a vida dura e esquecida talvez me não lembrasse que, muito longe, na Metrópole, a família a essa hora me recordava com saudade. E também com saudade eu a teria evocado, embora a nossa saudade fosse então em função da terra e do trabalho dominantes: qualquer coisa de lasso e sem os fundos dons de penetração que em regra ocorrem nos corpos mais folgados e nos espiritos menos preocupados.

—Nem uma imagem que recordasse o lar, a família, a tradição...

—Ali, tudo era dura fadiga. Não havia lugar para o sentimento. E, se quisessemos, como haviamos de dar feitio á tradição? Comiamos a carne fresca do antilope e, como os frutos eram só caroço, sugávamos os favos de mel, fabricados pelas abelhas pequeninas, do tamanho de moscas, nos caules de certas árvores. Eram os pássaros que, com os seus chilreios interesseiros nos guiavam os passos, porque, depois de os favos serem separados da terra, eles acudiam glutões sobre o seu manjar. Isto, porém, são histórias conhecidas do mato. Não vale a pena lembrá-las. Mas se quiser ter uma imagem do que possa ser um Natal nessas terras severas com o homem, então, pense num dia igual aos outros, em que esse homem, sem tempo e fatigado, não tem lugar de onde arrancar a sua saudade. Muito vagamente, dentro da tenda, sentirá que longe, muito longe do alcance dos seus olhos e do seu coração, há um Mundo, um Mundo a que pertence e que lhe é defeso...

YORK BAR

Cumprimenta desejando aos sels Ex.mos Clientes e amigos umas festas felizes.

Respeitosamente reconhecido
ANGELO PEREIRA

e Natal com emoção e sem fantasia

A meia noite no Banco

do Hospital de S. José

com o jovem cirurgião dr. Alberto de Azevedo Gomes

Naquele tempo—há 30 para 40 anos—o Banco do hospital não era o que hoje é, por muito pouco que ainda seja. Não faltava apenas aquilo que o operador e o «médico de urgência» consideram indispensável. Havia também algum desleixo, lixo e outras coisas da sua parentela. O jovem médico de serviço, na sua cama desconjuntada, embrulhado na capa de lã grosseira, queimava um cigarro e outro e outro. Depois, o sono vencera-o e adormecera. Sonhava talvez com a realidade—uma casa alegre e confortável, onde uma esposa afagava as cabecitas dos seis filhinhos pequenos ..

—Este ano, não há árvore de Natal, o papá está de serviço no banco...

E, naquele ano, realmente, quebrava-se a tradição da família. Não haveria nem consoada nem árvore de brinquedos nem troca de presentes...

Ainda se, ao menos, no Banco, houvesse onde receber a mulher querida e os pequenos... Mas tudo era tão velho, tão desconfortável, com as pernas das cadeiras partidas e a mesa desconjuntada... O jovem cirurgião ia sonhando:

—Se um dia chego a director do Banco, hei-de arranjar uma linda mobília de sala de jantar, onde os médicos de serviço possam consoar com as famílias!... (E alguns anos mais tarde, na verdade, o dr. Augusto Lamas, 24 horas antes casado, lá iria fazer a inauguração solene de um Natal no Banco...)

Agora, o dr. Alberto de Azevedo Gomes, deitado no seu catre de hospital, soergue-se num sobressalto. Estavam a chamá-lo, não se havia enganado...

—Que maçada, á hora da consoada!...

E, estremunhado, sem apetite para aquela função, ainda meio tonto, lá vai á sala para ver o que havia. Uma mulherzinha, velha de mais não poder ser, leve como uma pena que não pesasse mais de trinta quilos, está ali na marquesa á espera do cirurgião.

—Trouxe-a o ultimo comboio de Sintra, senhor doutor...

O jovem operador já não tem sono. Os seus dedos ágeis executam uma estranha sinfonia, tacteando o corpo da velhinha...

—E' um caso urgente mas banal... uma hérnia crural estrangulada...

E o bisturi segue a rota do inimigo desta vida que palpita nas mãos do cirurgião. Fizeram uma anestesia regional. A velhinha, tão velhinha, é animosa. O senhor doutor, assistido por dois voluntários—nesse tempo, havia só um médico de serviço—os jovens drs. Luís Macieira e Teotónio Xavier, «explora» aquele animo da paciente até que ela perca o receio da gravidade que não existe.

Não é certo que são as crianças e os velhos os doentes que mais enternecem o dr. Alberto de Azevedo Gomes?

Ele, de facto, assim hoje no-lo confirmou:

—E' verdade. Gostei sempre dos velhinhos. Entendi-os sempre. Falam, falam . Sentindo-se mais fracos, impõem-se pela palavra, como se, assim, quisessem significar-nos: «queridos doutores, nada mais tenho que dar-vos, em troca desta vida que vos peço .»

—E então a velhinha...

—Essa pálida, franzina e quase etérea passageira do ultimo comboio de Sintra falava, falava sempre: «Ai, meu rico senhor, faca o que puder...» E eu, para que ela compreendesse, precisamente, o contrário, ia-lhe dizendo: «Oh! como vocemecê tem isto! Eu não sei como hei-de fazer ..» A operação, banal, como disse, ia correndo entre frouxos de riso e as suplicas da velhinha. Depois, por fim, anunciei-lhe que tudo estava acabado. Mas fi-lo com malícia calculada: «Minha avózinha, agora não sei que vai suceder... Vocemecê sabe que eu não sou operador mas estudante? O maroto do cirurgião não se quis levantar, zangado por o virem chamar numa noite de Natal para um acto tão antipático »

E o dr. Alberto de Azevedo Gomes—um Macaense, filho de Madeirenses, médico jubilado dos Hospitais Civis, várias vezes director do Banco e de serviços, mestre que perorou na «Faculdade de Arroios»—assim vai seguindo os passos da sua singela evocação:

—Saí da sala de operações com o coração contente. Mas, de subito, vinha já no corredor, voltei atrás: e se a velhota acreditasse e fosse queixar-se de uma falta que eu não cometera? Voltei á sala de operações. Os meus amigos riam-se a bom rir ..

—Tinha passado a hora das contigências...

—Talvez. Mas o cirurgião quando num acto grave— e não o era o presente—vai contando anedotas, tenho para mim que o faz para espantar o medo dos nervos. Opero em regra em silêncio e exigo silêncio religioso e concentrado á minha roda. Nem eu nem nenhum cirurgião, tendo nas mãos um ser inconsciente e privado da vontade, seria capaz de considerar menos solene o acto que está a praticar..

—E nessa noite distante, de um Natal distante...

—Fui encontrar uma alegria reinante, entre médicos e o pessoal. Tinham contado a verdade á passageira do ultimo comboio de Sintra que, de mãos postas e lágrimas nos olhos, mal me viu, desabafou no cumulo da sua gratidão: «Ai meu rico senhor, para ser assim operada, até dá vontade de estar doente!»

«Confesso-lhe—termina o dr. Azevedo Gomes—que me senti comovido e pago do sacrifício de passar esse Natal fora da terna companhia da mulher, dos filhos e de outros parentes. Hoje, que tenho onze filhos e doze netos, posso recordar outros Natais muito mais felizes. Mas nenhum com o sabor deste que a sua curiosidade de jornalista veio arrancar ás cinzas do meu passado. Foi, na verdade, um lindo presente de Natal, a gratidão dessa velhinha. Mas, sempre que pude, nunca deixei de retribuir a outros doentes, na noite de Natal, a alegria que essa velhota me dera. Recordo-me de que nunca faltou alegria aos meus doentes dos Capuchos nem de Arroios. A' medida que os meus filhos iam nascendo, ia-os levando para esse exemplo de solidariedade. Minha família e eu jantávamos com os doentes do meu serviço e deu que falar um Natal em Arroios. Não faltaram perus assados, pudins com gelatinas electrificadas, coisas caras para pobres que nem a maior parte dos ricos devia ter a sua mesa e que eu conseguira, com o meu e o dos outros a quem pedia auxílio ..

DISTINÇAO NECESSARIA

Tem que fazer a sua apresentação? E quer fazê-la distintamente? Mande executar imediatamente a sua placa de cobre para bilhetes estampados em relevo. E' de rigor e revela a sua posição social. Verá que não o confundem. ANIBAL GRAVADOR — Rua Nova do Almada, 64 — LISBOA. Casa especializada.

Noite de Natal no mar

passada pelo comandante Joaquim Teixeira

na ponte do velho «Adamastor»

Tinham partido para uma longa viagem de meses. O velho «Adamastor», que o brio nacional, depois do «Ultimatum», havia construído por subscrição publica, era, agora, a sua casa, o seu lar flutuante. Doze guarda-marinhas com dez oficiais, sob o comando de Parry Pereira, tinham partido no pequeno cruzador, para a sua primeira longa viagem. Risonhos jovens, de tez morena, tinham saído da Baía e seguiam para Luanda a caminho dos mares do Sul e do Oriente. Alguns deles passavam no mar o seu primeiro Natal—e, alguns mesmo, quem sabe, o primeiro fora do doce conchego da família.

O comandante reunira, como era da praxe, oficiais e os guarda-marinhas na grande cabina. Era uma outra «família» a que ali estava reunida—a família da gente do mar, olhos de sonho e coração aberto ás grandes emoções. Cá em terra, tinham ficado as mães e as irmãs, as esposas e os filhos, pois, entre todos havia jovens oficiais já casados.

Perto da meia noite, o comandante ergueu o seu cálice: brindava por quantos estavam presentes e por quantos, lá longe, em terra, a tantas milhas de distancia, aquela hora santa de unção, oravam pelos queridos, vogando sobre o mar...

A voz do comandante não traía emoção. Os oficiais e os guarda-marinhas tinham suspensa aquela excitação de alegria que neles traduzia a comoção da hora que passava. Jovens e tristes Portugueses de arreigadas tradições, como eles se esforçavam por não dar «parte de fracos» naquele doloroso baptismo, longe de afectos familiares...

Na cabina dos oficiais, reinava agora o silêncio. As pausas do monólogo do comandante estavam cheias do «tic-tac» das máquinas do «Adamastor». Parecia o bater de um grande coração—o coração da «família», a presente e a ausente ..

A meia noite, porém, estava a chegar Um jovem guarda-marinha ergueu-se e pediu licença para se retirar. Ia entrar de quarto. Da meia noite ás 4 da manhã, teria apenas diante de si o mar imenso e calmo...

O guarda-marinha Joaquim José Teixeira subiu á ponte e espraiou os olhos. A quilha do «Adamastor» ia cortando a massa líquida. Atrás, na popa, um rasto de espuma dissolvia nas suas rendas o doce marulhar das ondas e das vozes que subiam no peito do moreno guarda-marinha. O bom «mar das patas», silencioso e calmo, era o seu mundo. Noite linda, noite vizinha dos trópicos, entre a Baía e Luanda, naquela rota do Atlantico, fora das rotas de navegação. Nenhuma luz no mar, nenhum grito na noite do mar deserto. Só as estrelas no céu e, no peito do jovem guarda-marinha, aquele marulhar de saudades. No escuro da noite, ela ouvia e via melhor. Lá estavam, dentro do seu coração, os pais e os irmãos, esse friso gentil de rostos femininos que vira, conhecera e, quem sabe, se não teria amado—devoções próprias da idade de quem não projectara ainda casar-se . E mais fundo, ainda, sempre mais fundo, aquela crença feita de belas tradições: a lareira trasmontana, os doces cantares dos Reis...

Levante-se daí, senhora
dêsse banquinho de prata ..

E, uma a uma, as imagens iam-se erguendo daquela espuma silente e argêntea: os presépios ingénuos, a Missa do Galo, o sapatinho na lareira, a ceia da meia noite, as rabanadas na mesa sempre posta para os que entrasssem pela porta sempre aberta, naquela hora de paz e amor entre os homens ..

Aquela hora, a mãe ansiosa tinha talvez o retrato do filho no seu lugar á mesa. E o filho, o seu menino, sózinho ali embalado, naquele grande berço, pelas ondas do mar, vivendo quatro horas infernais de silêncio e sem se poder sentar...

O guarda-marinha levou a mão aos olhos. Tinha na garganta um nó que o apoquentava ..

—Sou um piegas!

E sacudiu o torpor sentimental, atento ao marulhar das ondas e ao «tic-tac» do coração do velho cruzador dos mares antigos .

—Foi este o meu primeiro Natal de marinheiro—diz hoje, na sua voz bem timbrada, o sr. comandante Joaquim José Teixeira.—Depois, vieram outros. Mas, então, todos diferentes. Estávamos todos, com certeza, muito comovidos. Mas éramos demasiado jovens para atentarmos uns nos outros. O ultimo que lá passei, no mar, foi já durante a ultima guerra, a bordo de um «destroyer» comandado pelo actual ministro do Ultramar, o comandante Sarmento Rodrigues. Vigiávamos nos Açores o património lusitano e cuidávamos dos náufragos da guerra. Então, já tinha mulher e quatro filhos. A saudade era permanente. Mas, se quer saber a diferença que a idade nos traz, dir-lhe-ei que, no primeiro Natal no mar, senti sobretudo a minha comovida saudade: no ultimo, em que era imediato, estando embora atento á minha, já vi a tristeza alheia...

Restaurante NEGRESCO

Cumprimenta desejando aos seus Ex.mos Clientes e amigos umas festas felizes.

Respeitosamente reconhecido
ANGELO PEREIRA

H. VAULTIER & C.ª

Cumprimentam os seus Ex.mos Clientes e Amigos desejando-lhes um Natal muito feliz.

UNIPREÇO

Apresenta a todos os seus Ex.mos clientes e amigos os seus votos de Festas Felizes, e um Ano Novo muito próspero.

R. de Santa Justa, 109 (ao elevador) LISBOA

Mário Trindade

Rua de S. Lázaro, 33-3.º
Telef. 31577 ● LISBOA

IMPORTADOR E ARMAZENISTA DE POSTAIS ILUSTRADOS, ESTAMPAS E ARTIGOS DE NOVIDADE

Deseja a todos os seus Ex.mos Amigos e Clientes um Natal Feliz e um Novo Ano muito próspero.

«OH! LACERDA», a Sr.ª Lacerda e Filhos

desejam Feliz Natal e Novo Ano Próspero aos dedicados frequentadores da sua acolhedora casa da Avenida Berna, 36-A, e informam que, além das especialidades de cada dia, terão no Natal o tradicional Peru, e rogam que marquem desde já mesas para os dias 31 de Dezembro de 1953 e 1 de Janeiro de 1954

Perfumaria «Vogue»

RUA DO OURO, 254

Cumprimenta os seus Ex.mos Clientes e Amigos desejando-lhes um Natal muito feliz.

José dos Santos Coração

COMPRA E VENDA DE PROPRIEDADES

R. dos Correeiros, 71-1.º — Telef. 25845

DESEJA BOAS FESTAS E ANO MUITO PRÓSPERO AOS SEUS EX.mos CLIENTES E AMIGOS.

PIANOS

Verticais e de Cauda
ALUGAM-SE
JOSÉ VALENTIM DE CARVALHO, Lda
95, Rua Nova do Almada 99
LISBOA

CONTRA AS FRIEIRAS

USE
APYROL
O PRODUTO PREFERIDO DESDE 1935

Pastelaria Benard

MANUEL JOSÉ DE CARVALHO, LIMITADA

Desejam um novo ano próspero aos seus Ex.mos clientes e amigos. Recomendam o jantar do dia 1 de Janeiro de 1953.

Schiller SOLINGEN

M. RYDEL & C.ª

Distribuidor dos Produtos SCHILLER

Apresentam aos seus Ex.mos Clientes e Amigos os desejos de Boas Festas.

Av. Almirante Reis, 2-2.º-Lisboa

CASA TIROL

70—R a da Prata—72

Cumprimenta os seus clientes e amigos, desejando-lhes festas felizes.

Dinheiro!!

Empresta-se, ao juro da lei, sobre todos os artigos que ofereçam garantia. Compra e vende antiguidades, ouro joias, etc.

JOSÉ MAYER

Deseja boas festas aos seus Ex.mos clientes e amigos.

18, R. do Loreto, 20
Telef. 2 2881

Dominguez & Lavadinho, L.da

Desejam aos seus prezados clientes e amigos um novo ano muito próspero.

Loja da Assunção, 79 a 85
Rua dos Sapateiros, 135 a 143
LISBOA

Leia o SEMPRE FIXE

SOCIEDADE «ESTORIL»

Caminho de Ferro do Cais do Sodré a Cascais

AVISO

Concurso para a adjudicação da exploração dum pavilhão na estação de Cruz Quebrada

CONDIÇÕES

1—Até ás 16 horas do dia 31 de Dezembro de 1953, esta Sociedade aceita propostas para a exploração por 3 anos de um Pavilhão na estação de Cruz Quebrada destinado á venda de tabacos, selos, jornais, livros, águas minero-medicinais, cervejas, refrigerantes, sanduiches, bolos, frutas e artigos similares.

2—Os concorrentes efectuarão na Tesouraria desta Sociedade, na estação do Cais do Sodré, um depósito de 500$00. Não será restituído o depósito ao concorrente a quem for feita a adjudicação e que dela desista.

3—As propostas têm de indicar claramente o preço fixo oferecido mensalmente pela exploração do Pavilhão e serão remetidas a esta Direcção em carta fechada com a seguinte indicação no sobrescrito:

«Proposta para a exploração de um Pavilhão na estação de Cruz Quebrada».

4—A Sociedade reserva-se o direito de rejeitar todas ou algumas das propostas, se assim o julgar conveniente.

5—A adjudicação dará lugar ao estabelecimento de um contrato entre a Sociedade e o concessionário, em conformidade com a minuta que os interessados poderão consultar no Serviço de Contabilidade desta Sociedade, na estação de Cais do Sodré.

6—As despesas do consumo de água e electricidade são de conta do concessionário.

Lisboa, 18 de Dezembro de 1953.

O ENGENHEIRO DIRECTOR
A. Busi

QUIOSQUE TIVOLI

A mais popular casa de lotarias do País com FILIAIS em LISBOA e PORTO

Cumprimenta os seus Excelentíssimos Clientes, desejando-lhes muito BOAS FESTAS e um NOVO ANO muito feliz.

ARIPS

apresenta a todos os seus Ex.mos Clientes e Amigos os seus votos de Festas Felizes, e um novo ano muito próspero

R. do Carmo, 64 LISBOA Tel. 25984

MICROMOTOR, Lda.

Avenida Paris, 3 — Lisboa

Cumprimentam todos os seus Ex.mos clientes, agentes e amigos, desejando-lhes um NATAL feliz e um ANO NOVO muito próspero.

Tinturaria Aviz

AVENIDA 5 DE OUTUBRO, 16-C — Telef. 50070
E
Tinturaria Triunfante

AV. ELIAS GARCIA, 132-A — Telef. 70216

Deseja aos seus Ex.mos Clientes e suas Ex.mas Familias um Natal Feliz e um Ano Novo cheio de prosperidades.

A COMPETIDORA

— DE —
JOSÉ PEDRO GOMES, LD.ª
— VIDROS, ESPELHOS E MOLDURAS —
161, Rua dos Correeiros, 181
LISBOA

Deseja Boas Festas aos seus Excelentíssimos Clientes e Amigos e um Novo Ano cheio de prosperidades.

João Lopes, L.da
Mendes & Domingos, L.da

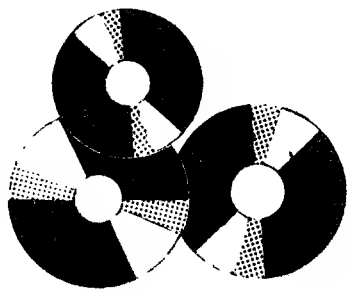
Calçada do Duque, 31-43 — Telef. 2 6289
RELOJOARIA E OURIVESARIA

Deseja aos seus Amigos e Clientes, festas felizes e um Novo Ano próspero.

Alda Mourão

— COSTURA —

Cumprimenta as suas Ex.mas Clientes, com desejos de um Feliz Natal e um Novo Ano muito próspero.



«Hans Christian Andersen»

AS CANÇÕES DESTE MARAVILHOSO FILME ESTÃO GRAVADAS EM DISCO

Decca ffrr

full frequency range recording

INTERPRETADAS POR **DANNY KAYE**

BM 5024 / **NO TWO PEOPLE / THUMBALINA**
BM 5030 / **INCHWORM / I'M HANS CHRISTIAN ANDERSEN**
BM 5031 / **THE UGLY DUCKLING / THE KING'S NEW CLOTHES**

A' VENDA NOS:

Est.os VALENTIM DE CARVALHO, L.da

Rua Nova do Almada, 87

LISBOA

EAGLOIL

UMA LINHA COMPLETA DE LUBRIFICANTES DE ALTA QUALIDADE, COM UM TIPO-ESPECIAL PARA CADA CASO

H. VAULTIER & C.A

ORGANIZAÇÃO EAGLOIL

António Moreira Rato & Filhos, L.da

MATERIAIS DE CONSTRUÇÃO
CIMENTO «TEJO»
MÁRMORES – CANTARIAS
GRÉS – CRÉS – LOIÇA SANITÁRIA
FIBROCIMENTO «NOVINCO»

o-o-o

Telefones: 60879/63708 — Telegramas: «Ratofilhos»

AVENIDA 24 DE JULHO, 54-F
LISBOA

AGENCIA COLONIAL E COMERCIAL, L.DA

Rua do Comércio, 8 — LISBOA

Telefones: 20055-28840-23688 — End. teleg. OMNIA

Filiais em Luanda e no Lobito

Importação e exportação de todos os géneros coloniais

AGENTES DE NAVIOS

Banco Pinto & Sotto Mayor

S. A. R. L.

Capital e Reservas Esc. 59.100.000$00

SEDE — Rua Aurea, 18/30 — LISBOA

FILIAL - PORTO

SUCURSAIS: Coimbra — Viseu — Braga — Viana do Castelo — Chaves — Régua — Pombal — Campanhã — Póvoa de Varzim — Santo Tirso — Agueda — Fundão — Algés — Almada — Barcelos — Campo de Ourique (Lisboa) — Praça de Londres (Lisboa) — Santa Apolónia (Lisboa).

Velas **AUTO-LITE** *Resistor*

EQUIPADA COM UMA RESISTÊNCIA INTERIOR SUPRESSORA DAS INTERFERÊNCIAS NO RÁDIO

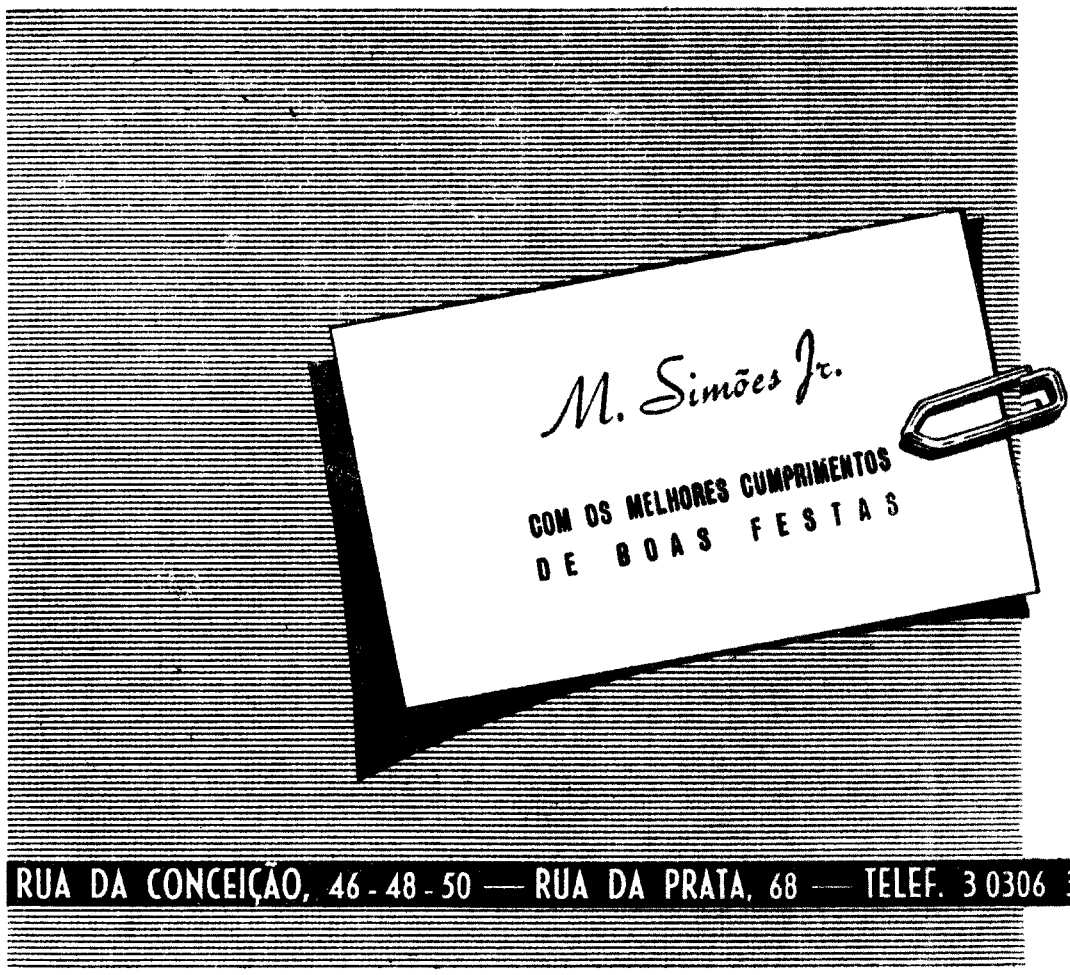
MARCHA LENTA MAIS SUAVE
MAIOR ECONOMIA DE GASOLINA
MELHOR RECEPÇÃO DO RÁDIO
MAIOR DURAÇÃO DOS ELECTRODOS

OS ELECTRODOS DAS VELAS RESISTOR DURAM MAIS 200 % DO QUE DE QUALQUER OUTRA VELA

REPRESENTANTES EXCLUSIVOS
AUTO-LUSITANIA
ALFREDO DUARTE, L.DA
AV. DA LIBERDADE, 73-79
LISBOA

WHITE STAR

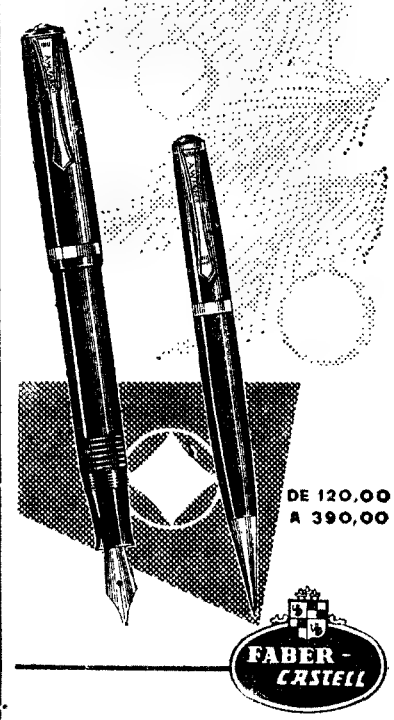
O MELHOR
COM 17 RUBIS
ANTI-MAGNÉTICO
GARANTIDO CONTRA TODOS OS ACIDENTES



MAQUINAS DE ESCREVER
HERMES
*
DE SOMAR
A D D O
*
DE FRANQUEAR
FRANCOTYP
*
DE CALCULAR
M A D A S
E
M U L T O
*
DUPLICADORES
REX-ROTARY
*
BALANÇAS PARA O LAR
I N C A
*
MATERIAL FOTOGRÁFICO
I L F O R D
*
APARELHOS DE CINEMA
PAILLARD
*
APARELHOS FOTOGRÁFICOS

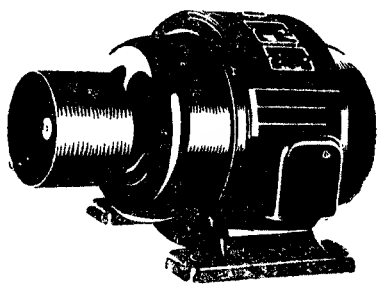
RUA DA CONCEIÇÃO, 46-48-50 — RUA DA PRATA, 68 — TELEF. 3 0306 3 0307 — LISBOA

SUGESTÕES
PARA BRINDES DE
natal



DE 120,00 A 390,00

FABER-CASTELL



MOTORES ELÉCTRICOS
ALTERNADORES, TRANSFORMADORES
— DISJUNTORES, ARRANCADORES —

SOC. LUSO ELECTRICA, LD.ª
11 — CALÇADA MARQUÊS DE ABRANTES — 13
Telefone 60331 LISBOA

EMPRESA COMERCIAL E INDUSTRIAL DE PESCA
S. A. R. L.
(PESCAL)
FROTA

Arrastão «PADUA»	17.000 quintais
Arrastão «ÁGUAS SANTAS»	19.000 quintais
Lugre-motor «MARIA DAS FLORES»	10.000 quintais
Lugre-motor «LOUSADO»	4.500 quintais

SEDE
RUA DO COMÉRCIO, 8
LISBOA

SECADOURO
ALCOCHETE
TELEFONE 125

TELEFONES: 20055 — 28840 — 23688

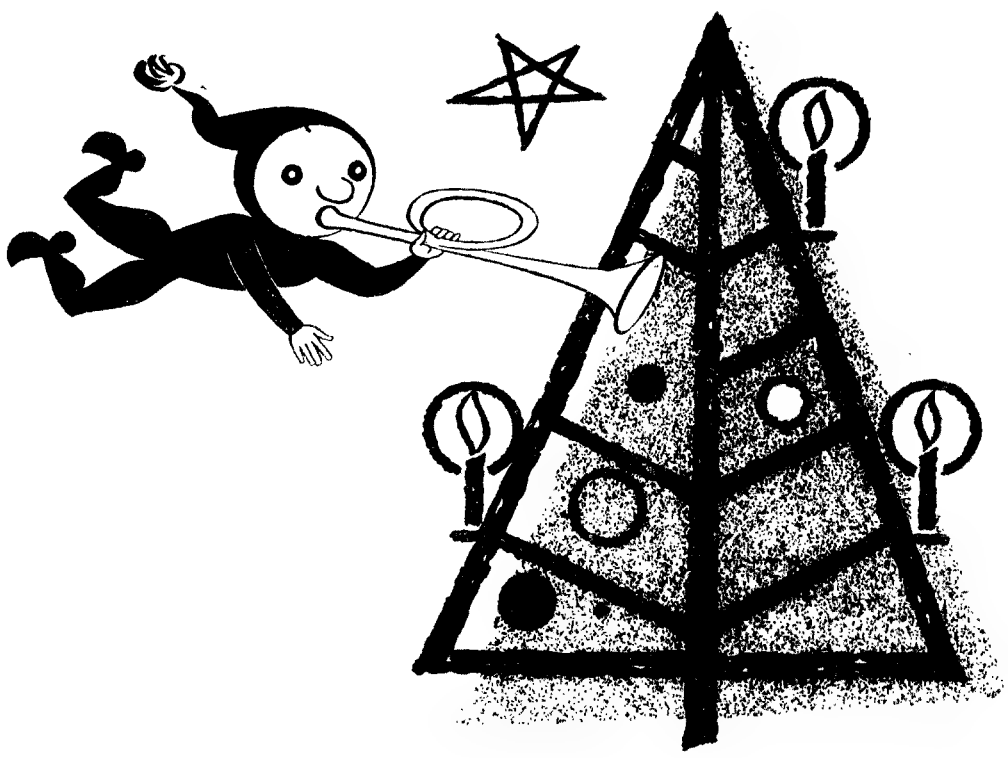
DESDE 1858
Servindo sempre...
a Companhia Nacional de Navegação

Ch. Lorilleux & C.ª
TINTAS DE IMPRESSÃO

Não espere pela meia noite...

para se lembrar de que o GAZCIDLA é o mais moderno e o mais económico dos combustíveis! Informe-se imediatamente das inúmeras vantagens do GAZCIDLA para cozinha, aquecimento, luz, banho e refrigeração, e comece a utilizá-lo hoje mesmo nos preparativos da sua festa de Família.

GAZCIDLA
VENDAS A PRONTO E A PRESTAÇÕES DE CALORÍFEROS, FOGÕES ESQUENTADORES, ETC. • EM TODAS AS AGÊNCIAS DO PAÍS



Knorr-Suiça

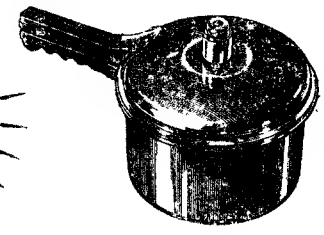
Desejando **Boas Festas**
aos seus Amigos de Portugal, tem o prazer
de lhes anunciar uma agradável surpresa
para os primeiros dias do próximo ano.

O PRESENTE SONHADO!

Ofereça a sua Espôsa uma Panela de pressão *Presto* mas tenha cuidado, certifique-se que é uma *Presto* e não qualquer outra marca!
A *Presto* é a panela de pressão que cose mais depressa e de manejo mais fácil. O presente mais útil, porque, àlêm de encantar sua Espôsa, dar-lhe-à uma economia de 50% na conta de gás! Junte o útil ao agradável.

OFEREÇA UMA

Presto



A PANELA DE PRESSÃO ULTRA-RÁPIDA E ISENTA DE PERIGO
À venda nas boas lojas de utilidades

MATERIAL EM AÇO PARA ESCRITÓRIO
"SEEL"

Uma Indústria Nacional...

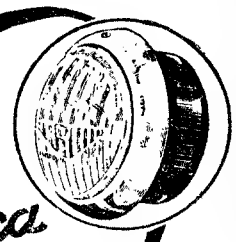
que apresenta todos os tipos de mobiliário e ficheiros em aço, de características modernas e práticas

A construção e robustez de todo o nôsso material garantem um trabalho eficiente e longa duração.

CONSULTE-NOS E VISITE O N/ STAND

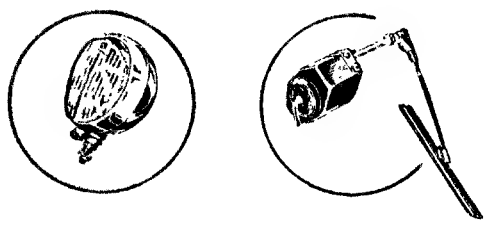
SOCIEDADE EQUIPAMENTO DE ESCRITORIO, LDA.

Para viajar de noite, no **INVERNO** *com segurança*



PREFIRA

DUCELLIER



EQUIPAMENTO ELÉCTRICO ORIGINAL DA MAIORIA DOS CARROS FRANCESES

REPRESENTANTES EXCLUSIVOS
AUTO-LUSITANIA
AV. DA LIBERDADE, 73-79
LISBOA

Ducellier

TORRENS & MARQUES PINTO, LDA.

INDUSTRIA DE CONTRAPLACADOS
E FOLHAS DE MADEIRA

IMPORTAÇÃO DE MADEIRAS
COLONIAIS E ESTRANGEIRAS

R. JANELAS VERDES, 3
LISBOA
Tele | fone PBX 60176
| gramas FLORESTAL

entre os presentes do Natal...

estão os vinhos da

Real Companhia Velha

FUNDADA EM 1756

Agentes em Lisboa

AMORIM, COELHO & FEIO, L.DA

RUA LUÍS AUGUSTO PALMEIRIM, 20-A TELEF. 7 3525

A Electricidade pode tornar mais feliz o seu lar...

...PROPORCIONANDO ENERGIA PARA A UTILIZAÇÃO DOS MAIS VARIADOS APARELHOS QUE FACILITAM, NO NOSSO TEMPO, A VIDA DOMÉSTICA.

A MODERNA APARELHAGEM ELÉCTRICA, POSTA AO ALCANCE DE TODAS AS BOLSAS, DÁ MAIS RENDIMENTO DE TRABALHO COM MAIOR COMODIDADE.

A UNIÃO ELECTRICA PORTUGUESA

FACILITA A AQUISIÇÃO DE TODA A APARELHAGEM UTILITÁRIA, ATRAVÉS DA SUA NOVA SECÇÃO DE VENDAS A PRONTO E A PRESTAÇÕES

UEP

- VISITE O SALÃO DE EXPOSIÇÕES DA U. E. P., EM ALMADA.
- CONSULTE AS NOSSAS CONDIÇÕES DE VENDAS.
- ESTUDE A NOSSA TABELA DE PREÇOS DEGRESSIVOS PARA O CONSUMO DE ENERGIA ELÉCTRICA.

COMPANHIA COLONIAL DE NAVEGAÇÃO

"SANTA MARIA" * "VERA CRUZ"

LINHA AMERICA DO SUL

Serviço rápido de luxo com escala por FUNCHAL

PAQUETES	DESTINOS	PARTIDAS (às 12 horas)
«SANTA MARIA»	Salvador, Rio de Janeiro, Santos, Montevideu e Buenos Aires	9 de Janeiro
«SANTA MARIA»	Salvador, Rio de Janeiro, Santos, Montevideu e Buenos Aires	25 de Fevereiro

LISBOA — R. DE S. JULIÃO, 63
Telefones n.os 30131 a 30138
PORTO — RUA INFANTE D. HENRIQUE, 9
Telefone 23342

Guilherme Graham Júnior & C.ª

Fábrica da Abelheira - Tojal

(Papel, Cartolina e Sacos de Papel)

Fábrica de Boa Vista — Porto
(Tecidos e Branqueação)

Fábrica de Braço de Prata
(Estamparia e Tinturaria)

* * *

ESCRITÓRIOS:

Rua dos Fanqueiros, 7
LISBOA
Tel.: 20066/9

Rua dos Clérigos, 6
PORTO
Tel.: 26961/2

TODOS OS PRODUTOS DA

COMPANHIA PORTUGUESA DE TABACOS

(Arrendatária das fábricas e marcas de tabacos do Estado)

SUPERIOR, FRANCÊS, VIRGINIA, HOLANDÊS, TIP-TOP, AVIZ PROVISÓRIOS, TÁGUS, LISBOAS, SPORTING, ETC., ETC. — — — —

São fabricados, com ramas escolhidas pelos processos mais modernos para bem servir os fumadores.

SEDE: Avenida da Liberdade, 16 — LISBOA

BANCO BORGES & IRMÃO

S. A. R. L.

Capital e reservas: 96.000.000$00

LISBOA — PORTO

AGENCIAS:

BRAGA — MATOSINHOS — OVAR — SETUBAL

End. Telegráfico: Borgirmão

TODAS AS OPERAÇÕES BANCÁRIAS

Companhia Colonial de Navegacão

Serviço de passageiros e carga

Carreiras regulares para: NORTE DA EUROPA, ÁFRICA OCIDENTAL e ORIENTAL, AMÉRICA CENTRAL E AMÉRICA DO SUL

FROTA

Paquetes:	Deslocamento Toneladas	Deadweight Toneladas
«SANTA MARIA» (n. t.)	21.500	7.900
«VERA CRUZ» (n. t.)...	21.500	7.900
«PÁTRIA» (n. t.)	19.173	10.743
«IMPÉRIO» (n. t.)	19.173	10.743
«MOUZINHO»...	14.150	8.200
«SERPA PINTO»	13.020	5.412
«UIGE» (em construção)		
Navios de carga:		
«LUANDA» (n. m.) ...	13.790	9.820
«GANDA» (n. m.)	13.114	9,419
«AMBOIM» (n. m.) ...	13.114	9.419
«BENGUELA» (n. m.) ...	12.303	9.347
«LUGELA»	12.250	8.340
«PUNGUE»	8.750	6.356
«PEBANE»	4.105	2.797
«QUIONGA»	4.105	2.770
«LUANDA»...	4.105	2.778
«CHAIMITE»	3.597	2.129
«NAMPULA»	3.080	2.062
«SENA»...	2.458	1.700

ESCRITÓRIOS::

Lisboa — Rua de S. Julião, 63
Telefones n.os 30131 a 30138

Porto — Rua Infante D. Henrique, 9
Telefone 23342

A MABOR

deseja Boas Festas

AOS SEUS CLIENTES E AMIGOS, BEM COMO A TODOS OS DEDICADOS COLABORADORES, QUE TÊM CONTRIBUIDO PARA MANTER O PRESTÍGIO DESTA GRANDE INDÚSTRIA NACIONAL, NOS DIVERSOS PONTOS DO TERRITÓRIO PORTUGUÊS

MANUFACTURA NACIONAL DE BORRACHA

Leiam o jornal humorístico sempre **fixe**

Saluzena

—é a saúde!

Saluzena

—é o vigor físico!

Saluzena

—é a boa disposição!

Saluzena

—é a farinha ideal!

Um produto **AMIDEX**

A' venda em todo o País

Elegante e prática — um adôrno para o vosso lar — e com um magnífico estójo de pele para viagem!

Esta «pendulette» possui a famosa máquina de precisão CYMA, permitindo que o toque agradavel da sua campainha se faça ouvir exactamente no minuto desejado.

E uma única chave dando corda simultaneamente ao movimento e ao alarme — uma patente CYMA — É mais simples, é mais seguro!

O MAIS LINDO DESPERTADOR DO MUNDO

CYMA AMIC

SRS. AUTOMOBILISTAS

NIVOPIA

CANDEEIROS

Apliques e velas, molduras, misulas, talha rica, móveis com embutidos, etc., vende o fabricante — Rua Arco da Graça, 12, Tel. 29619.

DR. MIGUEL DE MAGALHAES

Monitor da clinica de Necker—Paris
RINS, vias urinárias—Venero—Sífilis
Travessa Nova de S. Domingos, 9, 1.º ás 15 horas Telefone 2 9062

Caminhos de ferro

EPOCA DO NATAL

Remessas de detalhe de Grande Velocidade e Volumes da Tarifa 8/108, destinados a Lisboa-Rossio

Atendendo ao grande movimento que é de uso verificar-se durante a época do Natal, a C. P., no desejo de evitar perturbações no serviço, que possam prejudicar o Publico, avisa que, no período de 17 a 31 do corrente, as remessas de G. V. e os volumes transportados ao abrigo da Tarifa 8/108, normalmente destinados a Lisboa (Rossio), serão despachados para Lisboa (Santa Apolónia), excepto os das linhas do Oeste e Sintra, os filmes, os doces frescos, as flores naturais e os mariscos, que continuam a ser recebidos em Lisboa (Rossio)

A. R. F.

Lanalgo, Lda.

RUA DE SANTA JUSTA, 42
TELEFONES 3 4256 E 2 6707

Cumprimentam os seus estimados Clientes e Amigos, desejando-lhes Festas Felizes

A Pernambucana, Ld.ª

IMPORTADORES E EXPORTADORES

Cafés

RUA ANTÓNIO MARIA CARDOSO, 1

Telf. 29881

(Casa especializada em fornecimentos para Cafés)

Os seus sócios ANTÓNIO MADEIRA CORREIA e MÁRIO DA SILVA BASTOS felecitam os seus Amigos e Clientes, desejando-lhes um Natal Feliz e um Ano Novo muito próspero.

Casa Hipólito, L.da

TORRES VEDRAS

(FUNDADA EM 1900)

Aos seus Amigos e Clientes apresenta os seus cumprimentos de Boas Festas e feliz Ano Novo.

OS PROPRIETÁRIOS DA

Casa Africana

RUA AUGUSTA, 161

Desejam festas felizes e um Novo Ano cheio de prosperidades.

Brax & Brax, L.da

Cumprimentam os seus Ex.mos Clientes e Amigos desejando-lhes um Natal muito feliz.

D. J. SILVA, LTD.

VINHOS DE COLARES V. S. (VISCONDE DE SALREU)

Rua Barata Salgueiro, 15, 1.º

Deseja Boas Festas a todos os seus estimados Clientes e Amigos e um Novo Ano repleto de prosperidades.

J. Pires Tavares

Sucessores: **J. DA SILVA PIRES, LIMITADA**

Rua 1.º de Dezembro, 120-A
Sucursais: Rua Jardim do Regedor, 10 a 18; Rua da Glória, 76-78 — Telefones 31551-31552

Deseja boas Festas aos seus Ex.mos Amigos e Clientes

A União

Fábrica de Espelhos de ANTONIO DA SILVA DORES LD.ª

R. Luz Soriano, 23-A

Desejam aos seus Ex.mos Clientes e Amigos boas festas e um novo ano próspero.

Grande Armazém de Víveres

de JERÓNIMO TAVARES DA SILVA

Cumprimenta todos os seus Excelentíssimos Clientes, desejando-lhes Boas Festas e um Ano Novo feliz.

278, Rua da Prata, 288 (Esquina da Rua da Betesga)

Telefone 22345

VIOLANTES, Limitada

Fábrica de Sirgaria e Passamanaria

RUA DOS FANQUEIROS, 208-210

Desejam a todos os seus Excelentíssimos Clientes Fornecedores e Amigos muito boas festas e um Novo Ano cheio de prosperidades.

«Au Bon Marché»

ARTIGOS DE NOVIDADE

45—Rua da Assunção—47

Deseja aos seus Ex.mos Clientes e amigos B. F. e um Novo Ano muito feliz.

SOCIEDADE PORTUGUESA DE ENOLOGIA

Suc. de Efrem Rodrigues, L.da

R. da Prata, 185, 2.º, D.

— LISBOA —

Deseja Festas Felizes e um Ano Novo muito próspero a todos os seus estimados clientes e amigos.

Custódio Cardoso Pereira & C.ª

Rua do Carmo, 9 a 13

— LISBOA —

Cumprimenta os seus Ex.mos Clientes e Amigos, enviando-lhes Boas Festas e votos dum Novo Ano muito próspero.

Casa MAX

193 A — R. D. ESTEFANIA — 193 F
2 A — AV. PRAIA DA VITÓRIA — 2 D

Cumprimenta todos os seus Ex.mos Clientes e Amigos desejando-lhes Boas Festas e um Novo Ano feliz.

Paris-Chiado

A mais elegante casa de flores naturais do Chiado

Apresenta boas festas aos seus Ex.mos Clientes.

R. Garrett, 62, 64—T. 26068

Grandes Armazéns de Víveres Tavares da Silva, L.da

33, PRAÇA LUIS DE CAMÕES, 35
20, RUA DO NORTE, 22
LISBOA — Telef. 22657

Secção especial de chá, café, bolos e artigos de novidade

A todos os seus Ex.mos Amigos e Fregueses desejam felizes festas e Ano Novo de prosperidades.

Grémio dos Armadores de Navios de Pesca do Bacalhau

ORGANISMO CORPORATIVO

Criado pelo decreto-lei numero 26.106, de 23 de Novembro de 1935, ao qual compete orientar a pesca e a secagem do bacalhau

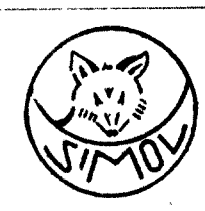
CASA DA BORRACHA de J. V. Baptista

263—RUA DA PRATA—265

Deseja aos seus Ex.mos Clientes e Amigos, Boas Festas e um ano muito feliz.

Leiam o jornal humoristico

sempre fixe



TELEFONE 2 1962

Cumprimentam os seus Ex.mos Clientes desejando-lhes Boas Festas e um Novo Ano de prosperidades.

RUA AUGUSTA, 280, 2.º

A gerência da CASA QUINTÃO

ESPECIALIZADA EM TAPETES DAS BOAS MARCAS

80, Rua Ivens, 84

Deseja aos seus Ex.mos Clientes e Amigos, muito Boas Festas e um Novo Ano repleto de prosperidades.

J. RICARDO DOMINGUES, L.da

CAMBISTAS

R. AUREA, 85 — Telef. 2 4755
LISBOA

Cumprimenta os seus Ex.mos Clientes e Amigos, desejando-lhes Boas Festas e feliz Ano Novo.

«Agricultural Summer»

AGRO, LDA.

71-A — RUA DE SÃO PAULO — 71-B

Cumprimentam os seus Ex.mos Clientes, desejando-lhes Boas Festas e feliz Ano Novo.

OS PROPRIETARIOS DO

Suisso Atlantico Hotel

Apresentam aos seus Ex.mos Clientes e amigos cumprimentos de Boas Festas e os desejos de um Ano Novo muito Feliz.

LISBOA **RUA DA GLÓRIA, 3**

A GERENCIA
do
Comptoir Français d'Acessoires

Rua das Pretas, 22-24

Deseja Boas Festas e um ano de presperidades aos seus Ex.mos fregueses e amigos.

J. V. Feijó, Limitada

Ourivesaria e relojoaria

Desejam festas muito felizes aos seus Ex.mos clientes, amigos e Fornecedores e um novo ano muito próspero.

RUA DA PRATA, 299 a 303
PRAÇA DA FIGUEIRA, N.º 18-A
TELEFONE 21896 **LISBOA**

SAPATARIA PRESIDENTE, L.da

Rua 1.º de Dezembro, 11 a 13 — LISBOA — Telef. 23770

Deseja aos seus Ex.mos Clientes e Amigos, Boas Festas e um Novo Ano próspero.

Rocha, Amado & Latino, L.da

Aos seus Ex.mos Clientes e amigos desejam a maior ventura no Novo Ano.

R. Nova do Almada, 13 e 15
Rua da Boa Vista, 54
Rua da Prata, 82

Adão

CAMISEIROS — Rua Augusta, 240 — Tel. 2 4064

Aos Ex.mos Clientes desejam Boas Festas e Feliz Ano Novo

Casa Travassos-Casa Travassos, L.da

RUA DA PALMA, 43 **ROSSIO, 42 e 43**

Cumprimenta os seus numerosos Amigos e Clientes, desejando-lhes um Natal feliz e um Ano Novo cheio de prosperidades.

Viuva José da Silva, L.da

SERRALHARIA MECANICA
156-Rua de S. Lázaro-158
Telef. 52666

Deseja aos seus Ex.mos clientes e amigos Boas Festas e um ano feliz.

COELHO

PELEIRO

RUA DOS RETROSEIROS, 85

Deseja a todos os seus Ex.mos Clientes e Amigos, Boas Festas e um Novo Ano repleto de prosperidades.

A. S. BAETA

OURIVES-JOALHEIRO

65—Rua do Ouro—67

Deseja Boas Festas e um Ano feliz a todos os seus Ex.mos clientes e amigos.

FRUTARIA BRISTOL

de MARIA LUIZA GOMES
— Telefone 24637 —

CASA ESPECIALIZADA EM FRUTAS VERDES E SECAS
Rua Eugénio dos Santos, 57 — LISBOA

Deseja aos seus Ex.mos Clientes e Amigos, Boas Festas e feliz Ano Novo.

ARTES DECORATIVAS

Sede: RUA DO OURO

Sucursal: AVENIDA GUERRA JUNQUEIRO

António José Martins, sócio-gerente destas casas, agradece muito reconhecido a todos os seus Excelentissimos clientes e amigos todas as provas de simpatia que têm dispensado aos seus estabelecimentos, ajudando-o assim a prosperar, desejando por isso a todos muito Boas Festas e um novo ano cheio de felicidades.

Santos Catita, L.da

Ourivesaria-Joalharia
Rua Eugénio dos Santos, 44

Desejam a todos os seus Ex.mos fregueses e amigos festas felizes e um ano de prosperidades.

PASTELARIA BIJOU

ABILIO ALVES

84-88 — AVENIDA DA LIBERDADE — 87-89

Cumprimenta a sua Ex.ma Clientela, desejando-lhes Boas Festas e um Novo Ano Feliz.

SAPATARIA Capri

Deseja festas felizes aos seus estimados clientes e amigos.

R. da Misericórdia, 51-53
Telefone 25640 — LISBOA

Lanifícios de Coimbra, L.da

MATOS MENDES
Telefone 23738

Deseja muito Boas Festas e um ano feliz a todos os seus Ex.mos fregueses e amigos.

R. dos Fanqueiros, 240-242
e mesma rua, 215

Sapataria Versailles

RUA DE SANTA JUSTA, 96

Cumprimenta os seus amigos e clientes, desejando-lhes um Novo Ano muito próspero.

ASSIS & C.A L.DA

AGUAS CASTELLO

PISÕES – MOURA

Cumprimentam todos os seus Ex.mos clientes e amigos.

Rosas & Carvalho, L.da

«CASA RIO DE JANEIRO»
Camisaria—Malhas—Meias
264, R. Augusta, 266 —Tel. 22107

Desejam Boas Festas e Ano muito próspero aos seus Ex.mos Clientes e Amigos.

A GERENCIA DAS

TINTURARIAS UNIDAS DE PORTUGAL

Sede: Rua Tomás da Anunciação, 38-A—Tel. 65567; com as suas sucursais na Rua Maestro António Taborda, 64, 64-A—Telef. 66435; e Rua Sant'Ana á Lapa, 158-B—Telef. 66995.

Cumprimenta todos os seus Ex.mos Clientes e Amigos desejando-lhes Boas Festas e um Novo Ano muito próspero.

AVENIDA RADIO

Av. Almirante Reis, 12-C. T. 46770
Rádios NICE e frigoríficos ADMIRAL
todos acessórios para rádio

Deseja a todos os seus ex.mos clientes e amigos festas felizes e novo ano próspero.

SAPATARIA CONTENTE

74—Rua do Carmo—74
88—R. de Santa Justa—100

Cumprimentam os seus Ex.mos clientes, desejando-lhes Boas Festas e um Ano Novo de muitas prosperidades.

CASA "URANIA"

de ANTÓNIO CASTANHEIRA DE MOURA

Representante da Cromagem e Radiadores «Landolt»
ROSSIO, 93, 2.º (Porta 37)

Cumprimentam todos os seus Ex.mos clientes e amigos, desejando-lhes Boas Festas e um Novo Ano cheio de prosperidades.

OS PROPRIETARIOS DA

Sapataria Rainha

Largo do Calhariz, 1 — Telef. 24566

Cumprimentam os seus Ex.mos Clientes, desejando-lhes um Natal e Novo Ano muito feliz.

COMPANHIA DE DIAMANTES DE ANGOLA

(DIAMANG)

SOCIEDADE ANÓNIMA DE RESPONSABILIDADE LIMITADA

COM O CAPITAL DE ESCUDOS 179.300.000$00

Pesquisa e extracção de diamantes na Provincia de Angola em regime de exclusivo

SEDE SOCIAL: Lisboa, Rua dos Fanqueiros, 12, 2.° — Teleg. DIAMANG

PRESIDENTE DO CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO
Cor. António Lopes Mateus
VICE-PRESIDENTE
Banco Burnay

PRESIDENTE DOS GRUPOS ESTRANGEIROS
Mr. Firmin Van Brée
ADMINISTRADOR-DELEGADO
Com. Ernesto de Vilhena

o-o-o

DIRECÇÃO GERAL NA LUNDA
DIRECTOR-GERAL
Eng.° Rolando Sucena Baptista de Sousa

REPRESENTAÇÃO EM LUANDA
REPRESENTANTE
Cap. Mário Augusto da Costa

AGENCIA BARATA

GASTÃO MENDES BARATA

REGISTADA

A primeira organização do género no País, oficialmente reconhecida pelo Governo — da Nação e em edifícios próprios —

Os melhores e mais ricos «auto-cars» fúnebres Garages — e oficinas próprias nos seus edifícios —

SEDE NA:

194 RUA SARAIVA DE CARVALHO 202

Telefone P. B. X. 61113 PORTUGAL LISBOA

Sociedade de Construções Amadeu Gaudêncio

LIMITADA

CONSTRUÇÕES CIVIS
CARPINTARIA MECANICA
ARQUITECTURA — ENGENHARIA

Direcção técnica

Engenheiros: J. BELARD DA FONSECA e MANUEL BRAVO — Construtores: AMADEU GAUDENCIO e HENRIQUE GASPAR

///

Escritórios e oficinas: Rua Dr. Alexandre Braga
Telefone P. B. X. 4 3191 - 4 3192 — LISBOA

LAMPADAS **LUMIAR**

MOTORES **ENAE**

A Empresa Nacional de Aparelhagem Eléctrica

deseja a todos os seus Ex.mos Amigos e Clientes muito Boas Festas e um Ano Novo muito feliz

Leiam o jornal humoristico «SEMPRE FIXE»

H. Parry & Son, L.DA

SEDE: 6, AVENIDA 24 DE JULHO—LISBOA

Telef.: 64187 (4 Linhas) 66065

Teleg.: NAVIOS-LISBOA

Construções e reparações navais

DOCAS SECAS

Execução de qualquer trabalho de **mecânica, electricidade, fundição, caldeiraria, forja, soldadura, etc,**

DESENHOS - PROJECTOS - ORÇAMENTOS

Estaleiros Navais de Viana do Castelo

S. A. R. L.

CAPITAL SOCIAL REALIZADO: ESC. 37.250.000$00

SEDE: VIANA DO CASTELO—PORTUGAL

Telef.: 281-302

Teleg.: NAVAIS-VIANA DO CASTELO

Construções e reparações navais

DOCAS SECAS

Execução de qualquer trabalho de **mecânica, electricidade, fundição, caldeiraria, forja, soldadura, etc.**

DESENHOS - PROJECTOS - ORÇAMENTOS

O NATAL DE MATTI

NA quinta de Tapiola, havia uma vez um menino muito gentil, chamado Matti. Era um rapazinho feliz que tinha, só para si, um soberbo cão negro, «Musti», um gato cinzento, «Mirri», e um sólido cavalo de madeira, «Teppo», sobre o dorso do qual podia montar e com o qual muitas vezes ia deslisar, no Inverno, sobre a encosta da colina gelada, perto de Tapiola. Onde estivesse Matti, lá estava «Musti», onde estivesse «Musti», lá estava «Mirri», onde estivesse «Mirri», lá estava «Teppo».

Nunca ninguém os via uns sem os outros. Brincavam, passeavam, comiam e discutiam juntos e, mesmo á noite, não se deixavam uns aos outros, para ir dormir.

«Teppo», em lugar de ir para a cavalariça, deitava-se na cama, ao lado do seu jovem senhor, enquanto «Mirri» se enrolava a seus pés, logo se dando a embalá-lo com o seu ronron monótono. Quanto a «Musti», um bom cão de guarda, dormia de um sono leve, sobre um velho tapete, perto da porta.

De manhã, vinham logo os «miaus», os latidos, os risos alegres, quando, ao abrirem os olhos, os quatro bons amigos se reencontravam e preparavam para um longo dia de brincadeira.

Naquela manhã, Matti, «Musti», «Mirri» e «Teppo» levantaram-se particularmente contentes. Sabiam que era a véspera de Natal. De cara alegre, rondaram em volta do fogão da cozinha quente, onde a mamã preparava os folhados do Natal, depois tomaram o caminho do pátio coberto de neve, seguindo o criado Tauno que ia hastear, sobre um ramo da velha bétula, a paveia do Natal, para que os pássaros da Finlandia pudessem tomar parte na alegria geral.

Todo o dia foi um encantamento. O pinheiro misturava o seu perfume acre ao da palha frescamente espalhada sobre o «parquet» da sala, como era costume; e quando, perto da noite, o senhor de Tapiola chamou Matti para ver a estufa, os bichos acompanharam-no, ficando de orelhas murchas diante do vapor silvante mas que o pequeno, como verdadeiro Finlandês, não achava nunca demasiado quente ou insuportável.

Depois da ceia, quando o pai e a mãe acabaram os canticos festivos, o bom Papá Natal, em carne e osso, apareceu para distribuir, em volta do pinheiro, onde brilhavam estrelas de papel doirado e velas multicolores, presentes e guloseimas. Generosamente, partilhou os presentes, ali mesmo, pelos amigos de Matti. «Teppo» viu-se logo com um tambor enfiado no pescoço, sem saber que fazer dele; «Mirri», o bichano cinzento, começou a brincar com uma bola vermelha; ao passo que «Musti», mais grave e mais comilão, trincava caramelos cor-de-rosa. De repente, porém, para acabar a festa, o pai voltou-se para o filho e disse-lhe:

—Matti, eis-te um homenzinho. Amanhã, acompanhar-nos-ás, a mim e a tua mãe, ás festas da igreja.

Matti pulou de alegria.

—Eh! — gritou ele—Eh! «Musti», «Mirri» e «Teppo», oiçam bem! Amanhã vou á igreja da aldeia! Tomaremos o grande trenó, atravessaremos o lago gelado e ouvirei os lindos canticos do Natal!

Os bichos, porém, ficaram calados, de cauda entre as pernas. Baixando as orelhas, grossas lágrimas rolaram dos olhos graves de «Musti». «Teppo» tinha um ar triste e sombrio.

E, assim, o resto do serão se passou já sem alegria. Matti, tomado de uma tristeza indefinivel, desvelava-se em volta dos seus amigos silenciosos, acariciando o lombo cinzento de «Mirri», as costas negras de «Musti». Por um instante, montou «Teppo», para lhe mostrar que era agora e sempre um bom e bravo corcel. Mas a mesma mortificação arrefecia o cão, o gato e o cavalo de madeira.

—Mas que tendes vós, afinal—gritou Matti inquieto—que é que vocês têm?

«Mirri» olhou «Musti» pelo canto do olho e «Musti» olhou «Mirri». Finalmente, o cão disse com tristeza na linguagem do seu olhar:

—Escuta, Matti, se tu amanhã vais á igreja, nós vamos, portanto, ficar em casa sem ti e, bem vês, como nos vamos aborrecer...

Matti não respondeu mas ficou com um certo ar sonhador. E, á hora a que as crianças inteligentes vão para a cama, os quatro amigos entraram no quarto em silêncio. Matti beijou ternamente «Musti», «Mirri» e «Teppo» que, sobre a colcha, deixou uma grossa camada da pasta do seu dorso. Mas «Teppo» parecia repelir a caricia do seu senhor; aos pés da cama, o gato «Mirri», em lugar de adormecer num ronrom doce, rolava na sombra os seus olhos fosforescentes.

Matti, por sua vez, continuava acordado. Não podendo mais, sentou-se na cama e murmurou:

—«Mirri» e «Musti», vocês estão a dormir?

Os dois saltaram para a cama, como se dissessem:

—Ainda não!

Com o coração a bater fortemente, Matti começou:

—Oiçam, tenho uma coisa importante para lhes dizer.

«Mirri» espetou as orelhas ponteagudas e «Musti» aproximou-se mais...

—Pensei, continuou Matti, que devemos ir juntos ás festas do Natal. Naturalmente, o pai e a mãe não querem. Portanto, é preciso ir sem eles.

«Musti» aprovou, acenando com a cabeça e «Mirri» miou docemente. Era como se dissessem:

—Sim, Matti, sem eles...

—Mas—conitnuou o rapazinho—é preciso organizar a nossa viagem. Eu nunca fui á igreja e, com certeza, era capaz de me perder, antes de chegar á aldeia. Mas tu, «Musti», não seguiste, muitas vezes, até lá o trenó do meu pai? Portanto, hás-de conhecer o caminho...

O cão negro, num momento de tamanha importancia, readquiru o uso da palavra, tal como há milhões de anos seus avós, e disse ,então:

—Sim, Matti, conheço o caminho. São, pelo menos, uns quatro quilómetros.

—Tanto, quatro quilómetros!—suspirou o menino, sem se mostrar surpreso do dom da fala do amigo.—Para ti, naturalmente, não é muito. Tens as pernas compridas e andas depressa. Mas «Mirri», coitado, como vai ele fazer quatro quilómetros?

—Miau, miau!—murmurou o gato que falou, por sua vez.—Eu os farei, sem dificuldade! Eu os farei sem dificuldade!

—E «Teppo», como poderei levá-lo tanto tempo, sem cair cansado sobre a neve gelada?—gritou Matti desgostoso.—A não ser que tu, «Musti», meu rico cãozinho, fosses capaz de o levar ás costas, quando eu não puder...

O cão reflectiu um instante e disse:

—Não, Matti, tive uma ideia. Vou á cavalariça buscar uma corda. Prendes uma ponta ao meu pescoço e a outra ao pescoço de «Teppo». Montas o teu cavalinho e levas «Mirri» ao colo. Então, eu levá-los-ei, como se fossem de trenó. Não é verdade que estás habituado a patinar com «Teppo» do cimo ao fundo da colina?

—E' verdade, sim, é verdade!—gritou Matti, todo contente.

E apertou nos braços o pescoço do valente «Musti».

Depressa, depois, tudo ficou calmo no quarto que um raio de luar iluminou. Até que, ao primeiro cócórócó do galo, o cão, que não tinha pregado olho, para estar pronto, antes que se levantassem os senhores de Tapiola, se aproximou do leito, docemente, e bateu com a patita na cabeça encaracolada de Matti e no «casaco» de peles grossas de «Mirri»:

—Bom dia, amigos—disse em voz baixa—feliz Natal! Acordo-vos ainda um pouco cedo mas é preciso ver que Matti, sem a mamã, deve demorar-se um pouco mais a arranjar-se.

O pequeno deitou-se logo da cama abaixo, lavando-se mais ou menos como devia; o cão manteve-se a seu lado, de pé, sobre as patas traseiras, estendendo-lhe a toalha, enquanto «Mirri», com a cauda, perto da cama, ia esfregando as botas do seu amo e senhor.

Tudo ia caminhando admiràvelmente, apesar do casaco e o sobretudo ficarem abotoados um pouco de través e os caracois não estarem lá muito bem penteados. Enquanto o rapazinho acabava os seus ultimos preparativos, o cão, depois de atravessar a casa numa visita de inspecção, corria á cavalariça, retirava uma corda e, regressando ao quarto, anunciava:

—Vamos, depressa, os teus pais já andam no quarto, o criado Tauno já tirou o trenó e abriu o portão! Vamos!

Os quatro amigos saem em bicos de pés e ás apalpadelas e, na penumbra da manhã, a curiosa excursão assim se organiza. Lá vai «Mirri», o pequeno gato cinzento que ronrona alegre nos braços de Matti e lá vai Matti a cavalo nas fortes costas de «Teppo» puxado com toda a força, pelo valente «Musti»!

—Hué, meu cão!—grita Matti.

E deslisam na superficie gelada, sobre a estrada branca e áquela hora ainda silenciosa.

Entretanto, na quinta, reinam enorme confusão e uma desolação sem medida...

—Vamos, Matti, está na hora—tinha dito a mamã, entrando no quarto do seu filhinho, para o acordar.

Mas nenhuns bracitos rosados se tinham estendido para ela; a cama, em desordem, estava vazia. Nada de Matti, nada de «Musti», nada de «Mirri», nada de «Teppo»! E a casa foi vasculhada de alto a baixo, gritando-se e chamando-se em vão. Finalmente, o pai atrelou o trenó, sem saber, no seu desespero, que caminho havia de seguir. Até que, tendo apenas percorrido uns duzentos metros, a caminho da aldeia, descobriu, lá ao longe, qualquer coisa redonda, terminando num «bonet» aguçado, que desfilava a toda a velocidade de um cavalo que não devia ser mais alto do que três maçãs... Depressa os alcançou e, mais depressa ainda, o pai, sem saber se devia estar contente ou ralhar com o petiz, foi levá-lo á mãe desolada.

Tomando-o nos braços, a mamã perguntou-lhe, então, porque fizera aquilo. Mas Matti, lavado em lágrimas, ficou silencioso, sem querer responder e olhando os amigos infelizes e envergonhados. A alegria dos quatro foi, porém, bem grande, quando o senhor de Tapiola, depois de ter içado o pequeno no grande trenó, perto da mamã, ali colocou, igualmente, «Mirri» e «Teppo».

Desta vez, a familia inteira deslizou sobre o caminho da igreja, enquanto «Musti», alegremente, seguia o grande cavalo na corrida.

O caminho pareceu curto a todos. Depressa chegaram á igreja, onde as chamas claras de mil velas e a voz perturbante da musica encantaram Matti. Agora, tinha a certeza de que também os seus amigos viam e ouviam tanta coisa maravilhosa. «Musti», com efeito, tinha-se deitado, com ar inteligente, aos pés do rapazinho que tinha o seu cavalito de madeira entre os joelhos, enquanto «Mirri», feito numa bola, se enroscara sob a grossa e quente peliça do papá...

Para os leitores pequeninos

Um conto da escritora finlandesa HILDA HUNTUVUORI

Os nossos presépios

(Continuação da 17.ª página)

rando o Rei dos reis e ofertando-lhe a mirra, o incenso e o ouro.

Foi vasta a série dos presépios que houvemos, alguns de grandes dimensões, com figuras de côvado na altura e outros pequenos, com esculturas minusculas, para oratórios de cela ou sala burguesa. De muitos há notícias e de outros apenas nos restam fragmentos arquivados em colecções e em museus. Nos Paços Reais, foram estimados por D. João V, por D. José, pelo principe Pedro Carlos e por D. João VI, e também são famosos os dos solares do marquês de Belas e do marquês de Borba, assim como o do jardim da casa dos Porto-Côvos. Nos mosteiros e igrejas, basílicas e ermidas, tivemo-los numerosos, muitos se havendo destruido, desaparecendo as belíssimas esculturas que os compunham. Desde Alcobaça a Almoster, dos Jerónimos á cartuxa de Laveiras, do convento do Desagravo ao da Esperança, quantos se desfizeram e perderam, devido ao vandalismo bárbaro dos homens! Poucos se conservam em seus lugares, na capela da Senhora do Monte, nas igrejas da Graça, dos Mártires e da Estrela, na Sé de Lisboa e em Santo António dos Capuchos, tendo recolhido um excelente nucleo ao Museu das Janelas Verdes, como muitas imagens de outros que se salvaram do calamitoso vandalismo. Dos mais belos, citaremos os da Madre de Deus, de S. Vicente de Fora, das Necessidades e do Sacramento.

Lisboa foi, particularmente, o grande laboratório dessas maravilhosas obras, resguardadas em maquinetas e redomas, em armaretes e camarins, algumas armadas com centenas de figurantes, e outras mais simples, como a do Rato, apenas com a composição da Natividade na sombra do curral, mas de igual ternura na sua execução. É de justiça venerarmos como peças de arte popular os que foram concebidos por ignorados barristas, assim como os de caracter freirático, engalanados com musgos e escumilhas, avencas secas e torrões de cortiça, flores e buzios dourados, torres de papelão pintado, rebanhos modelados em cera, os Reis vestidos com cetins e a Família Sagrada esculpida em marfim, com a mangedoura revestida de coral. De importação franciscana o culto do Presépio, o certo é que ao adaptar-se á fé e ao gosto artístico dos Portugueses, ele fundou sentimental tradição, hoje um tanto esquecida, mas que ainda encanta deveras as crianças que os vêem nos museus, mais do que os embrulhos misteriosos da pobre árvore do Natal, cujas raizes são estrangeiras e estimulam cubiças interesseiras na inocência dos nossos filhos.

Bendita seja a devoção e a arte dos presépios! —DIOGO DE MACEDO.